

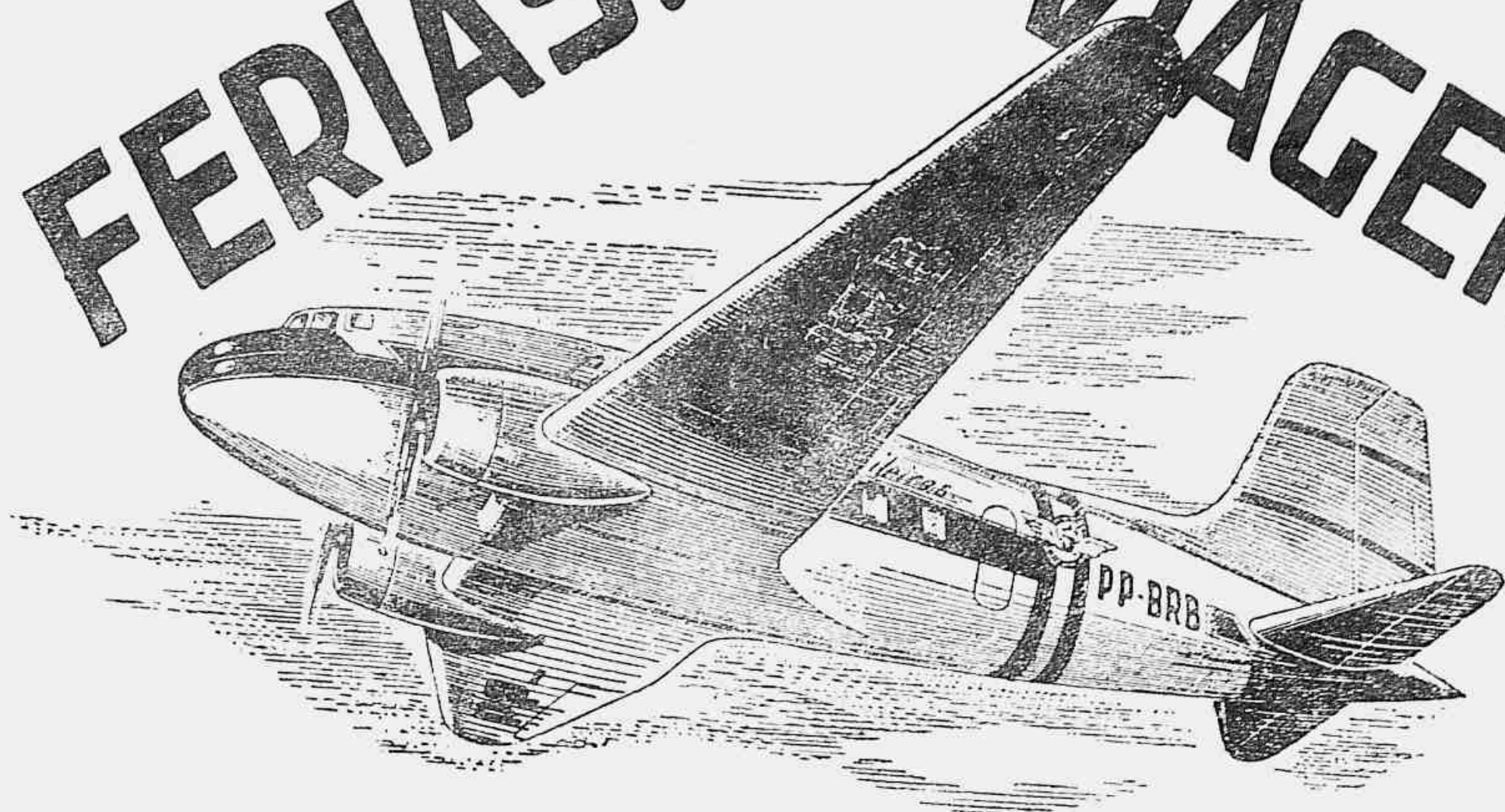
REVISTA DA SEMANA

Nº 6 ★ 5-2-49

Cr\$ 300 EM TODO O BRASIL



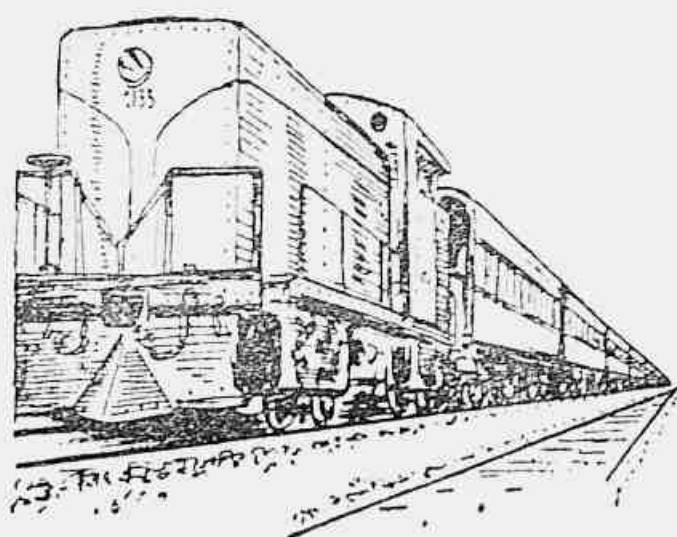
FÉRIAS. VIAGEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA
AMERICANA**

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
— Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Carnaval de ontem e de hoje.

O carnaval de ontem!... Que encanto, que pitoresco e que graça na pagodeira frívola e endemoninhada! Aqui ou alhures — no norte, no centro ou no sul — era uma e a mesma alegria. O "Zé-Pereira" estrondando nas ruas. Mascarados por toda parte. A crítica hilariante e zombeteira despertando o bom-humor da platéia e a cólera impotente dos criticados. Os dominós misteriosos. Os arlequins indecifráveis. Os pierrots e colombinas apaixonados, desafiando, por trás da meia-máscara, a argúcia dos bisbilhoteiros. Carnaval de rua sem programa, sem ornamentações oficiais, sem leis coercitivas e proibitórias, sem choques policiais, sem a imagem permanente de desastres e tragédias — à vista das ambulâncias e postos de socorro urgente que ora gritam em todas as esquinas da cidade.

★

Carnaval do Norte, puxado a frevo e maracatu. Os "Turunas de Olinda" se derretendo, de guarda-chuva aberto, no "passo da ema", no "passo do sericongado", no "passo do jaburu". Os "Eambas Paraibanos" cumprindo a legenda heróica: "Quem é bom já nasce feito"! Os "Dungas do Ceará" gritando aos quatro ventos: "Quem for podre que se quebre"! O Maranhão pegando fogo nos bailes do Cassino ou no ruge-ruge do Teatro Artur Azevedo. O Pará se acabando no Largo da Pólvora. Tudo isso se repetindo no Amazonas, em Alagoas e Sergipe. Crescendo no Rio Grande do Norte. Estourando no Clube dos Diários, de Teresina do Piauí.

★

Carnaval de canções ingênuas... Satíricas, porém decentes:

"Papagaio louro
do bico dourado,
tu falavas tanto
e qual é a razão
de hoje andar calado."

Carnaval de músicas honestas que não furtavam compassos às outras músicas. Folgado inocente de basbaques e papangus que, travestidos, se divertiam indagando dos circunstantes, com voz em falsete: "Você me conhece?". Alegria pura que lavava a alma, enxaguava o coração, arrancava as telas de aranha da memória e as casas de besouro da consciência. Delírio sem maldade e bem-comportado, que não ofendia o pudor dos menores, nem escandalizava os moralistas da época.

★

Mas isso foi ontem. Quando o carnaval, como tudo no Brasil, era coisa da terra. Quando "decôro" ainda era uma palavra de uso corrente. Quando a gente brincava pelo prazer de se divertir e não de divertir os turistas. E a folia era um patrimônio de todos e não das "escolas de samba". E o samba escorria sem malícia da boca de todo mundo e não apenas do morro. E havia encanto no **travesti**, espírito no criticar, sinceridade na expansão.

Hoje, carnaval é deboche, bacanal, dissolução. Apresenta-se na rua como uma parada de invertidos sexuais. Uma multidão de sujeitos metidos em saíotes, peludos e de cara limpa, grudada a uma legião de mulheres em trajes masculinos suadíssimos, dominam a folia em todos os recantos urbanos. Desce dos morros uma sujeira incrível. A negrada invade tudo, toma conta de tudo, degenera tudo, empurra os que querem divertir-se com asseio para fora da cidade e transforma o frevo em verdadeira loucura senegalesca.

★

Onde a poesia dos confetis, o lirismo das serpentinas, a galanteria dos lança-perfumes? Onde o famoso Baile de Máscaras, em que tudo era romance, mistério e segredo? Onde a paixão que nos despertava uma figura imprecisa de mulher, velada pelo disfarce, identificável, apenas, pela singularidade da fantasia: — A Dama da luva preta, a Grega de cabelos louros, a Escrava de sandálias de prata? Onde a surpresa hilariante da hora de abaixar as máscaras e a ânsia e a revolta da gente verificar que o Dominó amarelo, que nos tentava, fugiu, para nos prender ainda mais no seu mistério?...

★

Onde tudo isso, meus amigos? Unicamente na memória do tempo! Do tempo que matou a espiritualidade do carnaval. Que reduziu a folia a uma demonstração obscena de sensualismo. Que despiu por dentro e por fora homens e mulheres, para que mostrem, de cara limpa, como é ridícula e grotesca a materialidade humana. E troquem o sonho pela libidinagem. E transformem num vício torpe a fidalguia do lança-perfume. E se fantasiem com os próprios pêlos. E se divirtam mexendo com o ventre ou com os quadris!... Deixando, apenas, para os saudosistas e as crianças, as únicas reminiscências dignas do carnaval dantanho que, felizmente, não se abastardaram: — a serpentina e o confeti!

MARTINS D'ÁLVAREZ — Para «REVISTA DA SEMANA»

SEÇÕES PERMANENTES

Carnaval de ontem e de hoje (Martins d'Álvarez)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	55
LITERATURA	
Livros novos (João Luso)	10
CARICATURA	
Bom humor	11
REPORTAGENS	
Manuel Santiago, deformador dos inimigos (A. Migueis)	4/ 7
Um salto de Ubá à Holanda (W. Guarnieri)	12
A vida do maior jóquei do mundo (Harold Green)	29/33
A tragédia da mulher na medicina (S. Spencer)	56/57
BIOGRAFIA	
A vida de Mme. Curie	18
SUPLEMENTO DA MULHER	
Nos bastidores femininos	19
Verão em Paris	21
Para as grandes noites	22
Grandes modelos	24
Se você ainda não passou dos vinte	25
Inspiração Joana D'Arc	26
O encanto das "écharpes"	26/27
A beleza das formas	27
Detalhes e novidades	34/35
Week-end na cozinha	35
Mães e filhos (Anamaria Célia)	36
Interiores	36
Blusas	37
Para todas as horas	38
Para a praia	39
Ainda em moda o "pois"	40/41
CONTOS	
Regeneração (O. P. Didonet)	20
Felicidade, teu nome é esperança (G. P. de Carvalho)	42
BROADCAST	
Locutores (A. Migueis)	43
NOVELA	
Os três suspeitos (Edgar Dempsey) ..	44/45
TURISMO	
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46
AVIAÇÃO	
Pelas estradas do céu (André Max) ..	47
TEATRO	
1948 no teatro (José Fomm)	48
MÚSICA	
Desnazificação de músicos (Roberto Lira Filho)	49
CINEMA	
Cine-Revista	50/51
FOLHETIM	
Drago	53/54

NOSSA CAPA

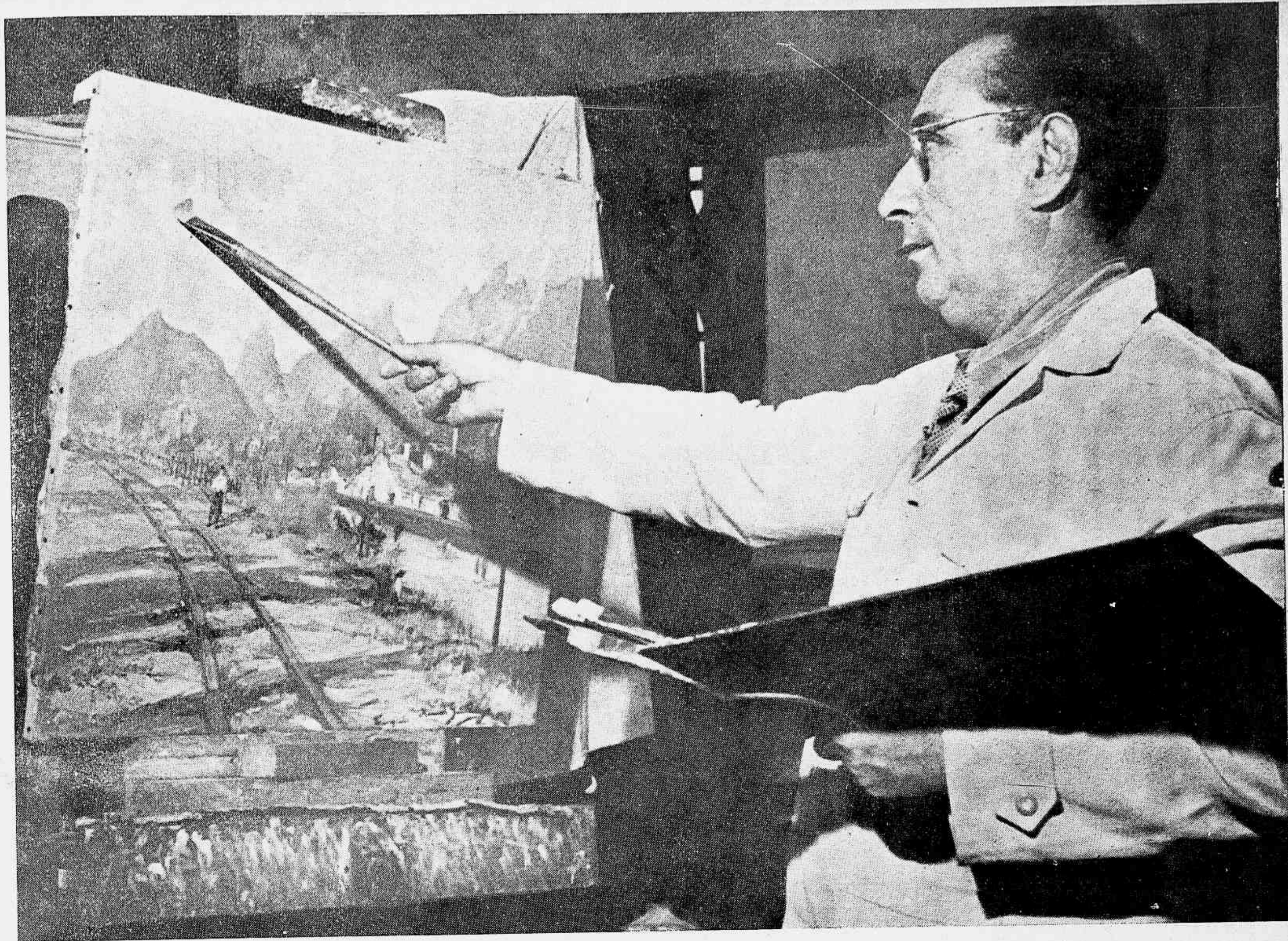


Ingrid Bergman, uma das mais encantadoras e talentosas "estrelas" de Hollywood, é a figura que ilustra a nossa capa de hoje. Vimo-la recentemente em nossas telas em "Arco do Triunfo", contracenando com Charles Boyer. Brevemente a teremos, outra vez, entre nós, em "Joana D'Arc", uma grande produção da R.K.O.

(Foto (R.K.O.))



Enamorado do belo, o decorador da Alfândega do Rio de Janeiro não se limita às paisagens. Também os "nus" enriquecem sua bagagem plástica, espalhando-se pelas paredes de seu "atelier", à rua das Laranjeiras, onde, ao lado da esposa, trabalha em suas realizações artísticas



Terezópolis é o local predileto do esposo de Haydêa Santiago. Nos recantos aprazíveis dessa cidade, ele vai buscar motivo para seus trabalhos, como o que se vê no cavalete, sofrendo os últimos retoques. Trata-se de um trecho da estrada de ferro. Outros lugares pitorescos, de Terezópolis, figuram na coleção de trabalhos do consagrado pintor

MANUEL SANTIAGO, DEFORMADOR DOS INIMIGOS!

QUARENTA E SEIS ANOS A SERVIÇO DA ARTE DERAM-LHE A "MEDALHA DE HONRA"

Texto de
Armando MIGUEIS

Fotos de
Arnaldo VIEIRA

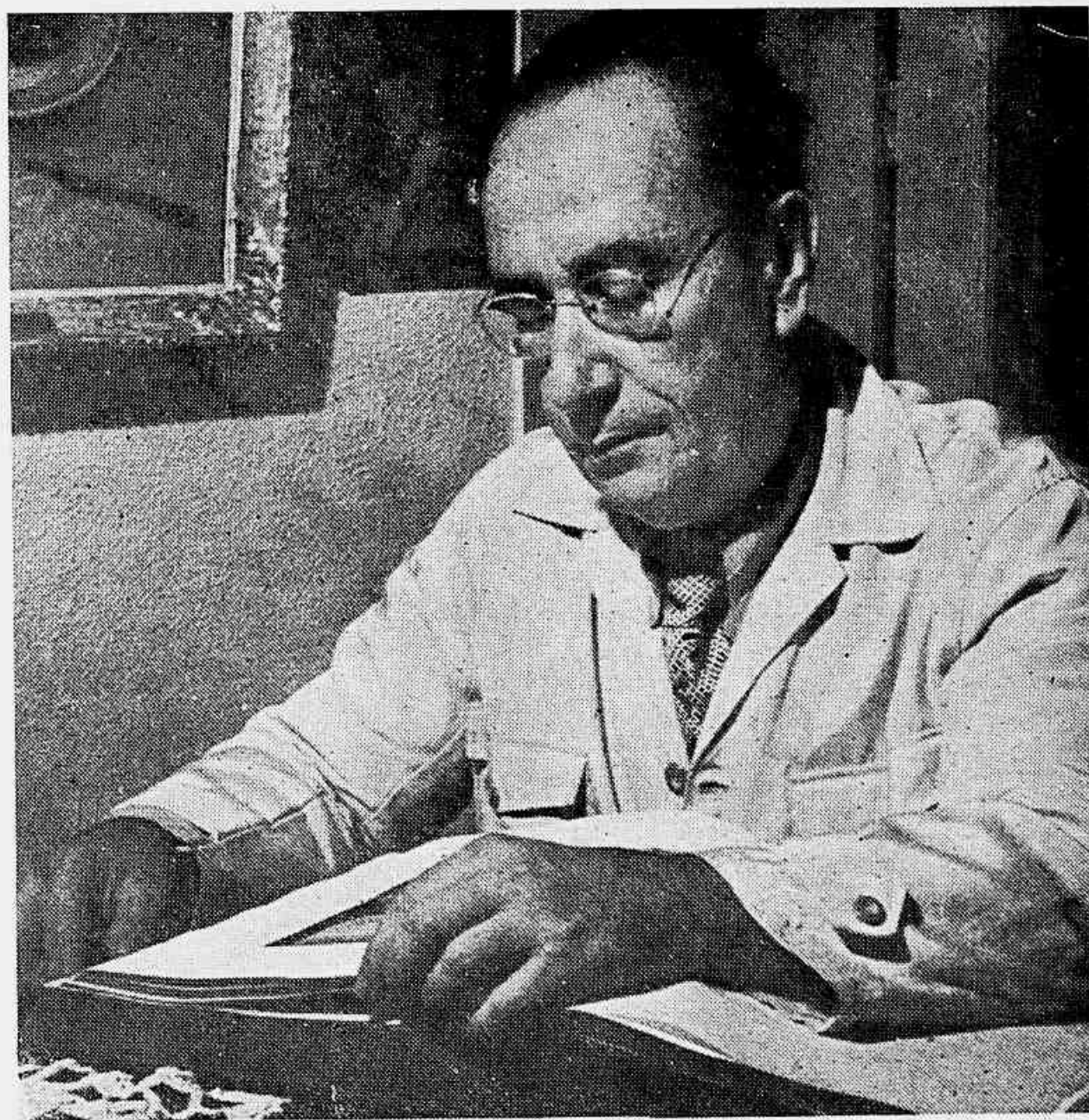
GAROTO de seis anos, Manuel da Assunção Santiago, ao invés de voltar-se para os papagaios de papel ou mesmo interessar-se pelo gude, preferiu desenhar tudo quanto lhe passasse pelas vistas. Dêsse modo, quem visitasse, numa ruazinha de Manaus, a casa de seus pais, depararia com dois retratos emoldurados, em que se lia a seguinte inscrição: "Retratos de Anízia e Manuel de Oliveira Bastos, feitos pelo menino Manuel da Assunção Santiago, aos seis anos de idade, que tudo desenha e pinta". Neste último período está explicada a luta de seus pais para evitar que os livros e paredes da vizinhança não sofressem os riscos do artista que então se revelava. Foi nessa promissora fase, quando já se fazia prever a inclinação do garoto para as belas artes, que sua família se transferiu para o Pará, matriculando-o no Colégio Progresso Paraense. Nesse estabelecimento de ensino, dando expansão ao próprio talento, ele passou a retratar e caricaturar os colegas e as babás, criados e professores. Mas quando estes não lhe eram muito simpá-

ticos, o futuro artista apegava-se aos defeitos para torná-los horrendos e ridículos, fato êsse que servia para que os colegas fizessem correr os desenhos de mão em mão, com o fito exclusivo de provocar revolta nos retratados.

Aos vinte e um anos de idade, Manuel Santiago, na qualidade de discípulo do professor Teodoro Braga, viu coroados seus primeiros esforços, ao levantar na Exposição Oficial de Desenho, realizada no Pará, o prêmio "hors concours". Já então sua pintura inclinava-se para o clássico. Dois anos mais tarde, incentivado pelos amigos, expôs na Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro, vindo a conquistar a segunda menção honrosa de sua carreira, uma vez que a primeira obteve-a com a escultura de um gatinho, quando discente do Colégio Progresso.

O esposo de Haydêa Santiago não admite ser chamado de acadêmico. Quando alguém assim o classifica, ele pondera:

— Eu não sou absolutamente acadêmico. Sempre frequentei o Salão Nacional de Belas Artes, quando só existia um "sa-



Quando os afazeres artísticos lhe permitem, Manuel Santiago procura distração no rádio, ou se deixa prender à leitura de um livro sobre arte. Foi, justamente, através dos livros, que veio a conhecer os grandes mestres, muito antes de visitar os museus da velha Europa



Lar, doce lar... Duas gerações que se encontram com os olhos voltados para a arte. Haydée e Manuel Santiago, nomes feitos. Assunção, uma promessa. Será que a vocação do menino de outrora que retratava os colegas e as babás irá exercer influência nêsse outro que vive entre quadros e tintas? Só o futuro dirá. Filho de gato é gatinho!

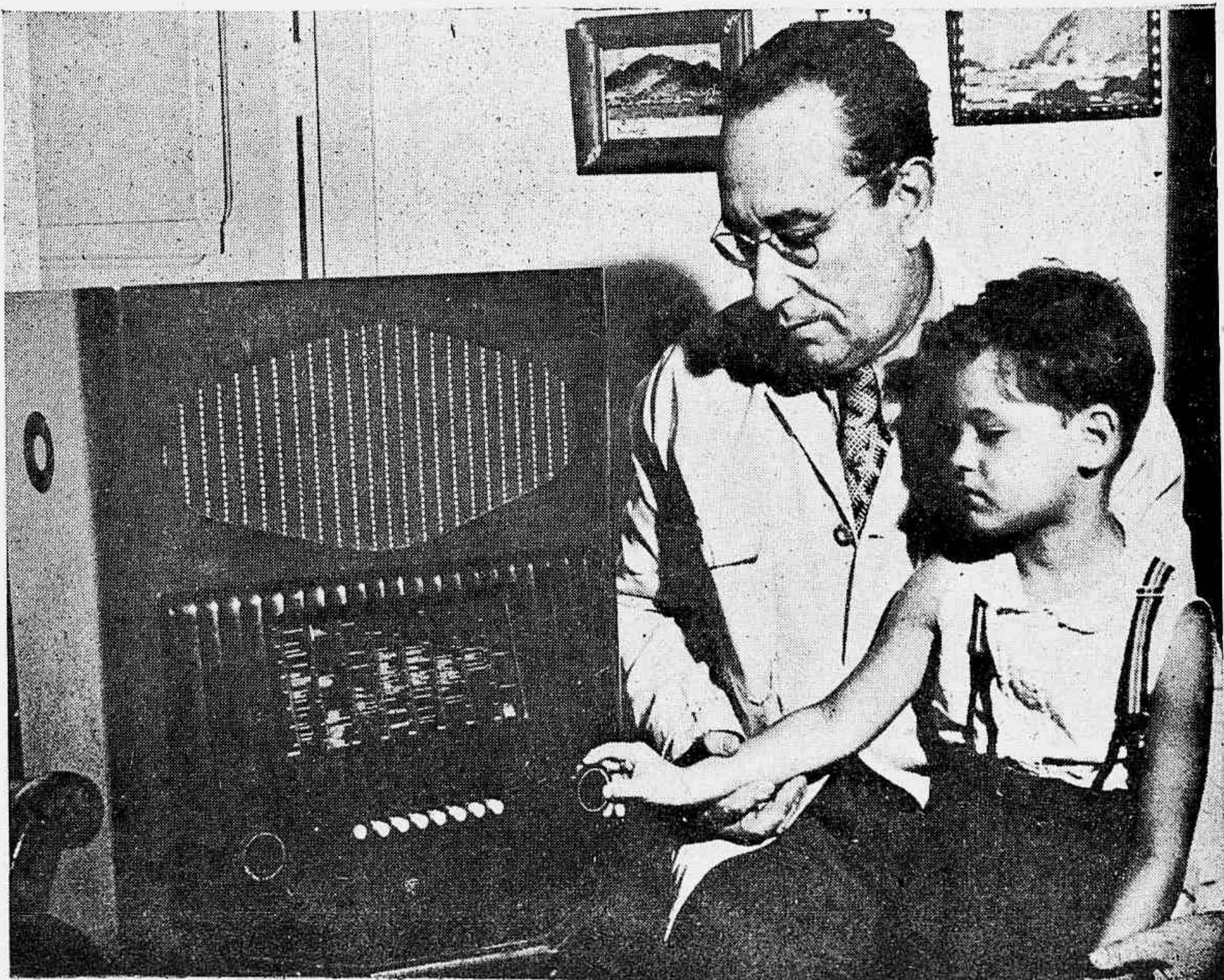
lon"; depois é que o dividiram em dois: modernos e clássicos. Continuei no lugar onde já estava acostumado a expor e onde obtive todas as premiações, a não ser a "medalha de honra", que é uma premiação especial votada pelos dois grupos.

A propósito dessa última láurea, prêmio máximo da carreira de um pintor, temos a revelar que Santiago a conquistou com a votação dos artistas modernos e quase todos os grandes clássicos. Nenhum acadêmico, na expressão da palavra, deu-lhe o voto. Tamanha vitória para quem há quarenta e seis anos se dedica às paletas e aos pincéis, deveria ter, como teve, uma sensação fora do comum. Daí o colhermos a palavra do próprio laureado, que assim se expressou:

— Para mim foi uma grande satisfação. E sobretudo porque a votação foi quase unânime de ambos os salões. A maior já alcançada. E concernente a artistas de tão grande merecimento.

"Agora meço a responsabilidade e tenho de trabalhar para produzir sempre na altura daqueles que me conferiram tão honroso prêmio. Não quero que a minha "medalha de honra" seja uma aposentadoria e sim um estímulo para produzir cada vez mais e melhor.

Junto ao filhinho, um esperto garoto de cinco anos, que, tal como o pai, também gosta de fazer garatujas, Manuel Santiago ouviu a "Hora do Angelus", de Júlio Louzada. Acontece, porém, que é Assunção — assim se chama o garoto — quem liga o receptor



Conquanto esse prêmio represente um acontecimento na carreira de Manuel Santiago, nem por isso figura como a mais grata de suas emoções. Esta foi a conquista do "Prêmio de Viagem à Europa", levantado no ano de 1927, quando também sua esposa obteve a "medalha de honra". Absorvido pela vitória alcançada, o artista confessa:

— Fiquei dias, noites e noites sem dormir, cheio de emoção, pensando como deveria começar os meus estudos para obter melhor compreensão de uma arte como a pintura, que eu deveria realizar melhor amanhã com o conhecimento do "métier", como fizeram estes gigantes que eu conhecia bem através das suas obras-primas dos museus e que já eram meus mestres.

— Qual a primeira cidade que escolheu para trabalhar?

— Foi justamente a maior: Paris. Todos os dias tinha gratas emoções por me achar nesse ambiente a quem devo quase todo o meu desenvolvimento artístico. Tive a felicidade de ser casado com Haydée, que era também uma companheira das mesmas emoções e com igual preocupação de arte. Não parávamos de trabalhar e éramos felizes. Durante mais de cinco anos vivemos em Paris e viajando por toda a Europa.

Durante sua permanência no continente europeu, o artista amazonense expôs na "Société Coloniale au Salon des Artistes Français", recebendo de Louis Biloul, presidente do júri de pintura do "Salon des Artistes Français", estas consagradoras palavras: "Manuel Santiago é trabalhador encarnado e dotado de qualidades as mais invejáveis. Nasceu pintor".

Também no "Salon des Tuileries", ao enviar seus trabalhos ao júri de seleção, dois membros do mesmo, depois de o autorizarem a enviar mais dois quadros seus sem júri, assim se manifestaram: "Isto é que é pintura moderna com qualidades raras de matéria". Depois de tamanhas consagrações, o festejado pintor regressou ao Brasil, vindo encontrar aqui, em plena florescência, o "Núcleo Bernardelli", onde se congregava a nova geração artística. Logo filiou-se ao mesmo, tornando-se, mais tarde, seu presidente e professor. A influência exercida por Santiago nessa agremiação teve a coroação o aparecimento de promissores artistas, alguns dos quais levantaram prêmios nos Salões, moderno e clássico. Daí a razão de procurarmos conhecer a opinião do mestre sobre a pintura moderna.

— Não existe pintura moderna nem clássica. O que existe, para mim, é boa e má pintura. Tanto na Divisão Moderna como na Clássica, têm bons artistas e maus artistas.

"Este ano já houve uma tentativa para fazer um Salão único dos melhores tra-

balhos. E isto só não se realizou, definitivamente, porque houve incompreensão e política dos artistas de ambos os lados. Mas com o tempo, e com a colaboração do sr. Rodrigo de Melo Franco, é bem possível que tenhamos esta vitória sem ofender os melindres dos "hors concours" e dos direitos adquiridos.

"Tanto no moderno como no clássico, existem os falsos valores. São artistas que copiam as formas e maneiras das grandes personalidades artísticas. A imitação é característica para se imporem em grupos. Esquecem que o que vale em arte é a personalidade.

E Manuel Santiago, sem nos dar tempo a outra pergunta, passa a falar do seu ideal na arte, afirmando ser...

— ...trabalhar sempre, estudando para fazer uma pintura que seja compreendida por aqueles que entendam do "métier". Sim, porque a pintura fácil e de compreensão superficial, só pelo assunto, morre depois de realizado o seu intento ou passada à moda fútil.

"A pintura tem de atravessar os séculos. Ser cada vez mais admirada e sentida pelas suas qualidades pictóricas de matéria e solidez. Um Rembrandt e Velasquez é sempre novo para aqueles que amam a arte pela arte. As suas pinturas, ricas de saborosas pastas, são sempre uma lição para aqueles que querem alcançar a imortalidade.

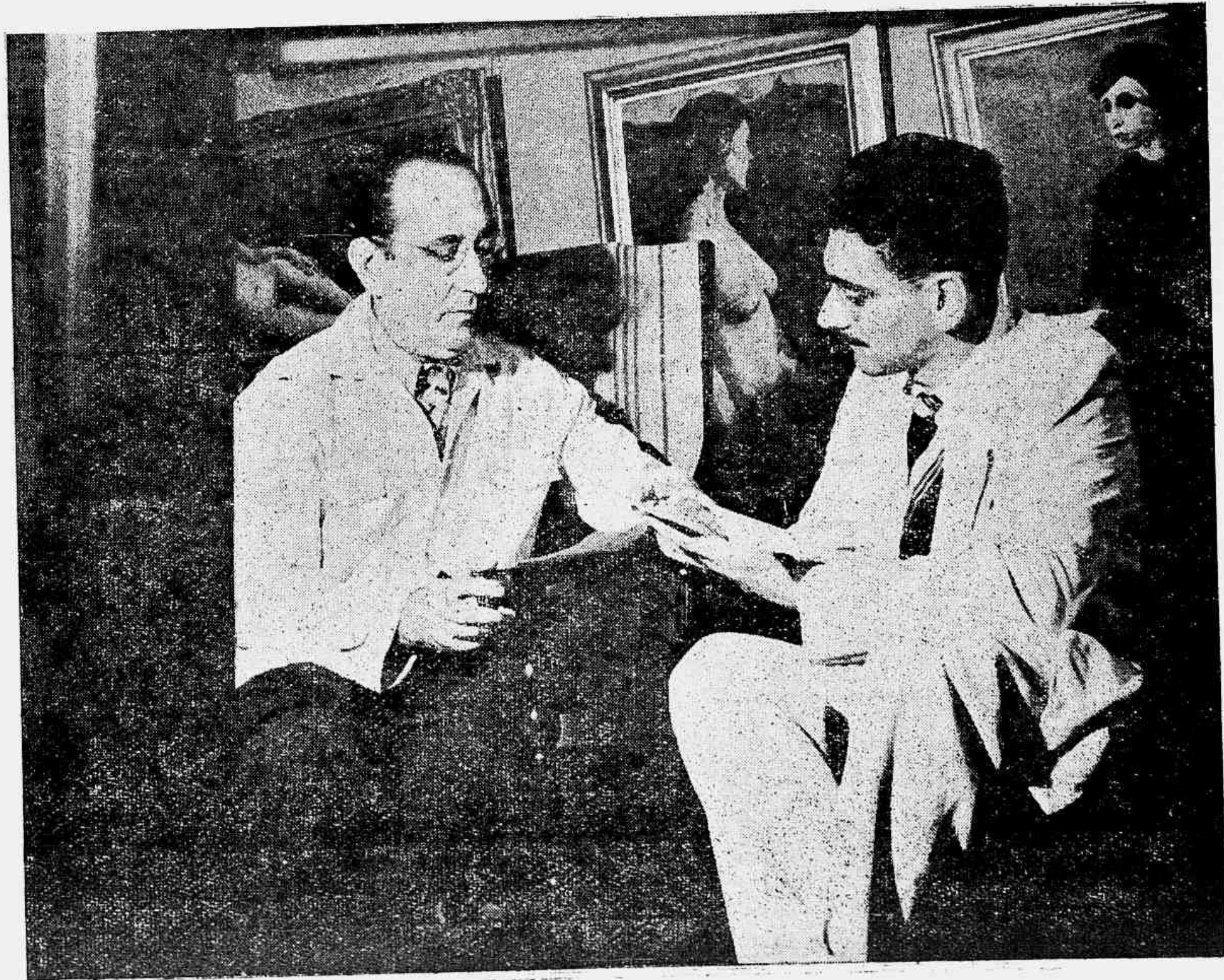
"Não quero dizer com isto que copiando o antigo num mestre o seu ambiente seja o caminho para ser um grande artista. Não; é preciso que o pintor trabalhe na sua pesquisa pessoal dentro das suas possibilidades de inteligência, observação e dentro da nossa época. Só assim teremos um verdadeiro artista.

Conservando o amor pelas boas obras, o laureado do quinquagésimo terceiro Salão Nacional de Belas Artes, transformou seu apartamento da rua das Laranjeiras, numa riquíssima galeria. Ao lado de um Osvaldo Teixeira dos primeiros tempos, vê-se um belíssimo trabalho de Visconti. Também Amodeo figura na sala de visitas do casal Santiago, sem contarmos muitos outros nomes de relevo nas artes plásticas brasileiras. E' nessa mesma sala, quando os afazeres artísticos lhe permitem, que o consagrado pintor ouve rádio, quando não se deixa envolver pela leitura de um livro. Ainda nesse recanto aprazível ele palestra com os amigos, abordando assuntos ligados ao movimento artístico que, a seu ver:

— Tem progredido muito. Basta ver o aumento do número de expositores no Salão. E' verdade que a liberdade que se oferece atualmente não é a mesma de antigamente. Qualquer manifestação artística, mesmo que ela se apresente sem o menor equilíbrio de forma, poderá ser acatada e recebida. Não creio que possa



Tintas... Paletas... Pincéis... eis a grande preocupação do pintor amazonense, que acaba de ser distinguido no 53.º Salão Nacional de Belas Artes, com a laurea máxima que um artista pode ambicionar: a "medalha de honra". E' desse aglomerado de coisas que sai o elemento básico à realização de uma obra de arte



prejudicar, pois é preciso notar que o tempo é o crítico implacável e tudo coloca no seu devido lugar.

"Antigamente, a pessoa que desejava ser artista entrava para a Escola de Belas Artes ou procurava o "atelier" de um mestre para estudar, tinha a época de aprendizagem e estudos, o que não se verifica hoje. Eles entram como quem procura um emprego e tudo que fazem é para vender e fazer profissão da arte. Daí procuram os críticos amigos, mediocres também, para elogiarem um novo artista.

"E' mais ou menos isto o que está se passando no Brasil. Mas, apesar de tudo, há sempre grande progresso e ótimos artistas.

Criatura de hábitos moderados, vivendo para a família e para a arte, Manuel Santiago desempenha funções no Ministério da Fazenda. Com cinquenta e dois anos de idade, pois nasceu no decorrer de 1897, na cidade de Manaus, ele é pai de um esperto garoto que, segundo tudo faz crer, promete não desdizer o conhecido adágio popular: "Filho de peixe, peixinho é". E' sócio benemérito da Sociedade Brasileira de Belas Artes e possui apreciável número de trabalhos nas principais repartições públicas, além dos que se acham na Embaixada do Brasil em Washington.

"Eu não sou absolutamente acadêmico", dizendo isso, Manuel Santiago mostramos a opinião do crítico francês Alberto Bernard, que considerou sua pintura moderna, com qualidades raras e materiais. E, os modernistas, reconhecendo esse fato, votaram em massa a concessão da "medalha de honra" ao laureado artista

A black and white portrait photograph of a man with dark, wavy hair, wearing a suit jacket, white shirt, and dark tie. He is looking slightly to the right.

A sublevação do país vizinho é um sintoma de que em muitas nações latino-americanas a vida democrática não se consolidou, o que resulta nesses pronunciamentos, raramente pacíficos como o da madrugada do dia 30 de janeiro no Paraguai.

a Semana **EM REVISTA**

BOA IDÉIA Divulga-se uma notícia digna de todos os aplausos. Vários deputados estão elaborando um projeto de lei a ser apresentado à Câmara, no sentido de transferir-se a sede de cada uma das autarquias de natureza econômica, do Rio para as respectivas zonas de sua influência e interesses naturais. Muito bem! Custamos a acertar nessas coisas de boa administração; mas de quando em quando surge uma idéia acertada. Não pode haver nada mais esdrúxulo do que os Institutos do Pinho, do Açúcar, do Mate, do Sal, estarem com sedes no Rio; nada mais impróprio do que as sedes das Companhias "Vale do Rio Doce", "Hidráulica do S. Francisco", "Serviço Nacional do Rio da Prata", "Serviço de Proteção aos Índios", continuarem na Capital Federal. O lógico, o justo, seria: "Instituto do Pinho", ir para o Estado do Paraná; o do Açúcar, lá para Pernambuco; o do Mate, Paraná ou Santa Catarina; o do Sal, para o Rio Grande do Norte; a Companhia Vale do Rio Doce, para Vitória; a do S. Francisco, para Sergipe ou Alagoas; a do Rio da Prata, para Mato Grosso; o Serviço de Proteção aos Índios, também para Mato Grosso ou Goiás. Duas grandes conveniências haveria nessa reforma. A primeira, porque cada macaco em seu galho; a segunda, era que não haveria mais esse desejo louco de todo mundo vir dos Estados em busca de colocação em todos esses Institutos, com o exclusivo desejo de residir no Rio e trabalhar pouco. Há quem diga estar num deles à disposição do seu presidente, trabalhando um dia e descansando seis! A idéia desses deputados é tão louvável que até parece um sonho. A administração brasileira vive com a plethora de funcionalismo entupindo o Rio e cada vez chegando mais. Vamos corrigir o erro.

REVISTA DA SEMANA

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados.

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES ★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Pequim rende-se às forças comunistas. Diz o diretor do Escritório Comercial do governo brasileiro em Nova York que a balança comercial entre o Brasil e os Estados Unidos foi favorável ao nosso país, no mês de novembro passado. Norton de Matos viaja para o Porto, escoltado por policiais. Paraná e Santa Catarina já estão sendo cobertos de DDT. Seguem para Londres dois membros da missão financeira que tratará da encampação da Leopoldina. Reclamam melhores condições de trabalho os empregados das Docas de Santos. Chega ao Rio o promotor da cruzada do "Anjo das Crianças". Um menino de 15 anos, apenas com dez dias de emprego furtou a importância de Cr\$ 15.000,00, numa alfaiataria da rua do Ouvidor. Empréstimo de 200 milhões de cruzeiros para o D.N.E.R., para o serviço de pavimentação da rodovia Rio-São Paulo. Bevin convoca as nações anti-comunistas do mundo. Aliança política, econômica e militar soviética com seus satélites. Acusados de corrupção dois vultos altamente colocados no governo trabalhista inglês. Criado, em Washington, um curso de socorro atômico para os médicos. Diz um porta-voz do exército comunista chinês que não haverá transação possível quanto aos criminosos de guerra. Assis-tirão ao Carnaval no Rio cerca de mil turistas norte-americanos. Irá ao Pará o sr. Ademar de Barros. Vão ser dedetizados o Vale do Tocantins e 42 novos municípios de Goiás. Festivamente recebido no Rio o "Anjo das Crianças". Uma jovem paulista depois de realizada a cerimônia de casamento abandonou o marido e fugiu com o antigo noivo. Anunciada a próxima visita do presidente Dutra aos Estados Unidos. Querem os comunistas chineses a prisão de Chiang Kai-Shek. Ameaça do ministro da Guerra do governo português aos adeptos do general Norton de Matos. Acelerado pelo governo o armazenamento de materiais de guerra dos Estados Unidos. A Marinha nacional toma medidas preventivas em face do anunciado surto de gripe. Um morto e quatro feridos no desastre do noturno mineiro. Novo tabelamento para as tinturarias. Envia os nacionalistas emissários de paz a Pequim. Salvo Sumner Welles, que esteve a ponto de perder os pés e as mãos. O presidente Peron pediu, em discurso na Assembléia Constituinte, a reforma da Constituição Argentina de 1853. Proibido pela polícia carioca um comício anunciado pelo Centro de Defesa do Petróleo. Em discussão, no Senado Federal, o projeto sobre o seguro agrário. Conferenciam os chefes das forças armadas portuguesas. O Banco Internacional de Construção e Fomento concedeu à Light um empréstimo de 75 milhões de dólares. Enérgica censura de um juiz sobre a desorganização dos serviços públicos, particularmente os da Polícia Civil. Um débil mental tenta matar três pessoas em plena avenida Rio Branco. Não modificará o prefeito sua decisão sobre as passagens de bondes. Julgado pelo S. T. F. o recurso dos empregados da "Tribuna Popular", concedendo "habeas-corpus". Em estudos no Ministério do Trabalho o aumento do salário mínimo em todo o País. Liberado o preço das bebidas em São Paulo. Aceitas pelos nacionalistas as condições de paz impostas pelos comunistas chineses. Celebrou a Light a concessão do empréstimo, fazendo exhibir em Washington um filme preparado por aquela empresa, intitulado "Brasil moderno". Anunciadas perturbações nas recepções de rádio no mundo inteiro, atribuídas a uma grande mancha no Sol. Colidiram dois navios de refugiados chineses, resultando elevado número de mortos. Parecer contrário, do Senado, ao pedido de informações do S. T. F. sobre o mandado de segurança contra o aumento de subsídios. Completada a votação do projeto que libera os bens dos súditos do Eixo. Anunciado em Chicago o emprego de nova técnica na cirurgia cardíaca. Efetivados numerosos funcionários extranumerários mensa-listas da Prefeitura do Distrito Federal. Foram realizados estudos pela Prefeitura para desapropriação dos edifícios onde funcionam escolas e colégios particulares, a fim de evitar as ações de despejo. Chove torren-cialmente em todo o norte do Estado de Minas, estando ameaçada pelas águas do rio S. Francisco a cidade de Pirapora. Várias barreiras tom-baram na linha do Centro da E.F.C.B. Organizado um governo de coalizão no Estado de Israel. Anunciada a elaboração de nova lei tra-balhista americana. Encarecida pelo secretário da Aviação dos Estados Unidos a criação de uma força aérea de setenta grupos para a defesa americana. O industrial alemão Messerschmidt anuncia que dez im-portantes fábricas alemãs, que foram transportadas para a Rússia, estão trabalhando em aviões a jacto. A polícia canadense denuncia a intensificação da propaganda comunista em todo o Canadá. Em trágico acidente numa corrida em Buenos Aires morre o automobilista francês Jean Wimille, considerado um dos maiores volantes do mundo.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantís, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantís.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MODICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

LIVROS NOVOES

JOÃO LUSO

HORA LUMINADA

Versos de
MANUEL SOBRINHO

Editora Aurora
Rio de Janeiro
1945

No preâmbulo deste livro, o autor nos explica, entre outras coisas, a inspiração e a intenção de algumas poesias que julgou não poderiam parecer descoladas, estranhas pelo menos, entre as outras páginas. Obedeceram ao impulso patológico de um momento de revolta e reação, em cujos resultados o sr. Manuel Sobrinho confiava como em qualquer coisa de atenuado e providencial. O estado de coisas que aquele movimento devia destruir, afirmava-se ao poeta um estender de misérias e ignomínias. E assim ele, inflamado de uma espécie de cólera junqueira, chamava a combate todos os brasileiros corajosos e bem intencionados:

Levantemos da enxerga este país enfurno.
Cujas infelicidades é sem nome e sem termo
E a canterização façamos sem demora
Do cancro que supura, e sangra, e lhe devora
O organismo de fraco e trópego mendigo.
Como a traça devora um alfarrábio antigo...

Não há, porém, nesses alexandrinos motivo de arrependimento ou qualquer outra recordação penosa. Como o formidável Laurent Tailhade, a propósito de um atentado político declarou: "Que importa uma vã humanidade se o gesto é belo?", qualquer de nós, considerando aqueles versos do sr. Sobrinho, poderá comentar: "O exagero que importa, quando os versos são bons?".

Escoarretas e belas são, em geral, as poesias contidas neste volume. Muitas se consagram ao louvor da terra natal do poeta, o Maranhão; dizem outras de um amor fervoroso à arte, à ciência, à generosidade, ao heroísmo — ou falam simplesmente de amor. Tomemos, dentre as composições mais singelas, as redondilhas do "Quarto minguante", tão comunicativas na sua melancolia sincera:

Ó lua que já minguaste,
Que já minguaste bastante,
Em meus sonhos — reparaste?
Há também quarto minguante.

Talvez saibas que atenua
A nossa mágoa infinita,
Sabermos de alguém, ó lua,
Que sofre a mesma descida.

Somos irmãos na amargura,
E' o mesmo o nosso caminho;
Se a forma perdes na Altura,
Eu, cá na terra, definho.

Já não ostentas metade
Do brilho que o sol te empresta;
Dos sonhos da mocidade
Já quase nada me resta.

Arrastamos nesta via
Dolorosa o nosso fado;
Tu, de esplendoras vazias,
Eu, de ilusões despovoado.

Transpando ribeiro e serra,
Vamos nesta carinhada;
Tu — para as sombras da terra,
Eu — para as trevas do Nada.

O CONCELHO DA FEIRA

Monografia de **ARLINDO DE SOUSA**

Espinho — Portugal
1942

des, a países inteiros, têm que medir o espaço das suas páginas pela exigência da amplitude e minuciosidade das indicações. Precisam de atender proporcionalmente ao vulto e à qualidade dos dados informativos. E ninguém, realmente, se lembraria de procurar neles traços de opinião julgadora ou reflexos de pura emoção. Em casos, porém, como o do presente livro, a quase material confecção do guia se converte em tarefa de cultura, reflexão e gosto. E' obra que se realiza, não apenas com o cuidado da exatidão, mas também com o empenho de bem interpretar e devidamente apreciar. Requer as luzes da inteligência e os impulsos da sensibilidade.

Esta monografia abrange as feições de história, etnografia, arte e paisagem. Está sapiente e caprichosamente organizada, com todos os elementos informativos e apurado sistema de exposição.

Os Baedeker e os Guide Bleu, que dizem respeito a grandes cidades,

Uma destas requintadas e sr. Arelinda de Sousa os soube dar ao presente trabalho sobre a antiga e toda vez mais firmeza vila do Douro, com o seu castelo medieval, as suas tradições, as condições da sua gente, todas as belezas e curiosidades das suas circunstâncias. Ali vêm os aspectos panorâmicos, as riquezas do território, as realizações da lavoura e da indústria, as festas da igreja e da arrua, toda a praga dos ventos dominantes. Toda a poesia dos aúres e das canções do povo. Pode a narrativa ou a descrição ficar um tanto, em certas passagens pelo amanhado da frase, nunca porém, desde que o assunto do momento reclama escuta e apuro, perde por secura ou desmatismo. O primeiro capítulo, que se intitula "Forma, situação e limites", assim começa:

"Tem a forma de um coração. Serve-lhe o Douro de graciosa moldura. Gondomar atravessou o rio para se lhe unir. Palva e Arcozelo alcançaram-se para a contemplar até aos seus confins. Oliveira de Azeméis, São João da Madeira, Ovar, Espinho, que a rainha dotou e enriqueceu com o melhor dos seus proventos, vêm apelar-se aos seus pés, por voto de gratidão. Gaiá segue de longe, de Laver e Grijó, a fim de receber as suas carícias. A rainha do Douro... Veste-a o sol e o luar".

Enriquecem o livro, que vai a mais de cem páginas, numerosas fotografuras.

REVELAÇÃO

Poemeto de
CORINA REBUA

"Suspensão", Editor
V. P. Brumlik
Rio de Janeiro
1942

mate, do ponto de vista comercial, augurar bem nem mal deste empreendimento. Fazemos, porém, sinceros votos por que ele continue e prospere, porque é interessante.

Em "Revelação", vamos dizendo, há uma espécie de história de amor. Seja ela da própria poetisa, de outra criatura real ou de uma entidade imaginária, pouco importa. Tem princípio, seguimento e conclusão. Oferece tal espontaneidade, tal desenvoltura, que se diria terem saído todos estes versos, com a sua especial beleza e o seu prestígio cativante, de um só impulso, uma só expansão do sentimento inspirador. Já no livro "Vida" — livro de estréia, julgamos — o motivo amor imperava, dominava tudo. Mesmo quando a artista procurasse outros temas, outros assuntos, aquele objeto se anunciava, se aproximava, intervinha, impondo, como no mundo e na vida, a sua eterna soberania. Agora, em "Revelação", só ele aparece e, em verdade, existe. E' todo e unicamente dele o livro que, dizendo do seu advento ainda impreciso, misterioso, assim principia:

Uma inquietude nova está agitando
A minha vida...
Uma inquietude nova...
Uma angústia incontinida...
Um desejo esquisito e insatisfeito...
Um susto...
Uma opressão no peito...
Uns tremores que a custo
Eu tento disfarçar...
Uma vontade louca de gritar
A toa...

E' uma coisa que dói mas é uma coisa boa
Uma coisa que eu dantes não sentira assim...
E eu mesma não traduzo o que se passa em mim...
Começou...
Eu não sei precisar em quando começou...
Foi num dia qualquer...
Num mês qualquer...
Não sei...

ENVELHEÇA SORRINDO

Ensaio de macrobiótica e de geriatria, de
RENATO KEHL

Livraria Francisco Alves
Rio de Janeiro
1942

são, além de elevada, complexa. Para a desempenhar, aplicando-lhe todos os meios ao seu alcance, dentro das suas possibilidades, tem o infatigável doutrinador andado pela filosofia, a psicologia, a

medicina em geral, a cultura e a higiene, a profilaxia — e agora se vale da macrobiótica, arte de prolongar a vida e da geriatria, medicina dos velhos.

Para o sr. Kehl, os males de que sofre a pobre humanidade, sobretudo os de ordem geral, dependem da inteligência, do desejo, de aprender e da força de vontade de cada um. Somos nós, pelas nossas idéias que não repelimos e as coisas que não queremos resolutamente deixar de fazer, somos nós os principais causadores de tantas misérias e sofrimentos. Não devemos, portanto, as enfermidades e as amarguras ou insustentáveis mentes aquelas no corpo e estas na alma. O mais funesto dos males é o que se forma da combinação da ignorância, do desleixo e do pessimismo. E tal o triplice monstro que o sr. Kehl, Kehl resolve aplicando-se de corpo e alma, defender e combater.

O presente livro constitui mais um tomo da "Bibliografia da Saúde", onde já o autor se ocupou da questão da longevidade. Agora a tese nos volta ampliada, pormenorizada nos seus aspectos e na aplicação como todos a devemos considerar. Diz-nos dos mistérios a notar, dos regimes a manter, dos preceitos morais a refletir e adotar, das mais salutares formas de conduta, dos exemplos que mais merecem ser observados e até se possível, aperfeiçoados... Fala-nos dos hábitos mais notáveis e dos seus sistemas ou regras de vida. E por isso, por tudo isso, o volume de duzentas e trinta páginas "Envelheça sorrindo" deve ser por velhos e moços acolhido — com o melhor dos sorrisos.

NOVOS MUNDOS EM VILA TERESA

Contos de
DIRCEU QUINTANILHA

Rio de Janeiro
1943

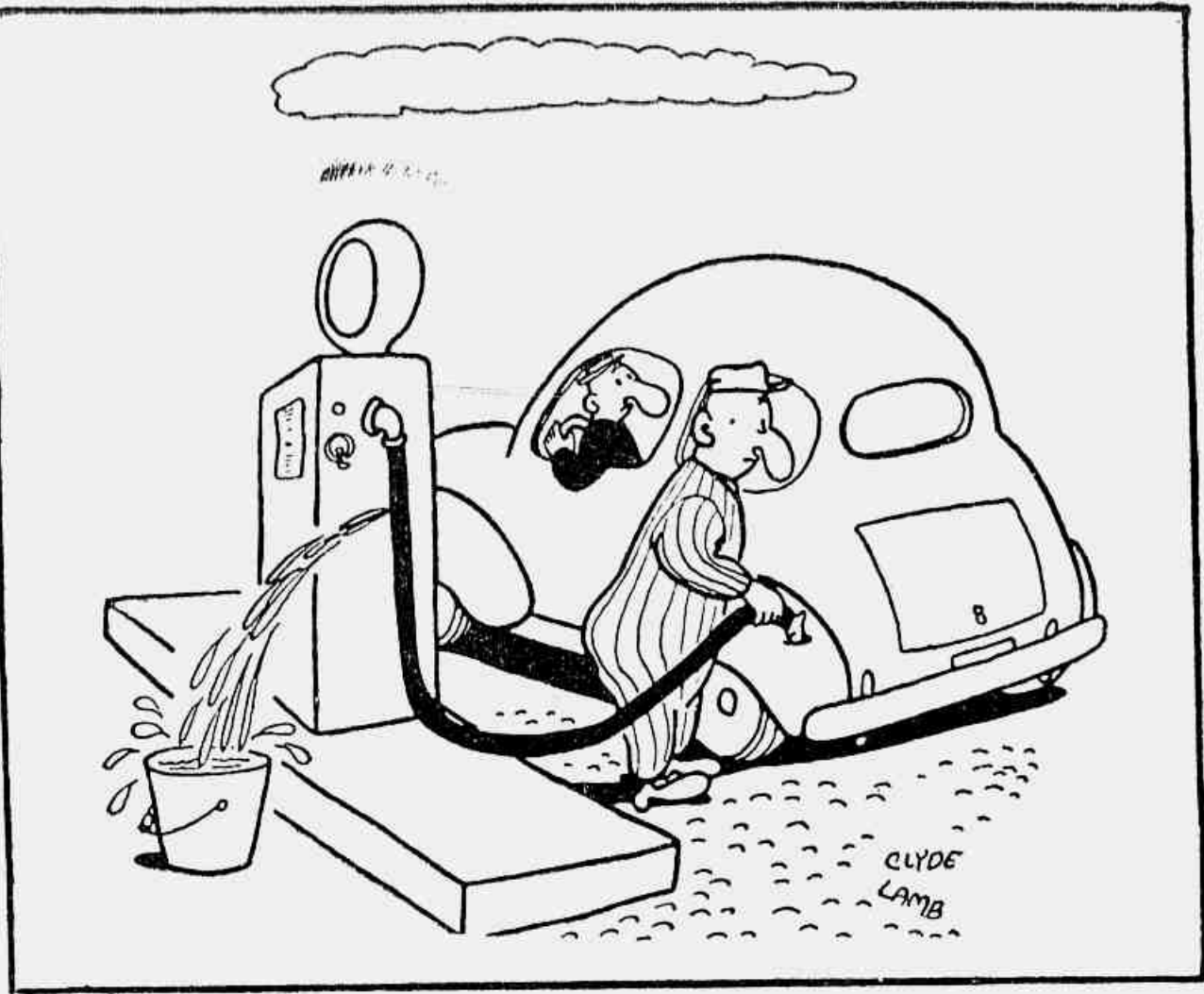
Em Vila Teresa e suas

anecdóticos na sua rústica alegria...

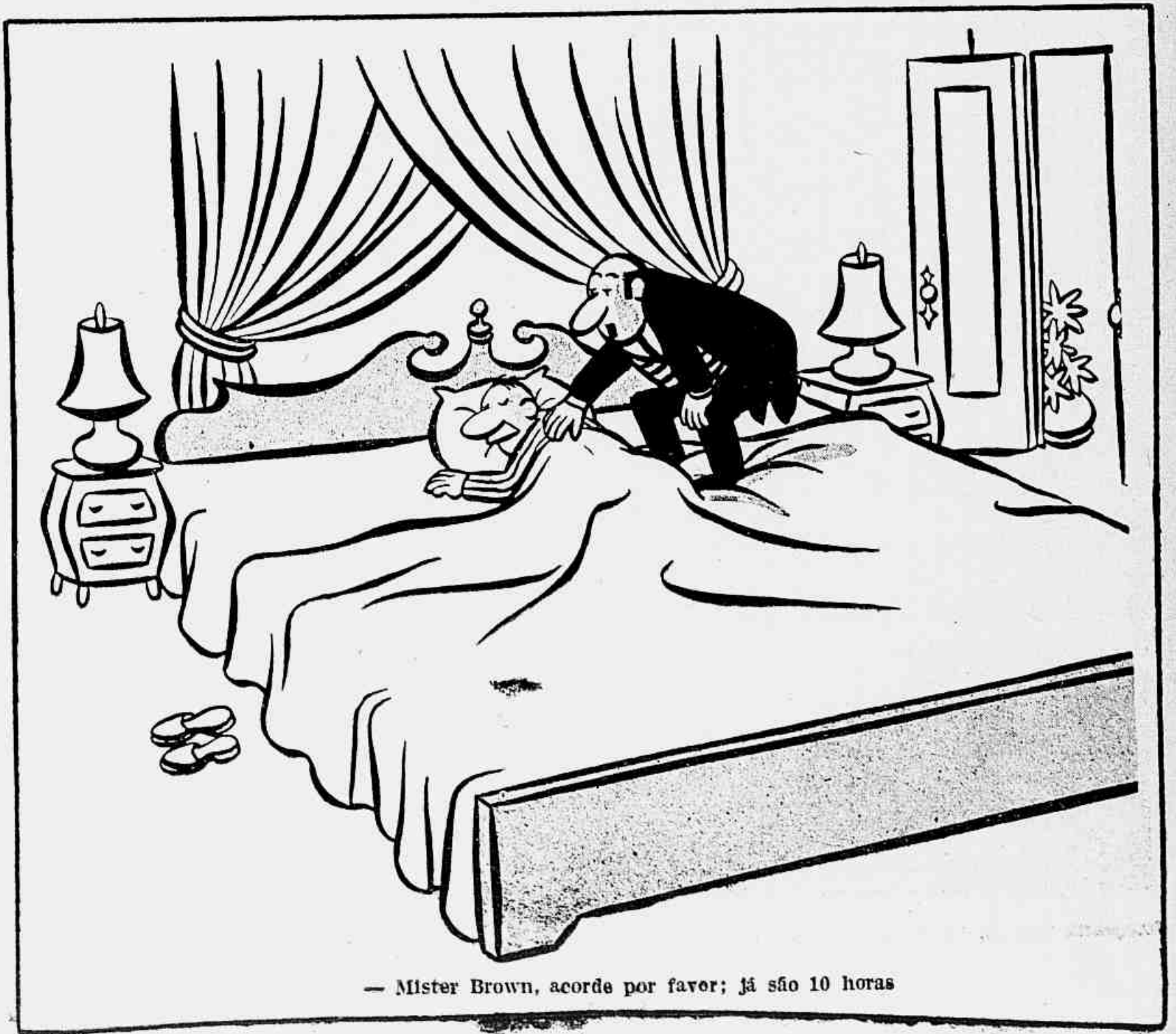
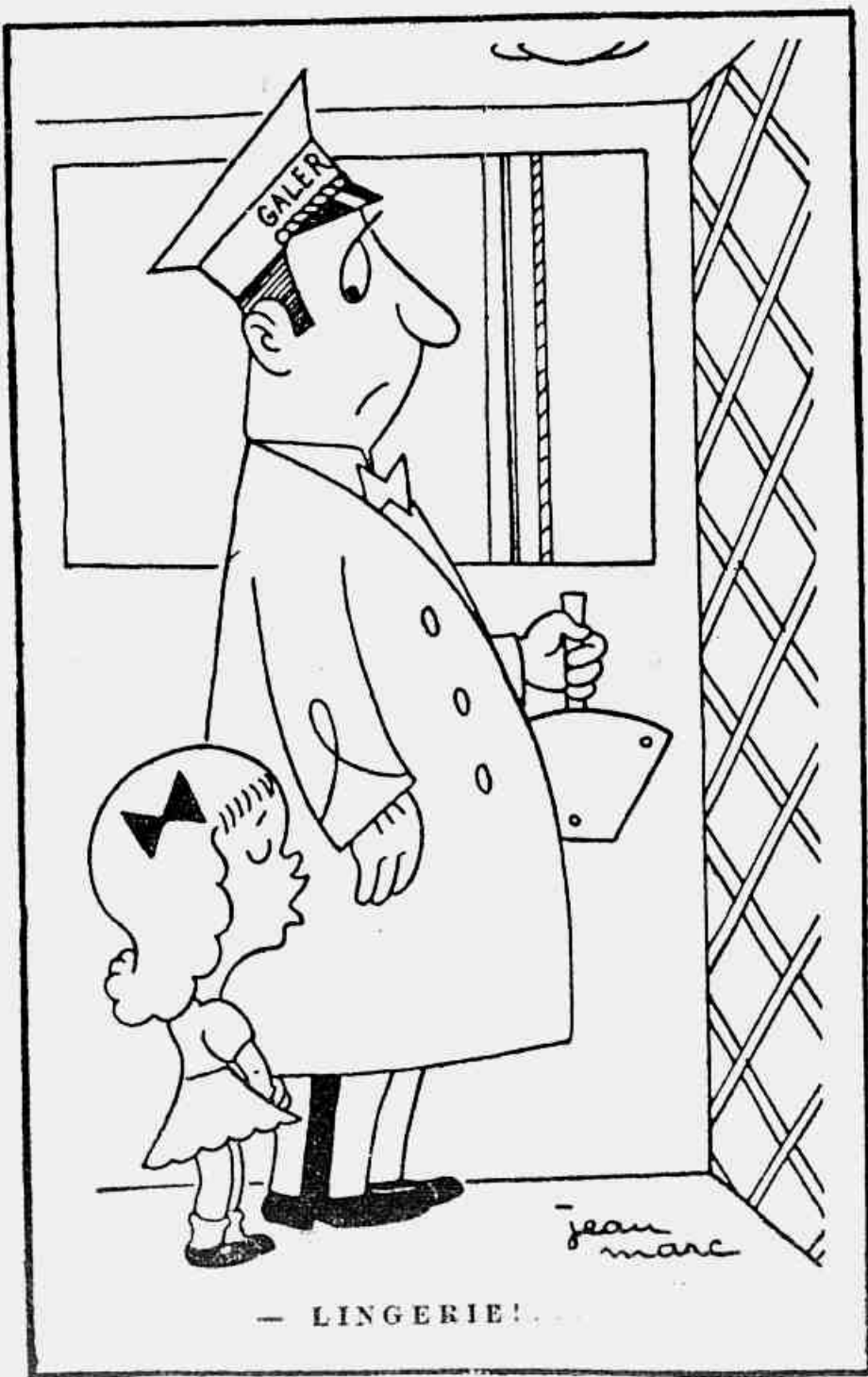
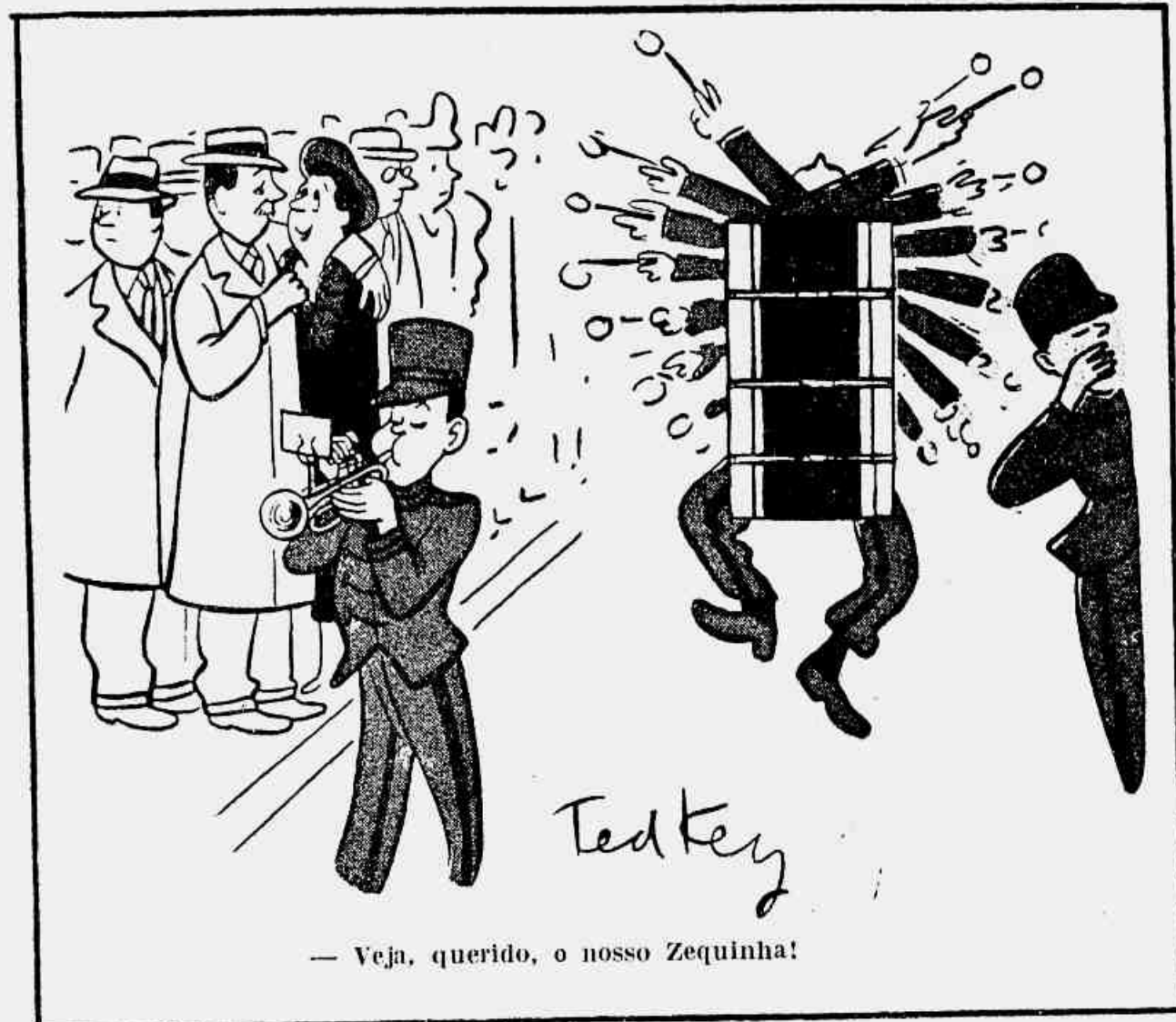
O autor os faz girar e manobrar em torno de invenções singelas. Os mesmos personagens podem entrar em várias histórias, sem que, entre estas — como há em romances de Balzac ou Zola — haja, a rigor, seguimento ou conformidade. Trata-se, ao que nos parece, de um recurso para dar às narrativas mais propriedade e verossimilhança. Com efeito, numa localidade pequena, onde toda a gente se conhece e os moradores andam forçosamente ligados à vida uns dos outros, não seria natural que tantas coisas se passassem sempre entre pessoas diferentes. Dentro de tão limitado espaço, a repetição de personagens, designações topográficas: o rio, a encosta, a volta de estrada; e a recordação de acontecimentos que se deram, criaturas que ali morreram ou simplesmente por ali passaram — tudo isso ajuda a acentuar o cenário, a tornar o ambiente familiar e comunicativo. Há um coronel Fulgêncio que é, como a patente, embora platônica, bem deixa depreender, o vulto de mais destaque e influência na terra. E representa mais do que isso. O seu nome, além de indicar uma individualidade, estabelece um local. Serve de ponto de referência para as distâncias e para as direções. Batiza aquele trecho da região e em todos os sentidos o domina. E à terceira ou quarta vez que o narrador o nomeia, nós o conhecemos como a um vizinho saliente ou a um passageiro de ônibus com quem nos encontramos todos os dias.

Algumas destas páginas falam de superstições, paixões, pavoros, tragédias. Na "Volta de Salvador" uma viagem a cavalo, pela charneca e de noite, com vozes de anátema e aparições espectrais, horroriza deveras, e não só ao protagonista, mas também ao leitor. A paixoneta de um caixeiro — que, no colégio, conquistara o prêmio de honra e depois desatara a fazer versos — por uma estrela de circo da roca, é bem interessante de observação e de espírito. E em lugar onde o espaço não andasse tão severamente medido como nesta seção, outros trabalhos poderiam ser citados e até pormenorizados.

Infelizmente, o sr. Dirceu Quintanilha segue, de vez em quando, a maneira de certos romancistas ou contistas modernos, que introduzem na parte descritiva, quer dizer: no seu próprio estilo, o mesmo linguajar dos diálogos entre a gente mais ignara. Sem nenhum cuidado da linha literária, da dignidade autoral, escrevem, imitando os seus personagens que, por ignorância ou desleixo, falam erradamente. Trata-se, porém, de uma espécie de moda que necessariamente passará e da qual o sr. Quintanilha, como já alguns jovens escritores estão fazendo, saberá libertar-se a tempo.



BOM HUMOR





Em companhia dos diretores da S.A. Philips do Brasil, patrocinadora do Concurso internacional, antes de sua partida do Rio. A direita — Maria de Lourdes e Altéia Allmonda, num flagrante feito no Aeroporto Santos Dumont, no momento de seu embarque para a Holanda

UM SALTO DE UBÁ À HOLANDA



QUEM É MARIA DE LOURDES CRUZ LOPES, CANTORA LÍRICA DA NOVA GERAÇÃO ★ PRÊMIO DE VIAGEM À HOLANDA PARA PARTICIPAR DE UM CONCURSO INTERNACIONAL DE MÚSICA ★ APRENDEU A CANTAR ANTES DE APRENDER A LER ★ "COLECIONADORA INCORRIGÍVEL" DE PRÊMIOS E DIPLOMAS...

Fotos de
A. VIEIRA

Reportagem de
W. GUARNIERI

HOLANDA! Primavera na Europa; maio de 1948. Scheveningen, nessa época do ano, é uma cidadezinha pacata como muitas outras do país das tulipas, à beira-mar.

Em maio daquele ano, porém, ela regorgita de gente. Suas ruas embandeiradas se enchem de turistas curiosos, vindos das cinco partes do globo. Os hotéis estão superlotados. Os moradores de Scheveningen, gente hospitaleira por excelência, acolhem, como podem, toda aquela multidão que para ali se dirige. Um acontecimento muito importante terá lugar em breve. E' que Scheveningen foi o lugar escolhido para a realização de um Concurso Internacional de Música. Por isso, a cidade desperta e vive intensamente.

★

Entretanto, como que alheia a toda aquela agitação, sentada numa luxuosa poltrona no "hall" de um enorme edifício — que é um misto de hotel e anfiteatro — uma mineira, tímida e apreensiva, retorce nervosamente nas mãos uma ficha de papelão, com um número gravado — 312! Aquêlê número exerce uma estranha fascinação sobre ela. E' o número de ordem que recebeu Maria de Lourdes Cruz Lopes — a mineira de Ubá — inscrita para participar das provas eliminatórias, como representante de seu país, no grande Concurso Internacional — para escolha, entre os valores desconhecidos da nova geração, da melhor cantora lírica do mundo!

312! E Maria de Lourdes lança um olhar ansioso para o enorme quadro-negro, afixado no saguão principal, onde um funcionário da casa, trepado em uma escada, está escrevendo o número de ordem e a hora da chamada das candidatas que deverão se apresentar naquele dia.

A jovem soprano brasileiro ergueu-se, sem querer, da poltrona. O homenzinho acabava de escrever — 312, e a seguir: 16.45.

Maria de Lourdes olhou o relógio — eram 16.30; respirou, já agora mais aliviada, e sentou-se novamente. Ainda teria tempo para tomar um copo de leite — pensou; todavia, deixou-se ficar ali sentada, cerrou os olhos e seu pensamento voou... Lembrou-se de seus pais... Que estariam fazendo agora? Oh! como gostaria de tê-los ali junto de si naquela hora!... Rememorou coisas e pessoas. Minas... Ubá! Era mesmo, hein? Ubá. Ubá... repetiu quase em voz alta. Que coisa esquisita! Como soava estranha ali aquela palavra! Três letras. Tão simples... — mas isso era lá no Brasil... e não nessa terra de nomes tão arrevezados, onde cada palavra tem que ter, no mínimo, dois w e ch... a começar pelo nome da cidade, que

Fotografia tomada ao desembarcar na Holanda, em companhia da violinista Altéia Allmonda e do pianista pernambucano Júlio Braga (de chapéu)

é quase impronunciável... Ubá. Pensar na sua terra era pensar em d. Mazilda. Tinha sido a sua primeira professora de canto, quando ainda pequenina — seis anos apenas. Saberá d. Mazilda da aflição que a dominava agora? Não. Talvez não. Pensou nas pessoas suas conhecidas. Madame Schaw, que lhe desvendou propriamente os primeiros segredos da Arte. D. Vera Janacopoulos. Bem, d. Vera parecia estar mais perto. Ontem mesmo recebera uma cartinha dela, com as novidades do Brasil...

De repente, estremeceu. Abriu os olhos. Alguém se sentara na poltrona ao seu lado e lhe estava falando.

Era Altéia Alimonda. Altéia era outra patricinha sua que viera também à Holanda, participar do Concurso, como violinista, juntamente com Júlio Braga, um pianista pernambucano notável. Ela, Alimonda e Júlio formavam o trio brasileiro.

★

Mas Alimonda lhe apertava o braço nervosamente e parecia muito agitada. Havia feito a prova eliminatória há poucos minutos.

— Que foi?

A verdade era que Altéia Alimonda estava indignada.

— Mas que absurdo! Que decepção tremenda! Imagine você, Maria, a minha desilusão quando entrei na sala de provas. Lá dentro não há mais ninguém, além do corpo de jurados. A gente fica sozinha, à espera do sinal para começar. Eram oito os membros da mesa. Fisionomias cansadas. Olharam-me — quando entrei — com expressões indistigáveis de desânimo e tédio. E eu descobri, entre eles, um velhote barbudo que estava — coitado! — dormindo!

Maria de Lourdes a princípio não podia atinar com a história.

— Dormindo?

— Sim. Tranquilamente — prosseguiu Alimonda. — pelo que me disseram, os jurados ali estão há quase 9 horas... Cada candidato dispõe de 15 minutos para as provas. Hoje é o último dia, como você sabe, e ainda faltam 15 para serem ouvidas!... Tem que ser assim mesmo, a toque de caixa...

E era assim mesmo. Os promotores do Concurso, talvez por ser o primeiro naquele gênero, não tinham previsto a enorme concorrência que se verificou, e agora tinham que dar um jeito...

★

Maria de Lourdes fechou novamente os olhos. Altéia já se havia despedido. "Então a coisa era assim, hein?" — pensou. E uma pontinha de desânimo se apoderou de si. Desânimo e decepção, também. "Enfim... nada como a gente ver mesmo" — concluiu, um pouco mais animada.

Olhou o relógio. Ainda faltavam 5 minutos.

Recostou-se na poltrona. Seus pensamentos voltaram. Outra vez o Brasil. Rio de Janeiro. Lembrou-se do dia de sua partida e da noite do Concurso, em que fôra escolhida para vir à Holanda. O Auditório da A.B.I. estava apinhado. Os nomes mais representativos dos musicistas brasileiros ali estavam, para julgar. Violeta Coelho Neto, Otávio Bevilacqua, Arnaldo Rebelo...

Rememorava seu triunfo. Fôra carregada pela platéia em delírio. Sim. Carregada mesmo. Pois... Não lhe haviam arrancado até o enfeite da gola do vestido?... Sem dúvida, aquela noite foi a de maior emoção de toda a sua carreira artística.

Do Concurso — promovido pela S. A. Philips do Brasil — participaram dezenas de cantores, violinistas e pianistas, procedentes de todos os Estados do Brasil — e o prêmio, aquela chance — com todas as despesas pagas por aquela organização.

"O Brasil não estava tão mal representado assim" — concluiu. Afinal de contas, Alimonda e Júlio bem mereceram aquela oportunidade. Quanto a ela... Bem...

Um telefone tilintou.

Maria de Lourdes consultou o relógio de pulso. Um



Maria de Lourdes é também "virtuose" do teclado. Seu curso no Instituto Nacional de Música foi brilhante e ela sempre se distinguiu pela interpretação clássica

minuto! Levantou-se rapidamente e foi postar-se em frente à porta da sala de provas. O corredor era um borborinho de gente. Um corre-corre medonho. Mas Maria de Lourdes parecia não ver nada daquela agitação. Um senhor, em mangas de camisa, abriu a porta, espiou cá fora e

fechou-a novamente. Após um breve momento tornou a abrir. Olhou interrogativamente a ficha que Maria de Lourdes tinha na mão, fez um aceno com a cabeça.

— Entrez!

(Continua na pág. 52)

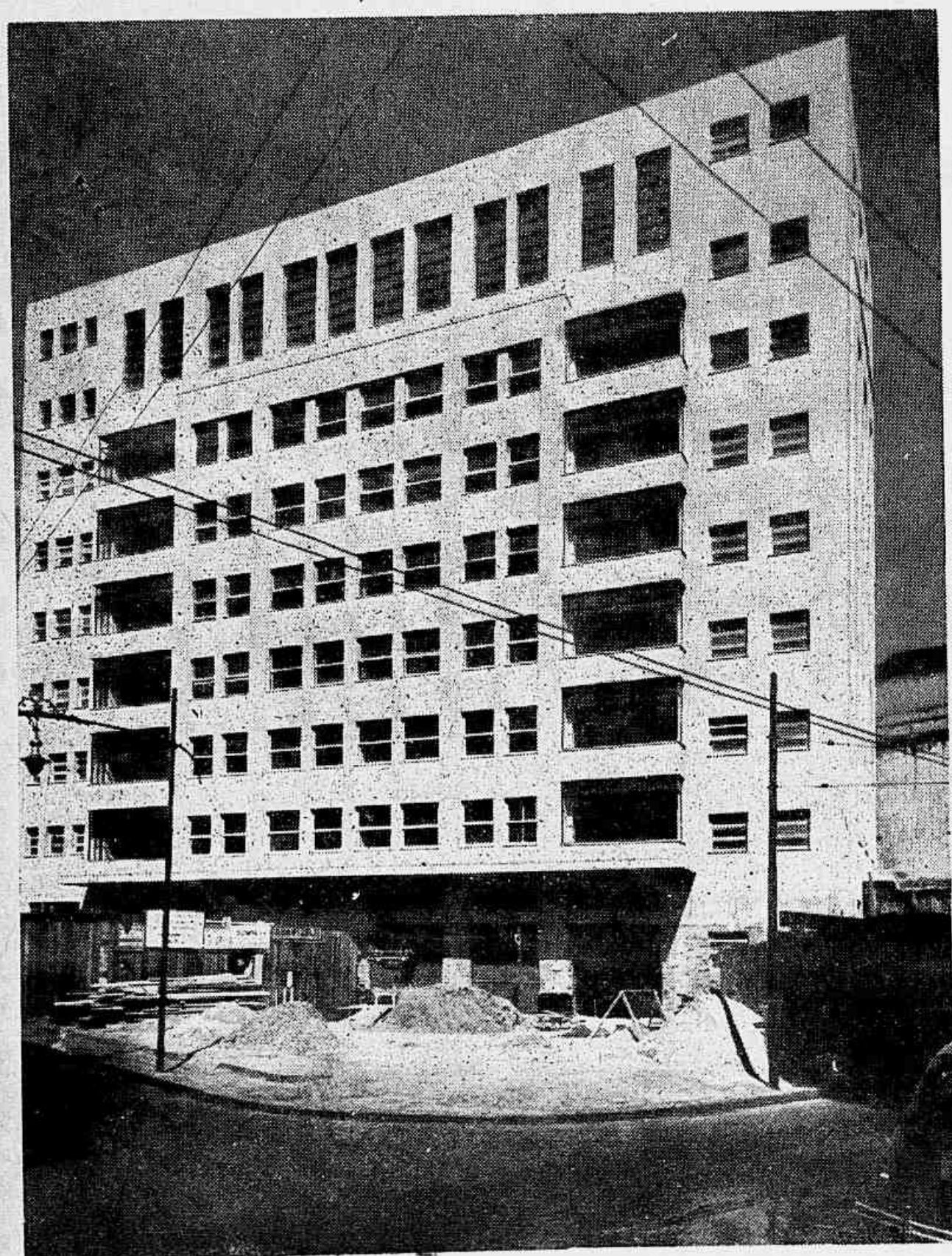


A esquerda — "Voi lo sappette ó mama" — trecho da "Cavalaria Rusticana" — na interpretação de Maria de Lourdes e do meio soprano Margarida Batista. A direita — soprano-dramático brasileiro, Maria de Lourdes Cruz Lopes, momentos antes de iniciar a prova de canto no salão de "Kurhaus", em Scheveningen, na Holanda

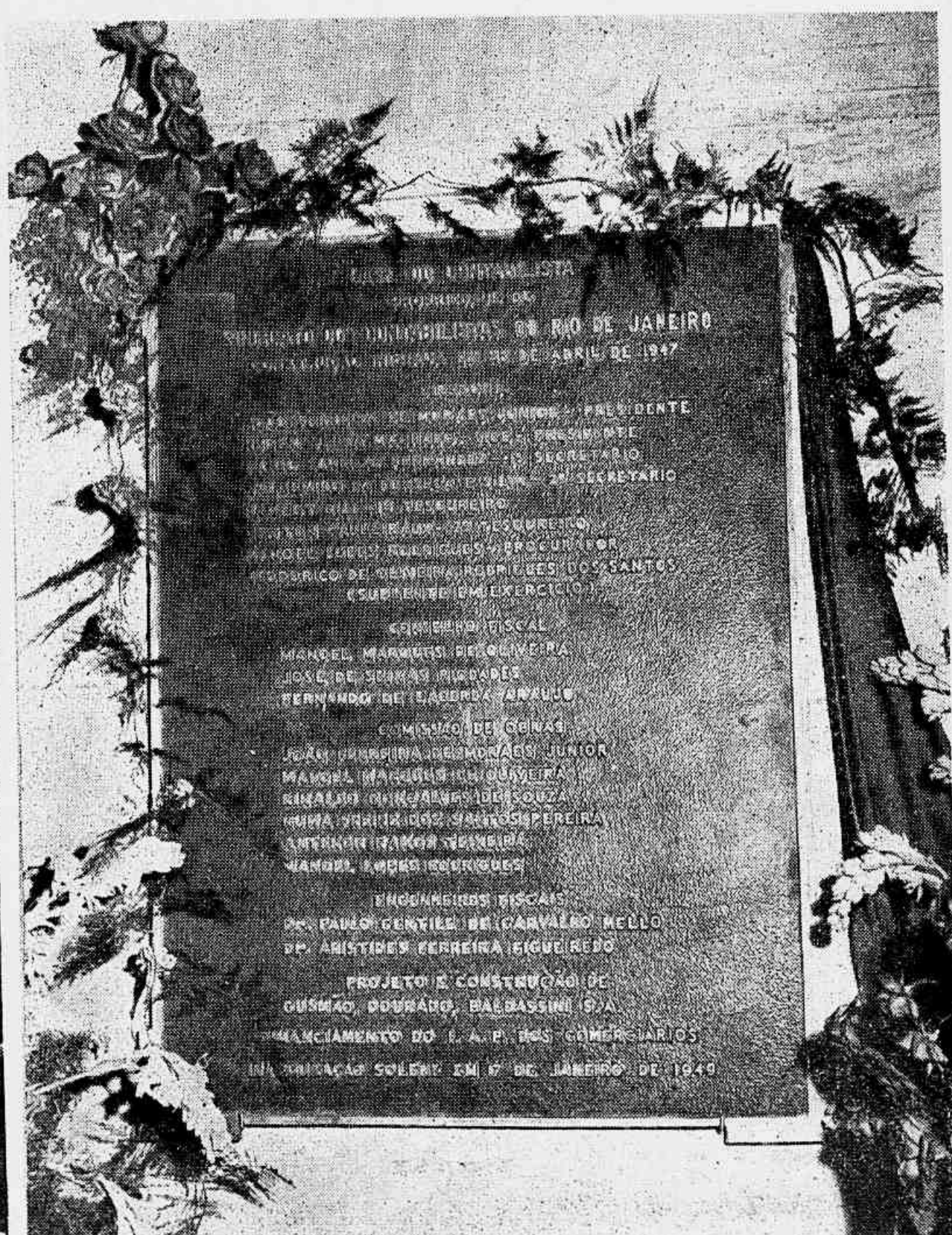


Grupo feito à entrada do Salão Nobre da Casa do Contabilista, vendo-se, entre outros o Dr. Moraes Junior, Presidente do Instituto Brasileiro de Contabilidade, Prof. Honório Montelero, Ministro do Trabalho e o Dr. Paulo Lyra, Sub-Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República

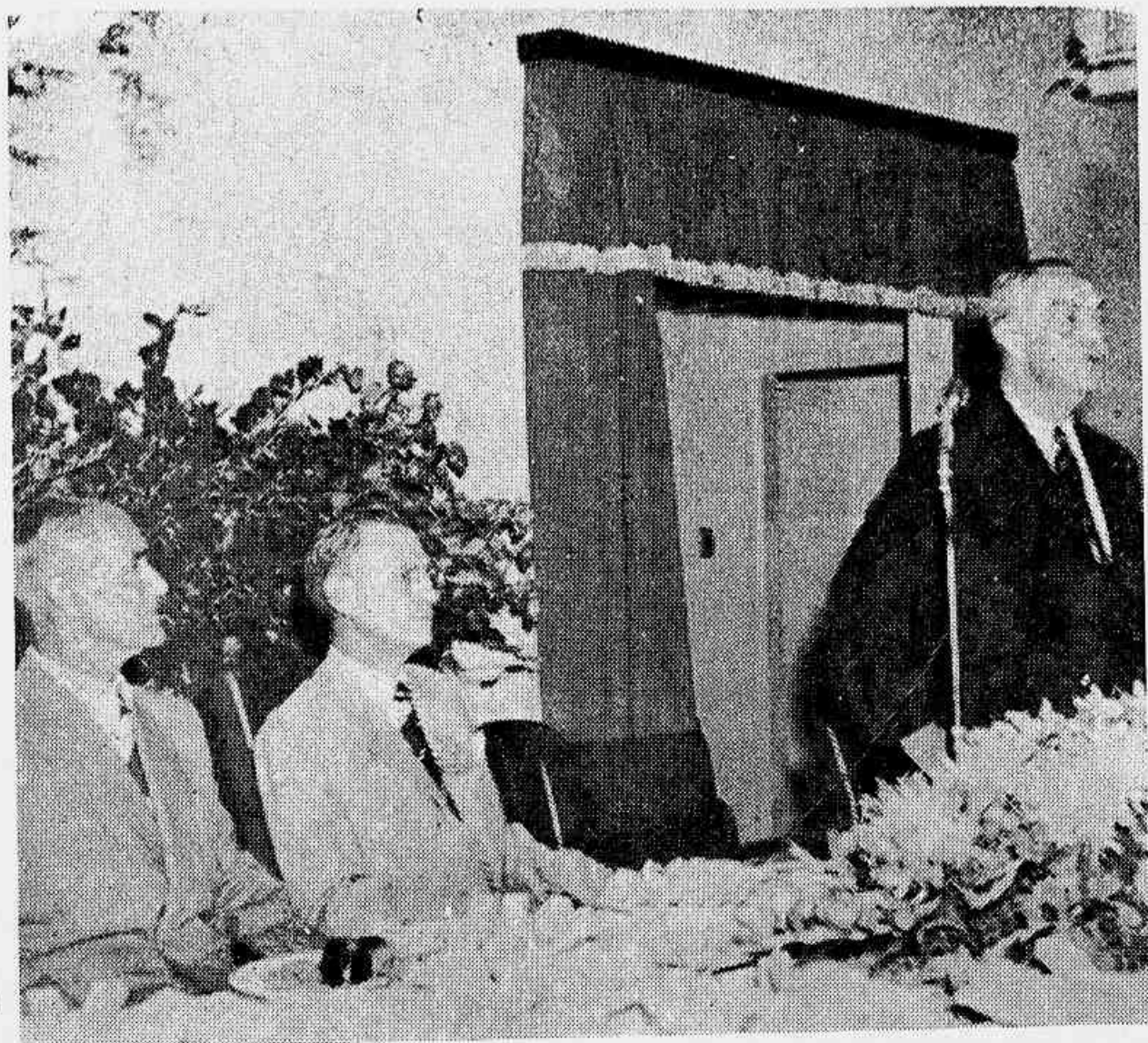
A VITÓRIA DA PERSEVERANÇA



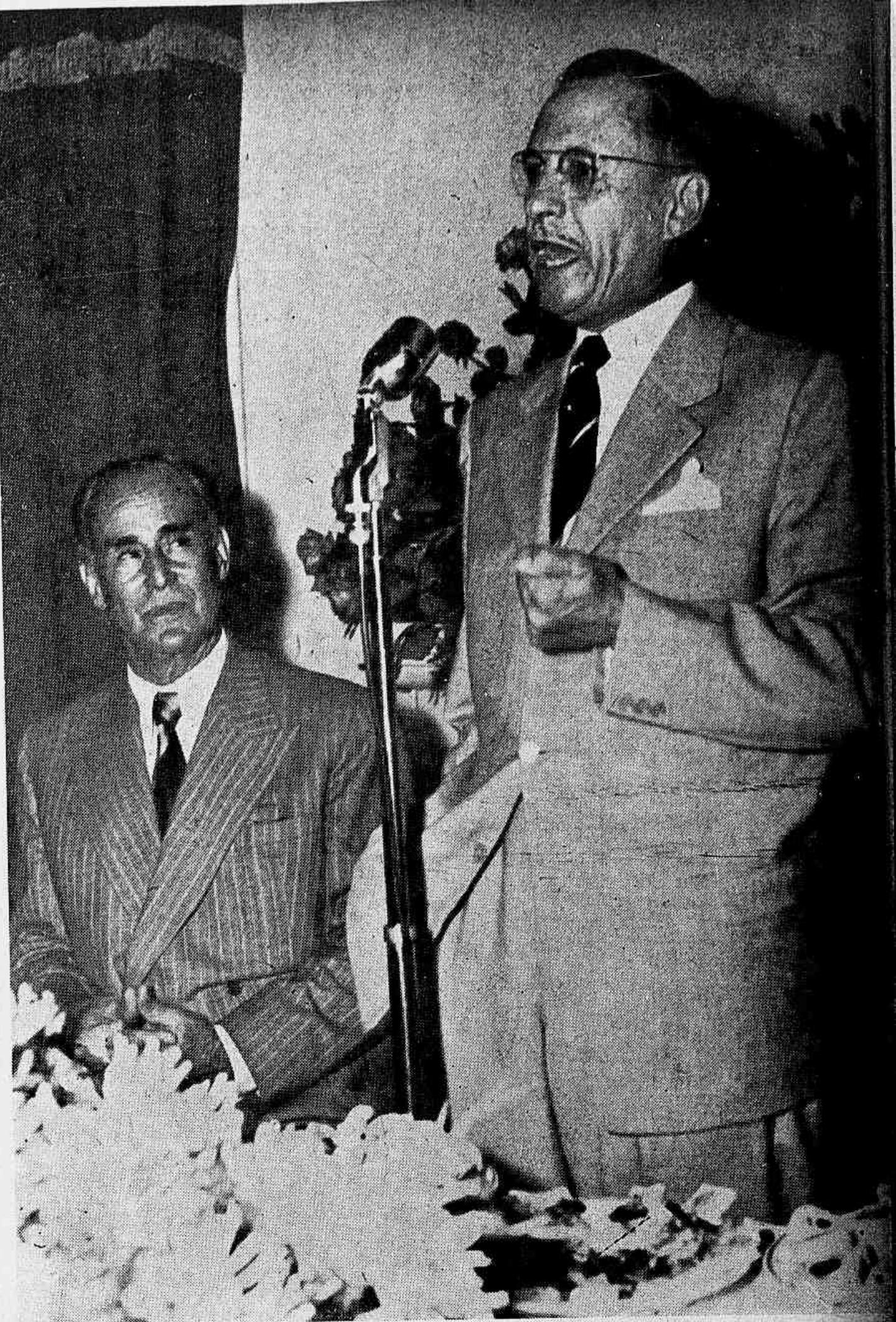
Fachada da Casa do Contabilista



Placa comemorativa da Inauguração da Casa do Contabilista



O Dr. Paulo Lyra, representante do Presidente da República, discursando no ato inaugural, tendo ao lado o Prof. Honório Monteiro, Ministro do Trabalho, e o Dr. Moraes Junior, Presidente do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro



O Prof. Honório Monteiro, Ministro do Trabalho, discursando por ocasião do ato inaugural da Casa do Contabilista, tendo ao lado o Dr. Moraes Junior

OS CONTABILISTAS DO BRASIL ELEVADOS AO NÍVEL CULTURAL E SOCIAL QUE PROCURAVAM ALCANÇAR DESDE 1916

SOB o alto patrocínio do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro, realizou-se recentemente nesta cidade a III Convenção Nacional dos Contabilistas.

O Sindicato dos Contabilistas, em cuja presidência se encontra a figura ímpar de batalhador do professor João Ferreira de Moraes Junior, com o auxílio inestimável dos associados do Distrito Federal, proporcionou

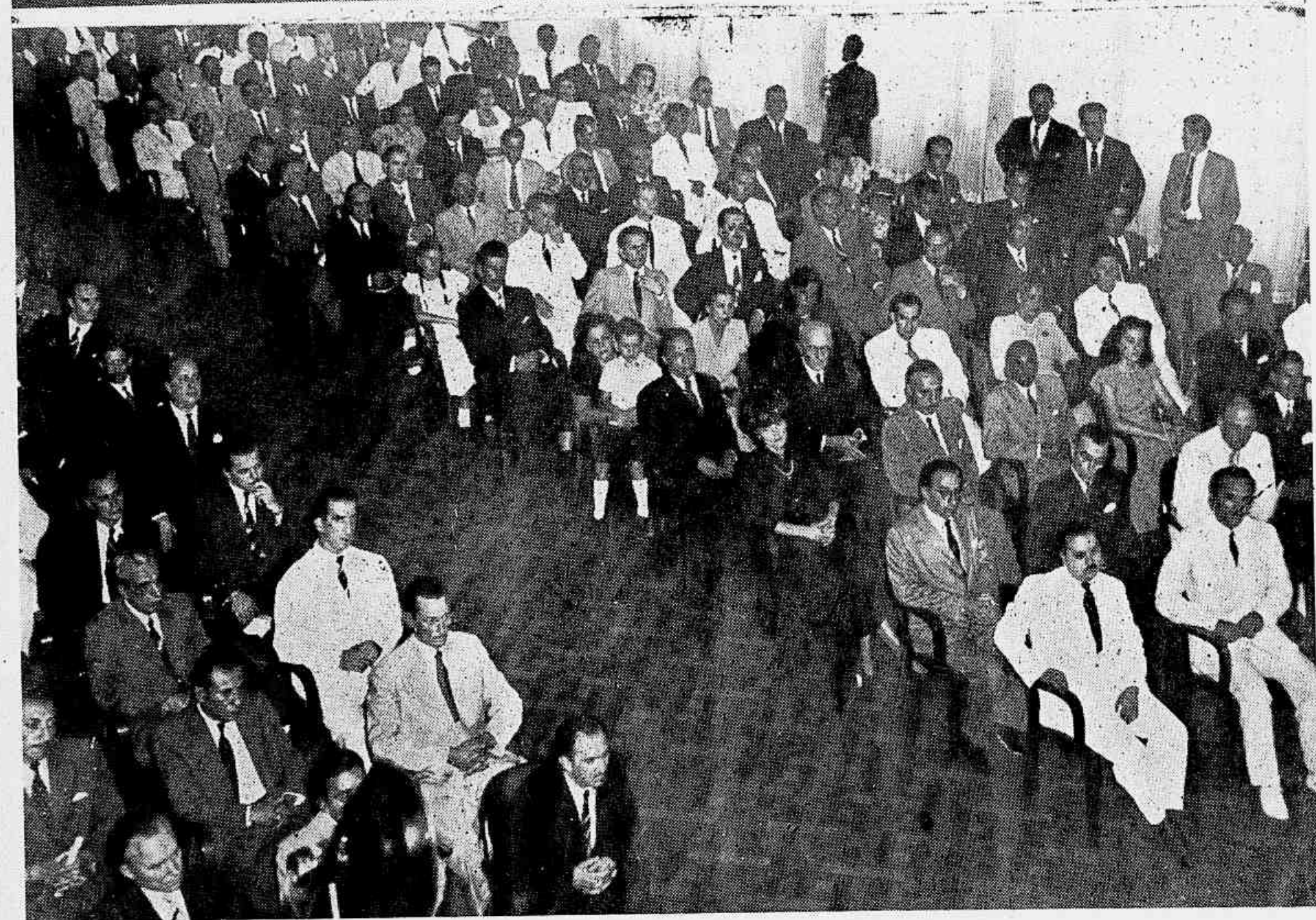
aos convencionais dos Estados uma recepção condigna, como parte do programa previamente organizado, e do qual constou também um baile de gala, a inauguração da sede própria do Sindicato, solenidades e baile de formatura dos Contadorandos de 1948, do Instituto Brasileiro de Contabilidade, e, finalmente, um grande Banquete de Confraternização da Classe, encerrando a Convenção.



A' entrada principal da Casa do Contabilista, o Dr. Moraes Junior, Presidente da entidade de classe, pronuncia o seu aplaudido discurso, no ato inaugural



O Prof. Honório Monteiro, Ministro do Trabalho, quando fazia o seu brilhante discurso na instalação da III Convenção Nacional dos Contabilistas, no Salão Nobre da Casa do Contabilista

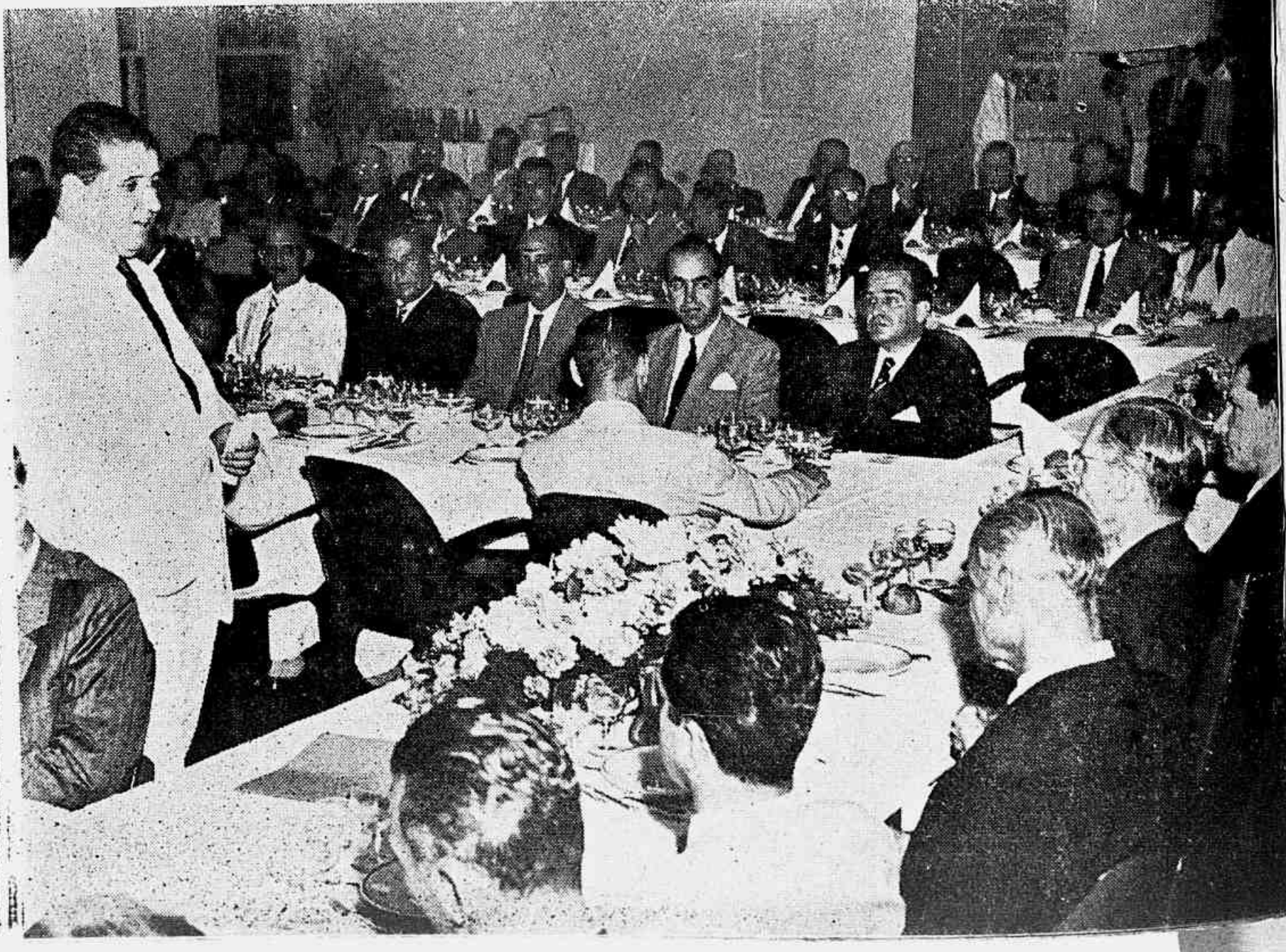


A parte culminante do programa acima referido foi, sem dúvida, a inauguração da nova e monumental sede própria do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro, representando a realização de um velho sonho acalentado pela classe laboriosa que, desde 1916, vem lutando sem desalecimentos contra todos os obstáculos que se lhe antepuseram, no sentido de atingir o grau de desenvolvimento cultural e social em que agora definitivamente se coloca. Mandamos a justiça que façamos aqui uma referência especial ao trabalho inteligente, à tenacidade e ao amor com que lutaram pela grandeza da classe e a realização da sede própria os membros da atual diretoria do Sindicato, inspirados na dedicação inextinguível e na ação incansável e construtiva de João Ferreira de Moraes Junior.

A solenidade de inauguração da nova sede compareceram o dr. Paulo Lyra, sub-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República e representante do chefe da Nação; o professor Honório Monteiro, ministro do Trabalho; altas autoridades, contabilistas e convidados.

Iniciando a solenidade, usou da palavra o professor João Ferreira de Moraes Junior, cujas primeiras palavras serviram para manifestar o contentamento dos cinco mil associados pela concretização do velho ideal da classe. A seguir, o orador se referiu com palavras de gratidão aos nomes dos que contribuíram para que fossem alcançados os grandes objetivos e transformados em realidade as aspirações dos Contabilistas, os quais foram fixados em bronze, numa placa especial, e são os

Um aspecto da III Convenção Nacional dos Contabilistas, vendo-se delegados de vários Estados que compareceram à Convenção e demais pessoas que assistiram aos trabalhos. Em baixo: — O Dr. Moraes Junior, Presidente da entidade de Classe, discursando no Banquete de Confraternização dos Contabilistas, vendo-se ainda o Dr. Remy Archer, Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, e o Prof. Honório Monteiro, Ministro do Trabalho. A' direita: — Outro aspecto do Banquete de Confraternização dos Contabilistas, realizado no Salão Nobre da Casa do Contabilista





Mesa que presidiu à Colação de Grau dos Contabilistas de 1948, do Instituto Brasileiro de Contabilidade. A' direita: — O Dr. Paulo Lyra, Paraninfo da turma de Contadores de 1948, pronunciando o seu discurso

seguintes: dr. Getúlio Vargas, ex-presidente da República; general Eurico Gaspar Dutra, atual chefe do Governo; drs. Henrique Dodsworth e Hildebrando de Góes, antigos prefeitos da cidade; dr. Mário Melo, ex-secretário das Finanças do Distrito Federal; dr. Remy Archer, presidente do I.A.P.C.; dr. Paulo Lyra, sub-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República; professor Mário Lorenzo Fernandez, alto funcionário da Prefeitura, e sr. Rinaldo Gonçalves de Souza, do I.A.P.C.

Ao terminar o aplaudido discurso do professor Moraes Junior, o representante do presidente da República descerrou a bandeira que cobria a placa comemorativa da inauguração da nova sede do Sindicato.

Durante a sessão solene que se realizou, após a inauguração, no Salão Nobre, fizeram uso da palavra os srs. dr. Paulo Lyra, que destacou o apoio que o general Dutra vem dando às iniciativas da classe dos contabilistas e, finalizando, se congratulou com a mesma pelo brilhante êxito do notável empreendimento, e o professor Honório Monteiro, que disse da sua satisfação pela gigantesca obra que acabava de ser inaugurada.

Nestas páginas, estampamos alguns dos mais expressivos aspectos da III Convenção Nacional dos Contabilistas, destacando-se os que se relacionam com a inauguração da nova e moderna sede do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro.



Em cima: — Aspecto da colação de grau, vendo-se os Contadorandos de 1948. Em baixo: — Aspecto do Baile de Formatura dos Contadores, realizado no Salão Nobre da Casa dos Contabilistas

II

E agora — disse o pai de Manya — bastava de estudos por enquanto. Ela precisava

(1 8 6 7 - 1 9 3 4)

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

III

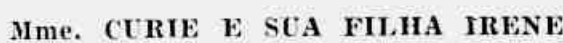


da, e não me lamentarão por muito tempo... Mas consegui vencer o desalento. Os Sklodovska não pertenciam ao tipo suicida. Manya tornou à sua existência cotidiana, parca e trabalhosa, e continuou a manter Bronya na Sorbonne. A mais velha, graças à ajuda da irmã e a um talento inato para suportar as torturas da fome, conseguiu diplomar-se em medicina à força de estudos e privações. Casou-se com Casimir Dluski, seu colega de faculdade, e achou-se em condições de cumprir a sua parte do contrato com Manya. Por fim a jovem governanta pôde ver realizado o seu sonho mais ardente. A Sorbonne!

IV

— Ora, senhoras... e tudo o mais.

Por fim o cunhado conseguiu fazê-la confessar. Nas últimas vinte e quatro horas tinha comido apenas um molho de rabanetes (Continua na pág. 49)



Mme. CURIE E SUA FILHA IRENE



Lynn Bari, "estrela" de "The Spiritualist" da Eagle-Lion, apresenta-nos este sugestivo e elegante modelo em linho amarelo claro, cinto largo e saia com pesponto à máquina

COMO «ÊLES» NOS VÊEM

A primeira impressão é mais importante do que imaginamos, principalmente quando se trata de saber o que os homens pensam quando nos vêem pela primeira vez. Pelas respostas aqui selecionadas, verificamos que o homem é mais observador do que realmente parece ser, o que nos leva a recomendar a todas as mulheres um estudo minucioso da sua pessoa e um cuidado consigo mesma, quer em casa, quer em público. A primeira resposta é de Robert Taylor, "astro" cinematográfico bastante conhecido. Diz ele: — "Detesto aquelas que andam saltitantes como passarinhos ou as que se rivalizam com um atleta. Posso julgar uma mulher sem ver o seu rosto, baseando-me apenas na sua maneira de andar".

E agora, Bing Crosby: "A primeira coisa que observo bem na mulher, são os olhos; se eles piscam, ela possui senso de humor e suporta

bem uma piada... E eu adoro dar piadas às moças de olhos bonitos..."

De Guy Lombardo: "As maneiras são de grande importância. Muitas vezes a atitude de uma mulher modifica toda a sua aparência. Tenho visto mulheres tão distintas e brilhantes que as suas roupas ou cor de cabelo passam despercebidas..."

De Victor McLaglen: "Eu observo as mãos. Não o seu formato, mas a maneira pela qual as mulheres as usam..."

De Eddy Duchin: "Para mim, a primeira coisa a notar, é o físico, a figura. E, julgo que nisto todos os homens estejam de acordo".

De George Abbott: "Acreditem ou não, o homem olha, antes de mais nada, para as roupas da mulher, se bem que minutos depois

já não saiba descrever um detalhe sequer do seu traje."

De Victor Moore: "Sempre gosto de vê-las quando se aproximam e, às vezes, quando se afastam..."

De Gary Cooper: "Antes de mais nada, tenho a curiosidade de observar se a criatura para quem olho, sabe ser mulher; quais as suas boas qualidades e quais os seus meios de exibi-las. Ela saberá o seu justo valor e saberá demonstrar a sua confiança em si própria, a sua segurança, etc. O que em geral o homem observa, em primeiro lugar na mulher, é se ela sabe realmente ser mulher..."

Bem, aí está uma orientação... São homens do mundo, conhecidos e disputados... Devem saber o que dizem... O. B.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Brady

REGENERAÇÃO

Conto de ORLANDO PAULO DIDONET

DEPOIS que nossa firma aumentou suas instalações, Martins e eu resolvemos ter uma sala só para nós dois, separada do pessoal do escritório. Deixamos o contador encarregado de cuidar dos funcionários, e na nossa sala, à prova de ruído, podíamos trabalhar melhor, pois não havia o ruído perturbador de máquinas de escrever e de conversas a nos abruptamente.

Alias, a medida não deu o resultado integral que esperávamos, pois, por qualquer motivo, Maria, a secretária do contador, ia entrando na nossa sala, sem bater à porta, e nos interrompia com a maior sem-cerimônia, como se fosse sócia comanditária da firma. Martins ficava aborrecido com isso; mas também, Martins se aborrecia por muito pouco; e naquele dia, quando ele estava comentando que era preciso pôr um parapeito naquele entra-e-sai na nossa sala, e eu ia argumentar que não podíamos fazer nada, pois Maria era a funcionária mais maliciada e mais competente que tínhamos, ela entrou sem bater, como sempre, e se dirigiu a mim:

— "Seu" Gilson, está aí fora um homem que quer falar com o senhor.

Naquele momento reconheci que meu sócio tinha razão. Era preciso terminar com aquele abuso. Olhei para ela com a maior severidade possível, e comentei, com ar aborrecido:

— Senhorita Maria, nós preferimos que bata à porta antes de entrar na sala. Nem sempre podemos ser interrompidos abruptamente.

Ela me olhou com ar inocentemente espantado:

— Ué! Por que é que os senhores não põem telefone de rede interna?

Olhei para Martins, com uma expressão "e agora?", mas ele estava fingindo muita ocupação, de maneira que eu é que teria que continuar a argumentação, que evitei perguntando:

— Quem é que está aí?

— Não sei, não conheço; é um rapaz moreno... — ficou pensativa, e dizendo: "espere um pouco!" saiu apressadamente. — O nome dele é Carlos Gonçalves Araújo.

O nome logo me lembrou o Carlos, colega dos tempos de Faculdade, que eu não via há bem cinco anos; levantei-me e fui à outra sala. Reconheci-o logo; também, pudera! Ele fora um dos melhores amigos daqueles tempos. Dirigi-me a ele com entusiasmo:

— Alô, bichão! Como vai essa força?

Reparei de relance que estava bem abatido. E ele respondeu ao meu cumprimento com entusiasmo forçado:

— Alô, Gilson! Como vais?

— Lindo! O que é que te trás por aqui? Eu já tinha até pensado que tinhas morrido, há tanto tempo não sei de notícias tuas...

Ele me olhou e foi com evidente embaraço que disse:

— Eu precisava falar contigo em particular...

— Pois não, Carlos! Tu mandas! Vamos até minha sala?

Levei-o para lá, e fiz com que se sentasse em frente a mim.

— Mas então! Que houve contigo, que desapareceste por todo esse tempo?

Carlos contou tão intensamente, que tive a percepção de ter cometido uma "gaffe" — e eu, que encabulo com facilidade, também crei, e fiquei sem saber o que dizer. Felizmente Martins saiu da sala, e Carlos e eu ficamos a sós. O silêncio embaraçoso durou um pouco, e, para me pôr mais à vontade, ofereci um cigarro a meu amigo. Comecei a fumar, também, e perguntei:

— Mas afinal: quais são as novidades?

— Então não sabes? — perguntou ele.

— Não.

— Eu estive preso. — Disse isso com firmeza, fixando seus olhos provocadoramente nos meus.

Pareceu-me que ele buscava uma expressão de surpresa, de ironia, ou sobressalto; mas eu, creio, nada deixei perceber. Meio sorridente, supuneti o seu olhar, com ar interrogativo.

— Mas não sabes nada? — insistiu.

Acenei que não, com a cabeça; ele amassou cuidadosamente o cigarro no cinzeiro, e baixando o olhar, falou como que consigo mesmo: — Isso torna tudo mais difícil.

Fixou o olhar no meu rosto, e continuou: — Mas é preciso que eu te conte tudo. Na Faculdade, sempre me compreendeste bem; de fato, foste o melhor amigo que tive naquele tempo, Gilson.

— Obrigado! — agradei em tom de brincadeira.

Ele sorriu e continuou: — É estranho como aos poucos fomos nos afastando. Quando nos encontrávamos, ambos ficávamos contentes, conversávamos muito, fazíamos planos, sentíamos a necessidade de estarmos aproximados, pois éramos uma boa combinação. Nossos planos de sermos sócios em uma livraria, ou fábrica de artigos de luxo, ou... — ele riu alto, infantilmente, fazendo com as mãos um gesto de resignação; — mas o Rio é uma cidade muito grande, e morávamos longe um do outro...

— Muitas vezes — interrompi — eu tive vontade de propor que morássemos num mesmo quarto.

— Teria sido ótimo. Sabes, Gilson? contigo eu me sentia bem; sempre houve afinidade entre nós dois, e provavelmente algum dos nossos planos se teria realizado... — Olhou pensativamente para a parede, aos poucos seu olhar foi endurecendo, e foi com expressão má que continuou: — Mas não houve nada disso. Nós nos afastamos, e cada um seguiu seu caminho.

Fiquei calado, sentindo esse fato como se fosse um crime pelo qual eu fosse culpado.

Sua fisionomia abrandou, quando prosseguiu: — Apesar de todos os nossos planos anteriores... — sorriu com expressão meio irônica meio conformatada — eu continuei bancário; depois, por merecimento, fui promovido a Caixa do Banco... — Hesitou um segundo: — Crês na hereditariedade como força preponderante de formação de personalidade, Gilson? Meu pai era bêbado e jogador — é a única lembrança que tenho dele. — Devo ter herdado o vício do jogo; quando Caixa, apesar de todas as promessas que te fiz, recomecei a apostar em cavalos. O resto é o final de sempre: houve um desfalque ruído, fui processado...

Ele me olhou fixamente, e eu assumi o mesmo ar sorridente de antes, que não se alterou quando ele disse:

— Sai da cadeia há uma semana.

Seu olhar continuou duro, e "senti" seus músculos se retorem, quando ele pediu:

— Gilson, eu preciso de um emprego!

— Ai seu olhar se abandonou, e começou a falar depressa, como se precisasse se justificar a mim: — Ninguém me aceita; eu não queria te pedir isso, mas não consigo emprego nenhum; eu não posso ocultar a ninguém que estivesse preso, e logo que alguém sabe disso, dá resposta evasiva: que não há vaga, que o quadro está preenchido, que não sei o quê.

Sua voz elevou-se perceptivelmente, quando ele exclamou:

— Também, nesse ramo de organização social, quem dá emprego a um sujeito que acaba de sair da cadeia por desfalque? — respirou fundo, e com os olhos fixos em mim, prosseguiu, com esforço:

— Eu não quero te contar todas as circunstâncias do caso anterior; mas, Gilson, se eu tiver uma oportunidade, eu saberei me mostrar digno dela. Eu prometo, Gilson!

(Continua na pag. 47)

ILUSTRAÇÃO DE LUIS CANABRAVA
Selecionado pela REVISTA DA SEMANA



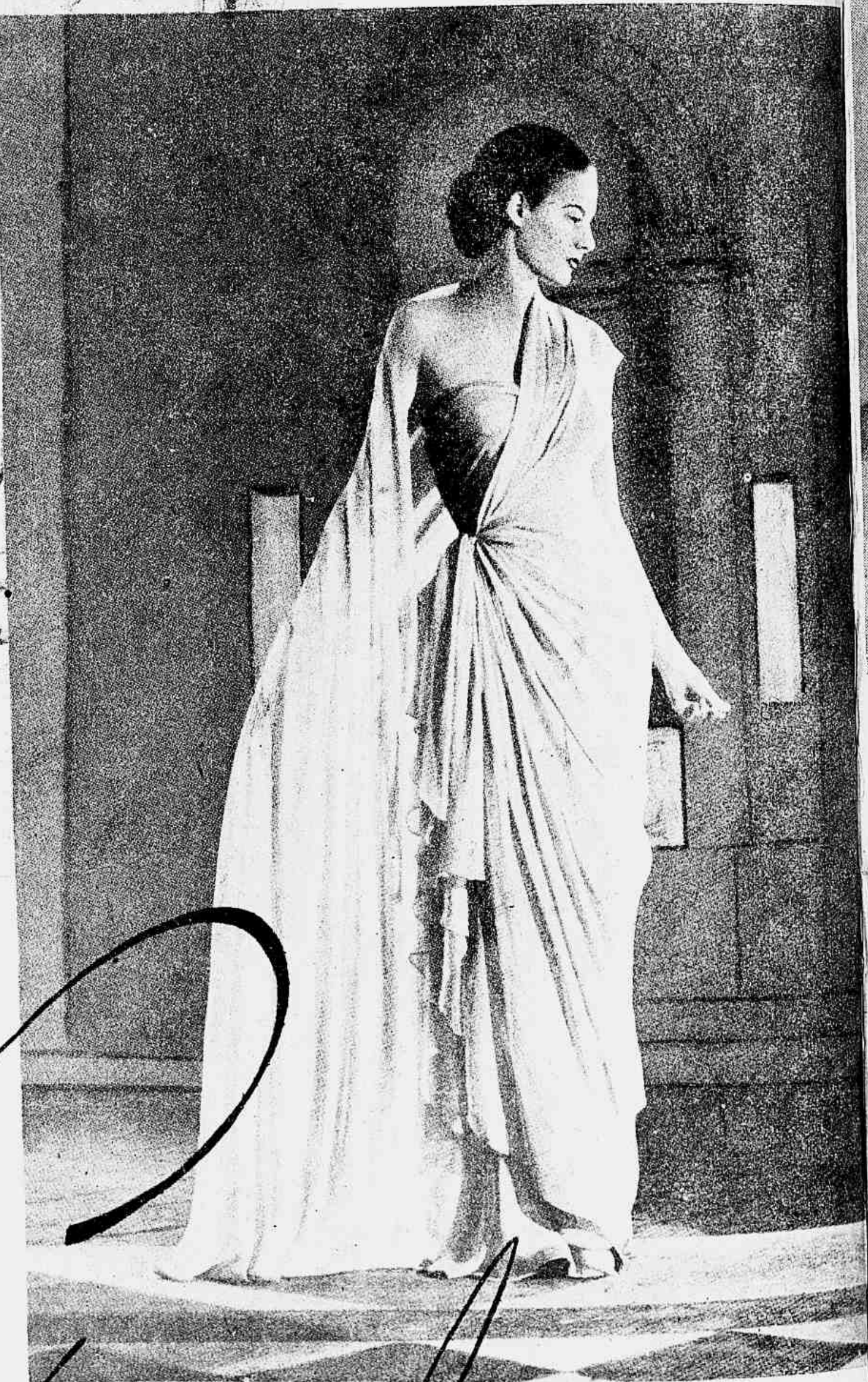
Verão em Paris

A grande sensação para o próximo verão parisiense, serão os grandes decotes.

Eles serão vistos nos vestidos esportivos ou **habillés**, sem mencionar, é claro, os vestidos de noite. Aqui, uma ligeira "amostra" do que se projeta para o verão em Paris e que, naturalmente já pode ser adotado entre nós. As grandes **capelines**, em organdi, ou crina, completam a elegância de tais modelos. Decotes amplos e audaciosos são a última palavra em matéria de elegância; é a nova moda que Paris nos dita.



UGESTIVOS e de grande distinção são os modelos que apresentamos nestas páginas. São modelos originais e de fino gosto, criações de destacados nomes da costura francesa, inspirados nos mais variados estilos. Todos de grande efeito e de indiscutível elegância, aqui ficam para sua apreciação e escolha.



PARA AS

Grandes NOITES

5 À esquerda, temos dois encantadores modelos, desta vez em tafetá de dois tons, ambos inspirados nos trajes do princípio do século e, por isso mesmo, muito originais.



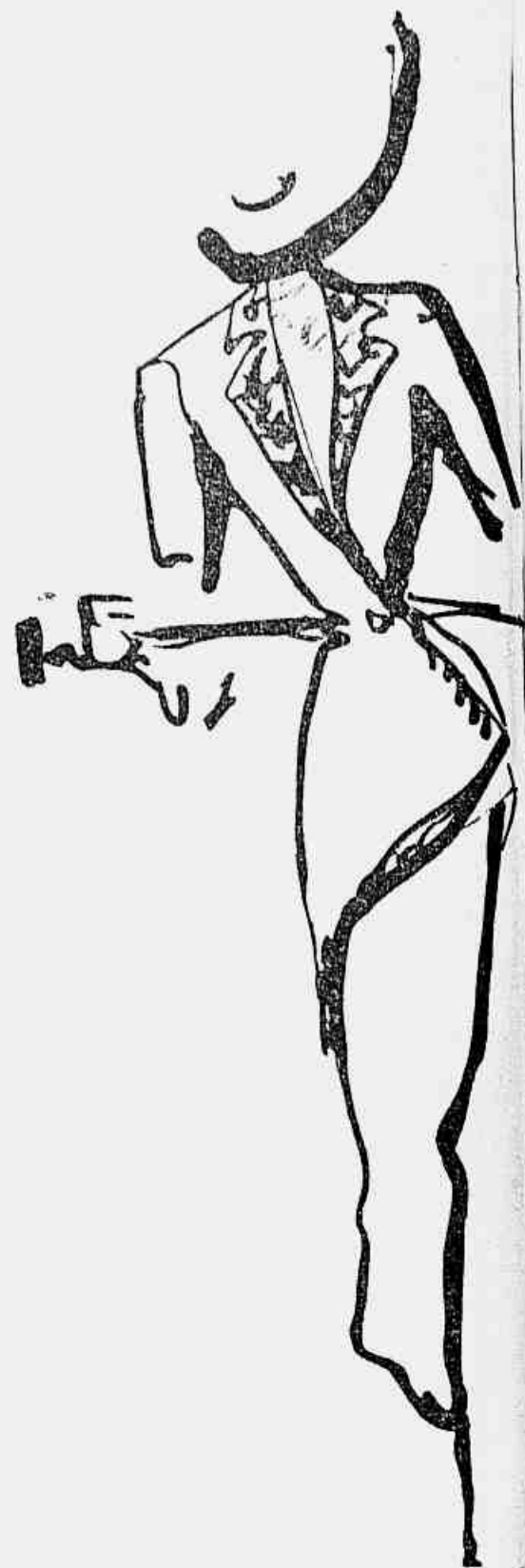
1 Na página ao lado, ao alto — Modelo de Maggy Rouff em jersey branco. Drapeado sôbre os quadris; "apanhado" atrás dando laço. "Godet" partindo de cima, abrindo para baixo e formando ligeira cauda.

2 Em baixo — Mais um originalíssimo modelo em jersey pérola; o corpete é todo drapeado e de feitiço bem original; saia franzida, com banda drapeada do lado direito.

3 Lucien Lelong é quem nos sugere este lindo modelo de inspiração grega, executado em mousseline rosa pálido.

4 Este notável modelo deverá ser executado em finíssima mousseline branca. De maravilhoso efeito são os drapeados do corpete; saia ampla, toda plissada.





Grandes
MODELOS





SI VOCÊ AINDA NÃO PASSOU DOS 20



PARA você que é jovem e que pode, sem susto, fazer "arranjos" extravagantes na sua cabeça, como por exemplo sugere Ann Miller, da MGM, oferecemos esta sugestão, que realça sobremaneira a sua graça e a sua mocidade.



ELEGANTÍSSIMOS e originais são os modelos que estampamos nestas duas páginas. Na gravura ao lado, ao alto, temos: de Christian Dior, magnífico modelo em tule preto ou organza, com fitas de "moire". Em baixo: de Jacques Fath, uma blusa em guipure e saia em tafetá com listras de veludo. "Écharpe" em tafetá ou veludo. Nesta página, ao alto: para as grandes ocasiões, Molyneux sugere este modelo em tafetá preto, com pregas horizontais e mais comprido atrás. Em baixo: criação de Jacques Fath, em tecido único e bordado inglês. Finalmente, uma visão do movimento "envolvente", sugerido por Pierre Balmain.



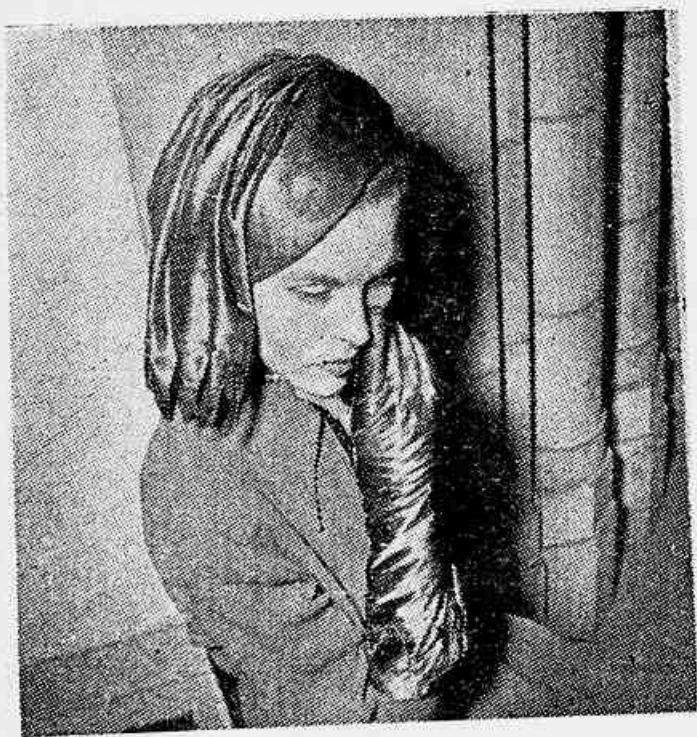
INSPIRAÇÃO JOANA D'ARC



Os trajes dos personagens de «Joana D'Arc», o grande filme de Ingrid Bergman, têm inspirado aos criadores de modas de Hollywood as mais originais concepções. Aqui temos um «beret», luvas, um colar e uma «écharpe» de gaze preta com flores de liz em dourado. Também o corte do cabelo inspira-se na época da grande guerreira.



COLAR EM OURO



LUVAS E «BERET»



«ÉCHARPE» E CABELOS

O ENCANTO DAS

Echarpes





Pierre Balmain é pelas "écharpes" longas, como esta em jersey de seda branca, toda cercada de um babado plissado, do mesmo tecido

Schiaparelli sugere uma "écharpe" em tule lilás, muito pálido, para completar um vestido preto, de noite, em tom contrastante



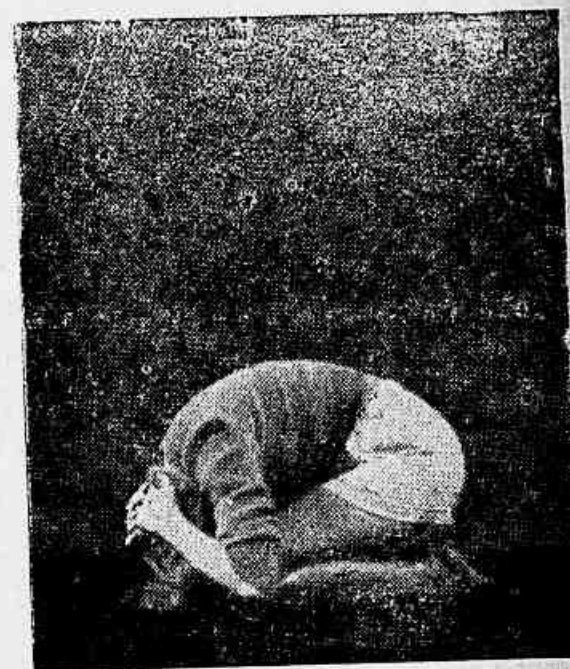
Observem com que graça esta "écharpe", do mesmo tecido do vestido, é drapeada sobre os ombros, completando um modelo de noite de Balenciaga

A grande sensação do momento. Nos vestidos de rua ou de noite, nos vestidos de algodão ou de seda, a "écharpe" constitui grande elegância, substituindo agora o bolero e a capeline, proporcionando à mulher maior graça de gestos e maior encanto.

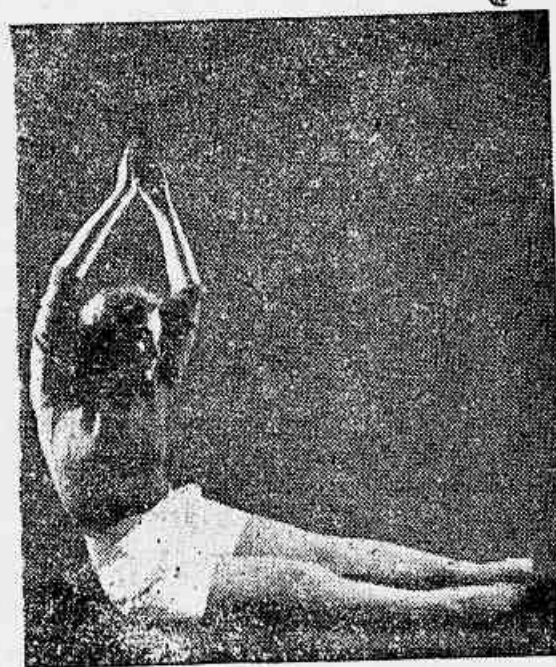
A BELEZA DAS FORMAS



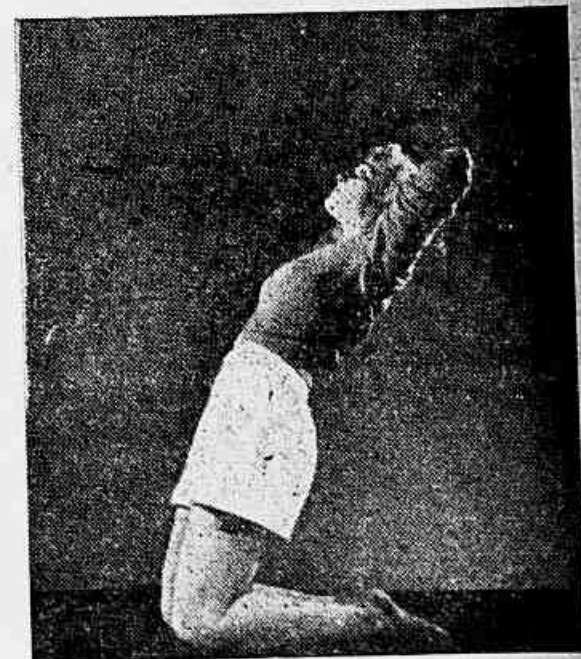
O maior aliado da beleza feminina é, sem dúvida, o exercício bem orientado e equilibrado, que conduz a quase que uma perfeição das linhas. Os exercícios aqui apresentados são excelentes para esse fim:



1 A esquerda — POSIÇÃO INICIAL: Mãos apoladas no chão, uma perna dobrada, outra esticada. Flexionar as pernas alternadamente, suportando o peso do corpo com as mãos. A direita — PRIMEIRA FASE DO MOVIMENTO: Sentada sobre as pernas, mãos na nuca, flexionar o busto até tocar o chão com a cabeça.

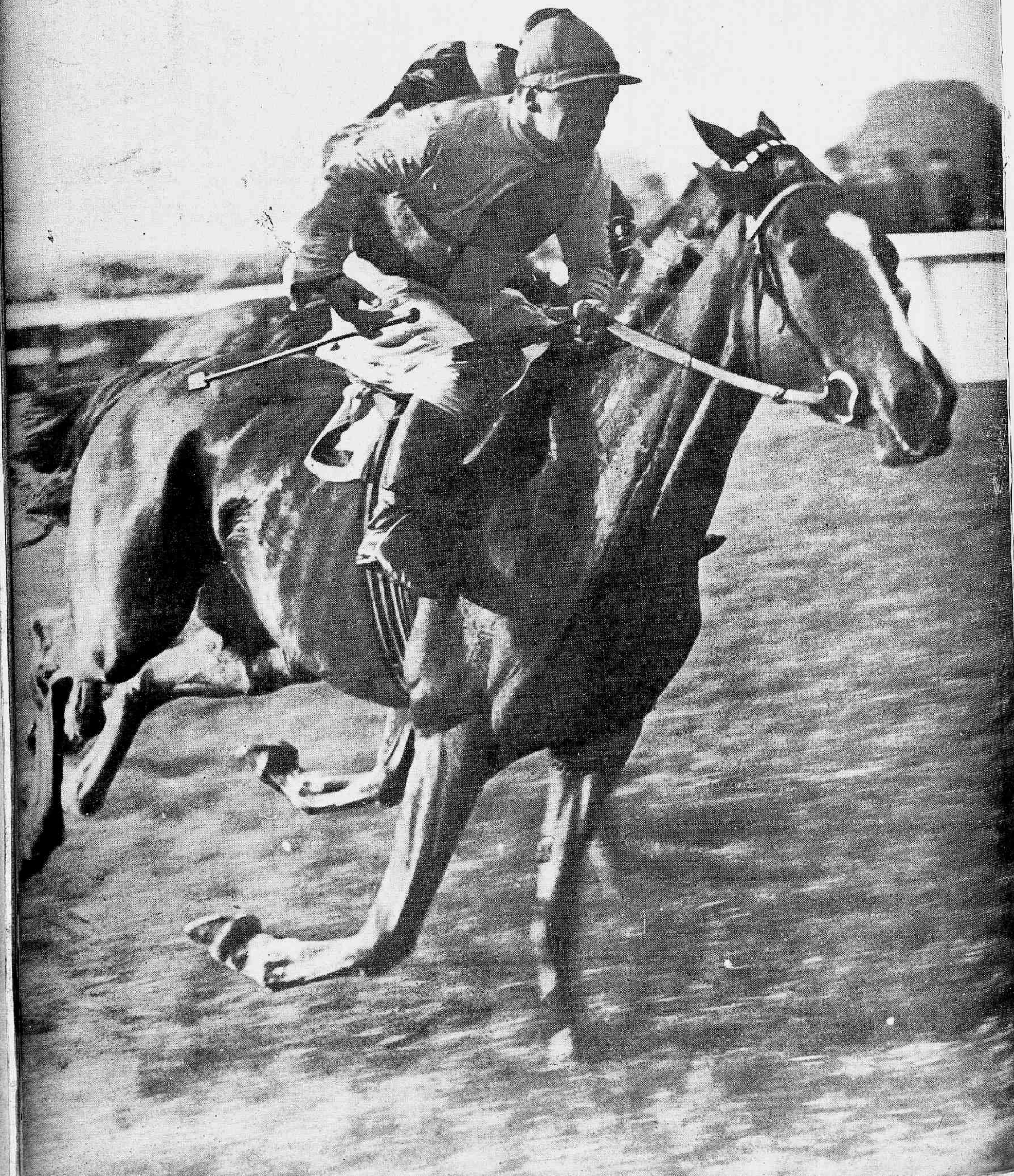


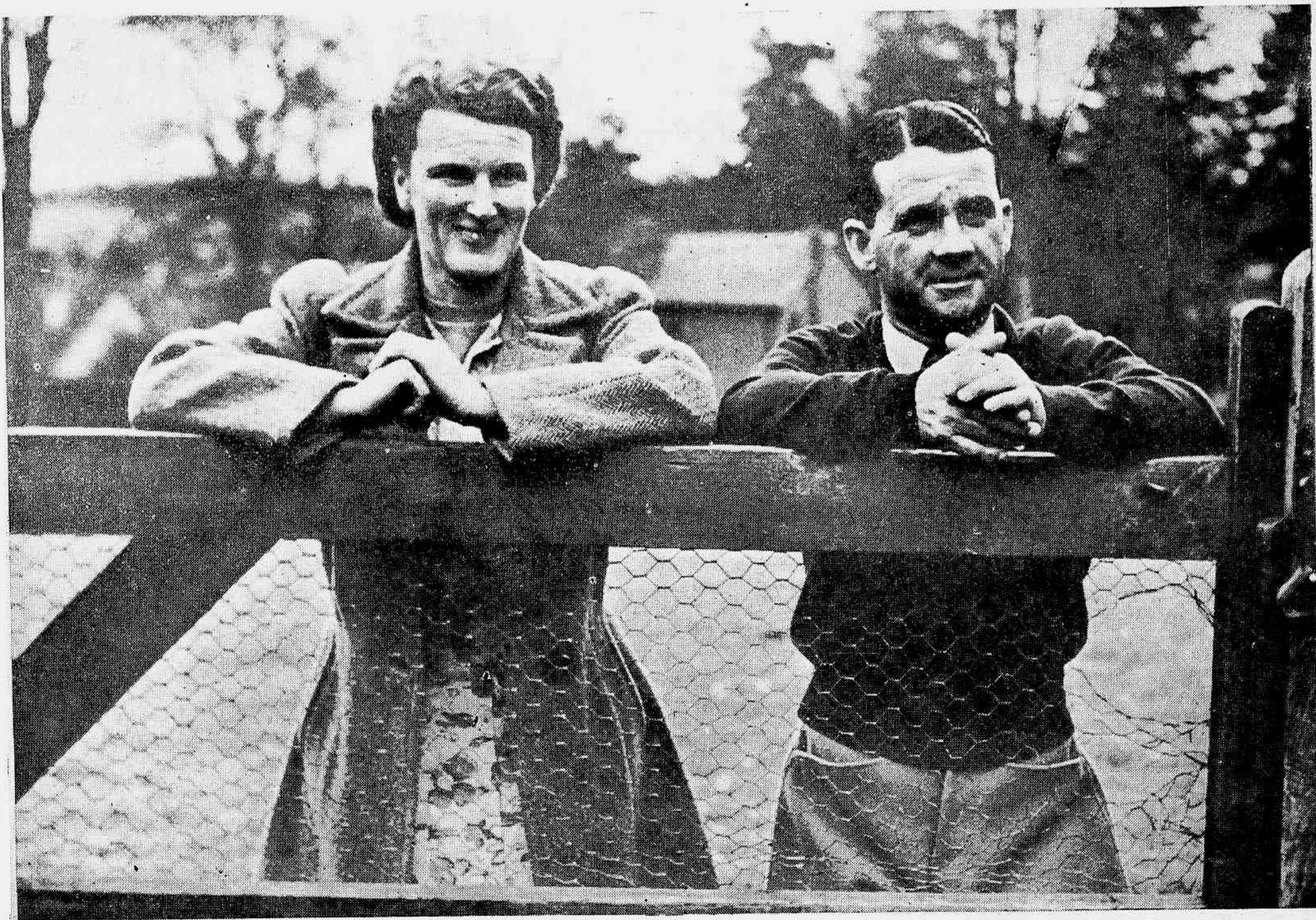
2 A esquerda — SEGUNDA FASE DO MOVIMENTO: Voltar rapidamente para trás, em completa extensão dorsal. A direita — POSIÇÃO INICIAL: Deitada no chão, sobre o ventre. Elevar, ao mesmo tempo, os braços e as pernas, repousando-os em seguida no chão.



3 A esquerda — POSIÇÃO INICIAL: Sentar-se do lado direito, braços para cima. Levar o busto para o lado, inclinando-o até que as mãos toquem, o mais possível, os pés. A direita — De costas, braços em cruz, pernas unidas. Elevar a perna esquerda, levando-a para a direita em posição vertical ao chão. Repetir dez vezes de cada lado.

Sensacional flagrante quando em
1945 ganhava sua centesima cor-
rida da estação montando "Sez
You" em Windsor





Mr. e Mrs. Gordon Richards, o campeão dos jóqueis e sua esposa, apreciam o campo de criação de sua propriedade

A VIDA DO MAIOR JÓQUEI DO MUNDO

Texto de HAROLDO GREEN ★ Fotos KEYSTONE

NÃO há esporte que mais sensação proporcione a seus aficionados do que o da corrida de cavalos. Essa criação das nações civilizadas de tal forma empolgou os povos do mundo inteiro que é rara a cidade de certas proporções que não possua seu hipódromo para as tardes de "turf".

Em todos os países das Américas, especialmente os maiores e mais desenvolvidos como o Brasil, a Argentina, Estados Unidos, o "Derby" se tornou a sensação de todas as classes sociais, afluindo às corridas incalculáveis multidões.

Há quem acompanhe todas as fases de uma corrida, anotando os mínimos detalhes, fazendo confrontos, calculando meticulosamente as possibilidades, registrando episódios, organizando verdadeiras memórias sobre cavalos, jóqueis e pistas.

Além de ser um esporte emocionante pela velocidade e ambiente distinto e de elevado nível social, a corrida nos hipódromos se caracteriza pelo vulto das apostas.

Uma torcida de "foot-ball", de "base-ball", etc., é ensurdecedora, barulhenta, de aspecto indisciplinado; a que se apresenta entre as multidões de um prado de corridas é de outro feitio. Não se vêem excessos, tumultos, e sim torcidas de movimentos, a mão direita ou esquerda a acompanhar, de binóculo, o animal favorito nas pistas, e a outra a contorcer-se nervosamente ou a fazer gestos de fustigação do cavalo que está a galopar tão longe!

Matronas elegantemente vestidas fazem caretas irrefreáveis, abrem os olhos desmedidamente, sorriem ou fazem cara de profundo desgosto quando o cavalo em

que jogaram perde por um pescoço... E então muita gente perde a cabeça.

O aspecto social e festivo de um "Grande Prêmio" em capitais como o Rio, Buenos Aires, Londres, Paris, etc., é qualquer coisa de impressionante. A elite exibe seus mais belos modelos. Na Inglaterra ainda se mantém o velho hábito das cartolas para esses "meetings" de rara distinção social. Noutros países, especialmente nas Américas, a democratização já aboliu o indumento tradicional, e somente o mundo elegante feminino permanece a respeitar o seu programa de cada vez mais "chic" nas tardes de "Derby".

As corridas tomaram, assim, o aspecto de paradas de elegância tipicamente teatral, superabundando o uso do binóculo que tanto serve para acompanhar os galopes dos parelheiros, como para bisbilhotar os modelos das madames e senhoritas e seus adereços caros nos colos morenos ou de alabastro.

O povo, em geral, ignora o que significa a aquisição de um bom cavalo de corridas. Antigamente a seleção se fazia quase ao léu da natureza, sem maiores preocupações. Hoje a criação de animais com destino ao "turf" é uma ciência e uma arte.

Os cuidados médico-veterinários são permanentes; a escolha da localização para o "haras" de seleção e procriação exige variados estudos de clima, pasto, terreno, água, etc.

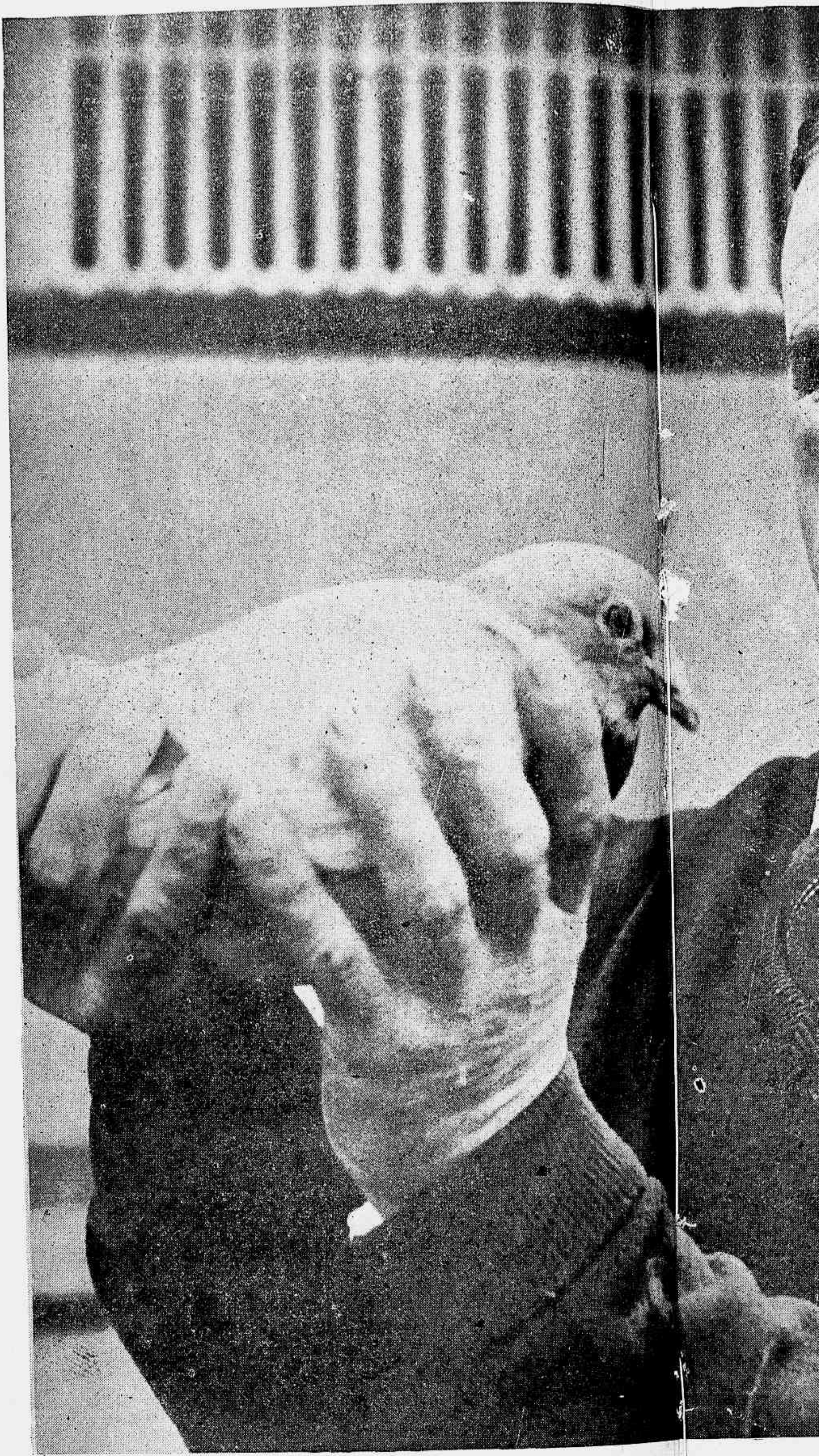
Qualquer animal comum pode beber água nas fontes, nos riachos, nas lagoas. O cavalo que se destina a corridas nos hipódromos não pode passar assim como qualquer semelhante de sua raça. Sua alimentação é especial, higiênica, bem do-



Gordon Richards, campeão de 1912, montando "Sun Chariot", que é levado pelas redes por S. M. o Rei da Inglaterra



Em cima — A temperatura caiu muito e o campeão Gordon Richards vai aquecer-se em frente à lareira de sua residência. Em baixo — Ainda não satisfeito com tantos campeonatos vencidos, ele-lo que se apresta para ganhar corridas em 1947, em Epsom



sada; a água é neutra, purificada quimicamente por meio de filtros em instalação apropriada. E dizem os técnicos que está na água para esses animais o maior dos problemas de um "haras" moderno.

Qual será a origem de corridas de cavalos como diversão pública? Hipódromo, Turf, Derby são sinônimos?

Vamos conduzir o leitor através da história antiga até à Inglaterra: "Turf" é uma palavra inglesa que significa "campina", "campo de relva", "prado". Hipódromo, do grego hippos (cavalo) e dromos, pista, carreira, curso. Derby, nome inglês de localidades deu sua grafia a prêmios de corridas de cavalos ou campos desses esportes em homenagem ao seu fundador na Inglaterra, Lord Derby, em 1780.

Assim, Turf, Derby, Hipódromo se tornaram sinônimos, embora cada termo tenha sua significação particular e origem diferente. Atualmente a designação mais usada é a de hipódromo. No Brasil se diz também Prado, especialmente quando se trata de campos de corridas em cidades do interior.

O campeão do "turf" é um apaixonado pelo combismo, e aqui o com lindo espécime de seu pombal

Os hipódromos destinados a corridas de cavalos e carros puxados por esses animais tiveram sua origem nos tempos heróicos da Grécia. Nos poemas de Homero há referências a essas pistas para disputas esportivas, mas esses hipódromos eram improvisados, de ocasião, como aqueles em que foram celebrados os jogos fúnebres em honra de Pátroclo. Somente mais tarde entre os vários povos gregos começou-se a tratar de instituir ou situar os hipódromos em lugares especialmente preparados para neles se efetuarem as corridas de carros. Dentre os mais famosos hipódromos destacava-se o de Olímpia, a leste de Atêns.

As instalações impressionavam pela sua imponência com tribunas para os juizes, acomodando-se o povo à vontade. É curioso notar que o sistema de partida foi imitado por todos os povos do mundo.

Na Grécia os mais célebres hipódromos foram os seguintes: o de Delfos, do Istmo,

o de Menéia, de Atêns. Estes só um ch conservado em parte. Monte Liceu, na Arcádia, da face da terra. Roma absorveu toda a cultura grega, incluindo mesmo a do esporte das corridas de equinos, os romanos. Entre os romanos o esporte das corridas era de caráter de em grande área de equitação. dava o mesmo nome representava o teatro. O mundo de então tinha pontos essenciais. Babilônia. Embora um avelha Bizâncio, ho-

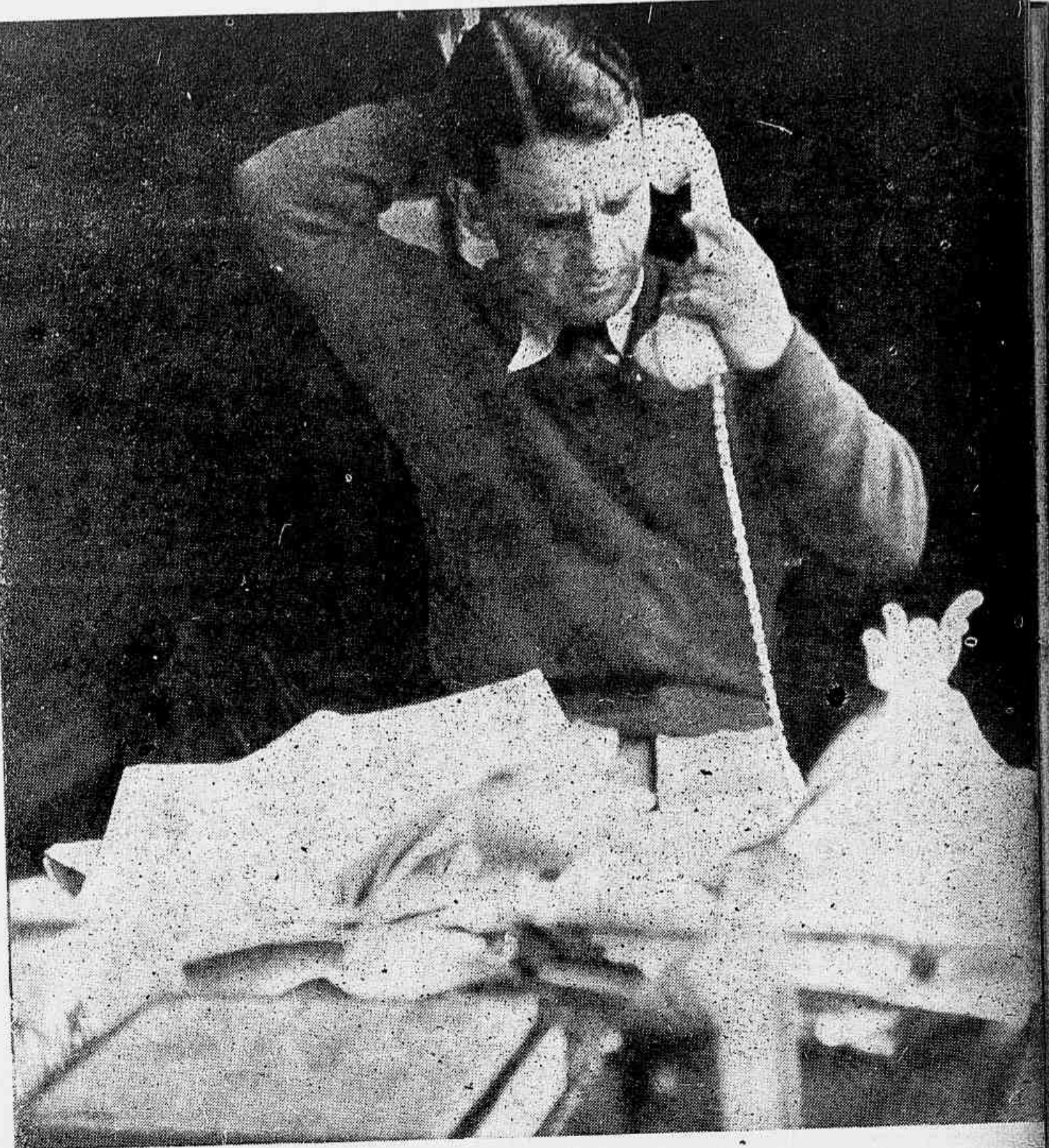


"r" é um apaixonado pelo colombismo, e aqui o vemos a "conversar" com lindo espécime de seu pombal

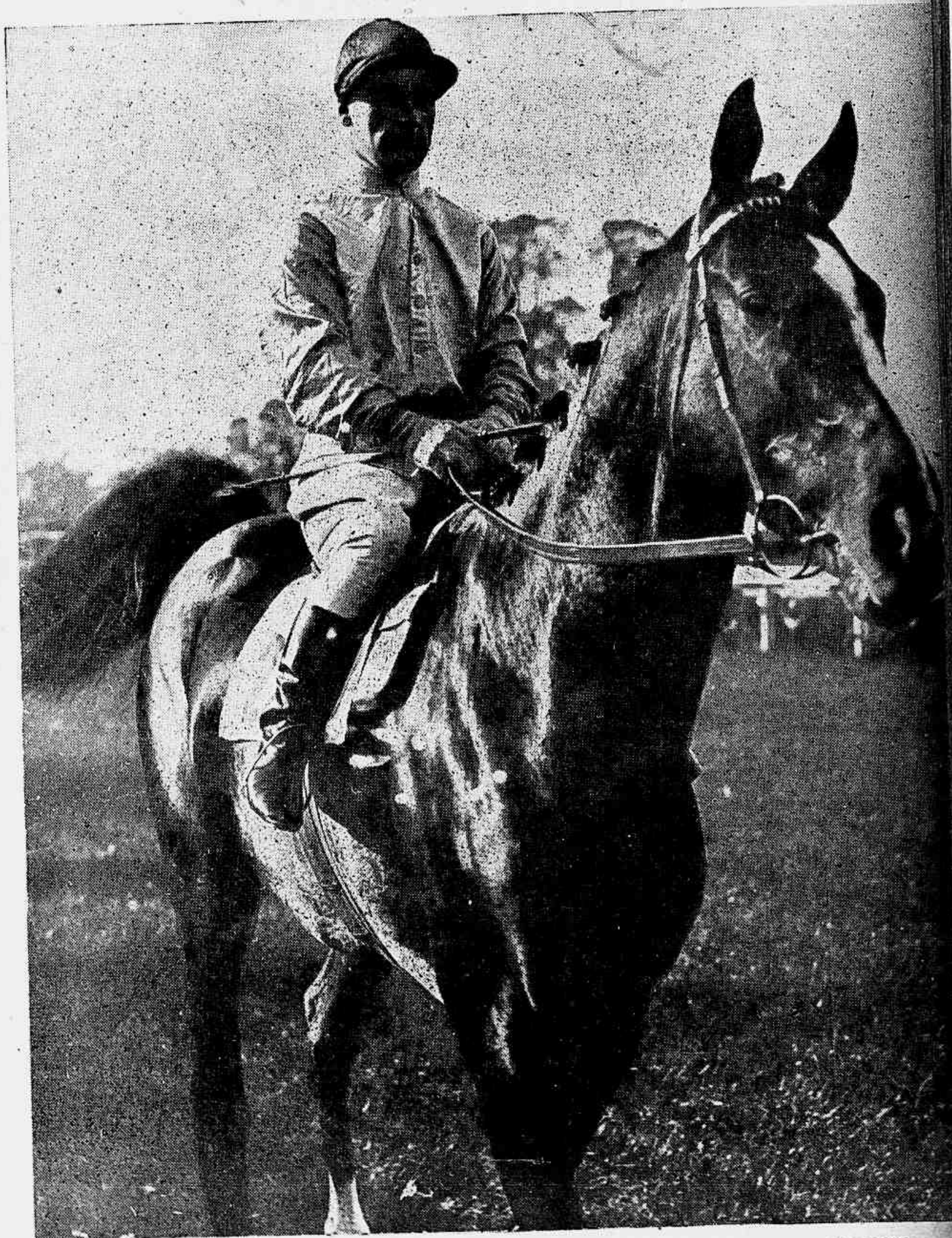
destinados a corridas de cavalo por esses animais nos tempos heróicos. Mas de Homero há registros para disputas esportivas. Os hipódromos eram imensos, como aqueles em que os jogos fúnebres se realizavam. Somente mais tarde os gregos começaram a construir ou situar os hipódromos especialmente preparados para efetuarem as corridas. Os mais famosos hipódromos eram o de Olímpia, a leste

de Menéia, de Atenas, Dalos, etc. De todos estes só um chegou aos nossos dias conservado em parte: o hipódromo do Monte Liceu, na Arcádia. O resto se apagou da face da terra. Roma absorveu toda a civilização grega, chegando mesmo a suplantá-la na teogonia. Os deuses gregos passaram a ter nomes latinos e suas atribuições celestes alteraram em Roma e províncias romanas locais ampla divulgação e sectarismo. Com o esporte das corridas de carros puxados por equinos, os romanos imitaram os gregos. Entre os romanos opulentos, o hipódromo era de caráter particular, consistindo em grande área arborizada para exercício de equitação. Em Roma também se dava o mesmo nome às arenas onde se representava o teatro equestre. O mundo de então girava entre estes três pontos essenciais — Grécia, Roma e Bizâncio. Embora uma província romana, Bizâncio, hoje Constantinopla, assis-

milhou a civilização grega e ali floresceu extraordinariamente o esporte equestre. Os hipódromos bizantinos têm mesmo grande influência na História do Império Grego do Oriente, tendo começado com Sétimo Severo e terminado com Constantino. Esse hipódromo situava-se a oeste do palácio imperial e media 370 metros de comprimento por 60 ou 70 de largura. Obcecado ao desenho do Circo Máximo em Roma, era de forma oblonga. Formava um conjunto de suntuosos edifícios, destacando-se pela pompa a tribuna do imperador, que, pelas proporções, era um verdadeiro palácio ligado diretamente à residência do soberano. A imperatriz assistia às corridas das janelas da igreja de Saint Etienne. Esse hipódromo de Bizâncio dispunha de acomodações para mais de 30 mil espectadores, possuindo terraços para passeios, e os edifícios eram decorados com estátuas. Com as inúmeras guerras, invasões e a evolução do tempo, essas relíquias históricas foram desmoronando, e muitas delas transplantadas para outros lugares. Ainda



Em cima — Diversos "fans" o chamam ao telefone e ele tem que atender todas essas provas de amizade com palavras amáveis. Em baixo — Pôse tomada em 1933 quando o campeão de corridas de hipódromos se tornava campeão em Sandown Park





Em cima — Uma de suas maiores emoções foi quando ganhou ê-te troféu, por ocasião de sua 50.^a vitória, batendo o "record" de Fred Archer. Em baixo — Passeando com sua senhora pelo jardim de sua vivenda, Gordon Richards faz prognósticos sobre suas próximas vitórias



hoje se pode ver alguma coisa daquela antiga apoteose decorativa no hipódromo de Lisipo. Na fachada da igreja de S. Marcos, em Veneza, estão cavalos de bronze trazidos do hipódromo de Bizâncio.

Como sucede atualmente com os povos civilizados, os hipódromos constituíam a vida social de Bizâncio. Era o seu centro de el gâncias, de negócios, de "flirts". Nas datas nacionais, era ali que se executavam todos os festejos, celebrando-se aniversários e coisas ligadas à nação e suas glórias, transformando-se o hipódromo em terreno de divertimentos do povo.

Toda a população era fanática pelas corridas de cavalos. Os jôqueis eram motivo para discussões apaixonadas. Havia muitos partidos, cada qual com uma cor usada nas blusas dos montadores. As duas mais famosas e que maior número de adeptos reuniam eram a azul e a verde. O povo de Bizâncio se sentia vivamente apaixonado por essas duas cores.

Registram os historiadores e cronistas que esse partidarismo, essa intensa rivalidade entre os fãs do verde e do azul ultrapassavam os limites do hipódromo e se derramavam pela vida privada, indo influir até mesmo na política... Provocavam, por vezes, tumultos e revoltas.

Mas tudo que chega ao apogeu começa a sentir cansaço. A vida esportiva dos hipódromos de Bizâncio começou a sofrer sinais de decadência a partir do século XII. Essa derrocada chegou ao auge com as cruzadas em 1204, quando os invasores saquearam e pilharam as riquezas das instalações do hipódromo. Aí então se consumou a tragédia. No começo do século XV, quando os turcos tomaram Constantinopla, nada mais restava das antigas glórias hípias de Bizâncio senão velhas ruínas num hipódromo mortalmente abandonado.

Na Idade Média esteve em grande evidência a Cavalaria. O nobre que era armado em cavaleiro, assumia consigo mesmo e com a família o dever de tornar-se defensor de todos os indivíduos que estivessem sofrendo injustiças, especialmente as donzelas encerradas nas torres inacessíveis dos castelos feudais. Em muitos países como Portugal, Espanha, etc., os jogos de cavalaria deram origem às cavalladas muito em voga no interior do Brasil até pouco antes da primeira guerra mundial. A cavallada era um esporte de elevada concepção social. Os cavaleiros montados em fogosos corcéis e vestidos espetacularmente como fidalgos, disputavam com os seus pares os troféus de argolas penduradas em arcos que ficavam um pouco acima de suas cabeças. Deviam ser tiradas com a ponta da lança em desenfreada carreira sob o arco. Conseguida a proeza, ia cada um oferecer a argola enfeitada com laços de fita à eleita de seu coração. Era um esporte ingênuo e cavalheiresco, revivência da Idade Média com seus cavaleiros andantes.

As modernas corridas de cavalo tiveram essas remotíssimas origens.

Para estimular o gosto pelo esporte, Lord Derby instituiu prêmio ao vencedor, com cavalos de três anos, no máximo. As primeiras corridas tiveram efeito em Epsom, que se tornou, dentro em breve, no mais famoso e sensacional campo de esportes do país. E' a festa esportiva por excelência. No dia da corrida clássica de Epsom, todas as repartições se fecham, não funciona o Parlamento, o comércio não abre, e mais de 500 mil pessoas se deslocam de todos os recantos da capital britânica com a ansiedade de ver as corridas. Todos os meios de transportes são utilizados. Vão a pé, em bicicletas, em trens, ônibus, charretes, como for possível, com tanto que se vá até Epsom.

Paris, como não podia deixar de ser, seguiu as pegadas de Londres, e em 1840 fundou seu primeiro hipódromo na praça da Estréla. Anos depois, porém, com as obras que a municipalidade executou na mesma praça, foi o hipódromo transplantado para a avenida Eugéaud, em 1856, a qual passou a chamar-se avenida do Delfim. Em 1869 violento incêndio destruiu as instalações do hipódromo, reunindo-se elementos e recursos para a reconstrução do "turf" parisiense. Surgiu então uma sociedade para levar a cabo as obras em 1875, edificando-se o novo hipódromo na avenida de Alma, edifício esse demolido em 1892. Ito anos mais tarde novo hipódromo se erguia no boulevard de Clichy, em puro estilo inglês.

E' mundialmente conhecido e admirado o "turf" na França. Parada de impressionante elegância, de muito dinheiro em

Na calma do seu lar, êle passa a vista nos jornais e lê o noticiário sobre suas façanhas como campeão de joquei





Um largo blusão de linho não sacrifica a elegância de uma senhora em estado interessante...



Se você faz "crochet", poderá fazer facilmente este sapato para verão



Grossa rede em veludo com pedras e borlas

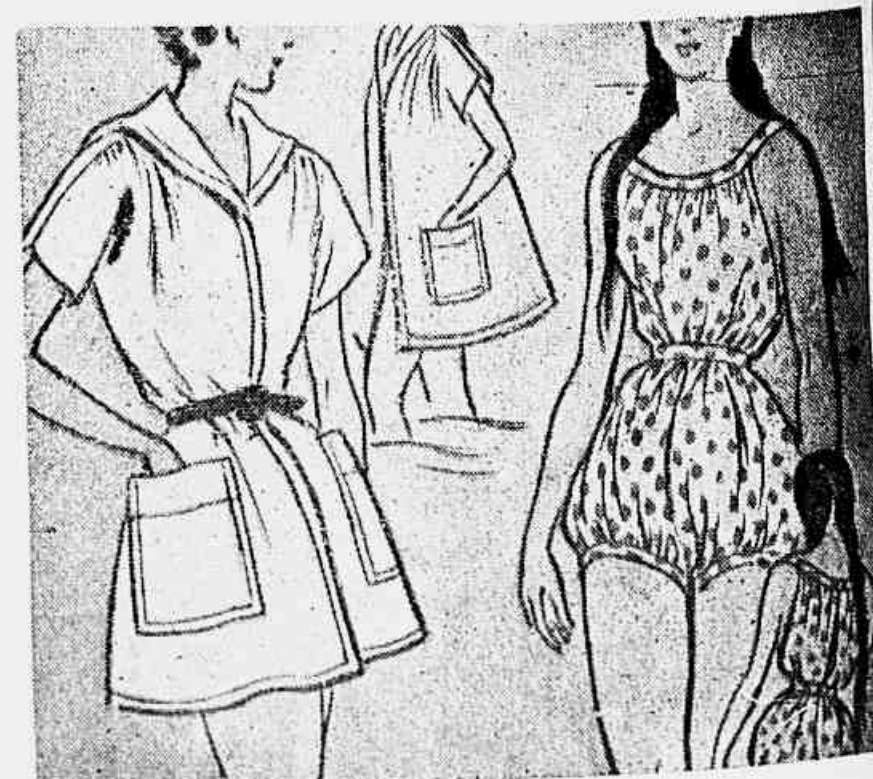


"Duas peças" com "short" em pregas



Uma bolsa prática para o seu "tricot", de muito fácil execução

Os casacos amplos e os "maillots" de uma só peça, foram lançados com sucesso em Paris



DETALHES E NOVIDADES



A última novidade francesa em "soutiens" sem alças



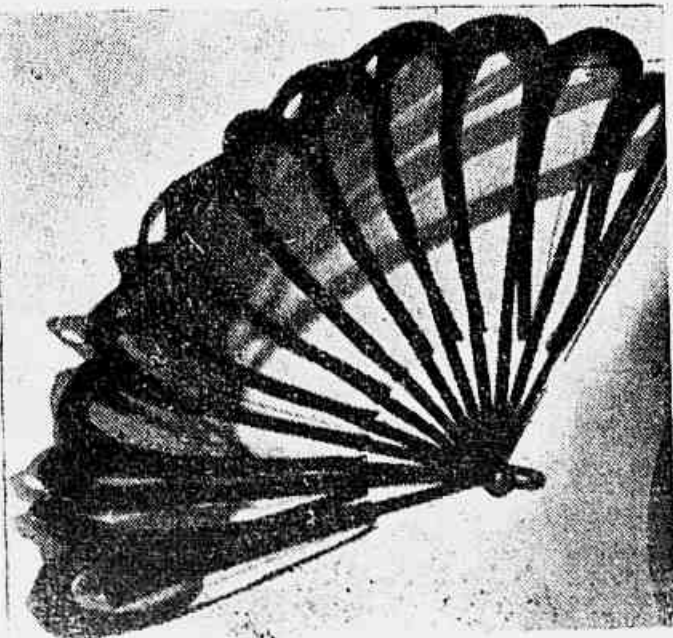
A llnha "assimétrica" volta ao cartaz...



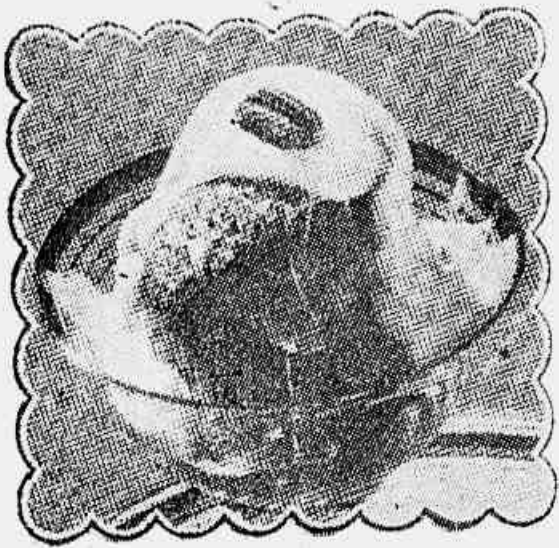
Para você, que está completando o seu guarda-roupa de férias, eis um casaco de muita originalidade



Chapéu de fibra, última sensação para o verão



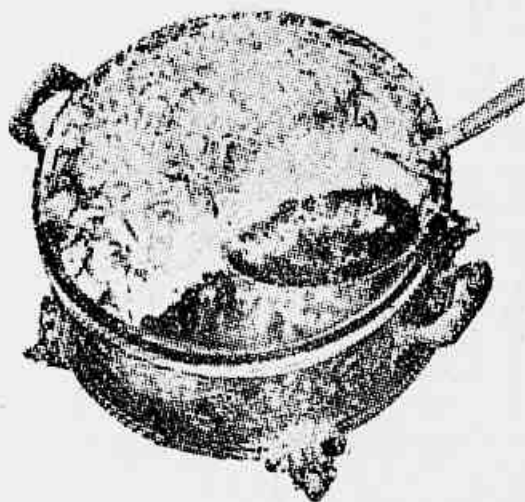
Um requinte de luxo... Leque de organza preta...



1 Os sorvetes feitos em geladeira deverão ser mexidos duas vezes antes de endurecer totalmente.

MOLHO DE TOMATES COM QUEIJO

Esquente 1 colher de manteiga, doure 1 alho bem socado, 1/2 cebola ralada e junte 1/2 quilo de tomates bem maduros. Esmague-os bastante com o garfo, refogue-os e junte 1 xícara de caldo e sal a gosto. Depois de uma ligeira fervura, passe por peneira, junte 2 colheres de queijo e gotas de limão. Servir quente.



2 O molho da salada deverá ser colocado minutos antes de servir e só depois de tirá-la da geladeira.

FATIAS DOURADAS

Tome um pão de forma, corte fatias finas (sem as cascas), passe manteiga e coloque entre 2 fatias uma pasta feita com queijo de Minas ralado, 1 gema cozida e mostarda. Molhe ligeiramente em leite temperado com sal, passe em farinha de rosca, ovos batidos e frite.

LEGUMES A MODA

Cozinhe os legumes bem picados em água e sal. Cozinhe também umas folhas de

repolho. Prepare um molho branco consistente, junte 2 gemas e queijo ralado. Misture-o com os legumes. Tome as folhas do repolho, deite uma colher da mistura em cada uma, enrole, prenda com palitos, passe em ovos e frite.

MANJAR COM AMEIXAS

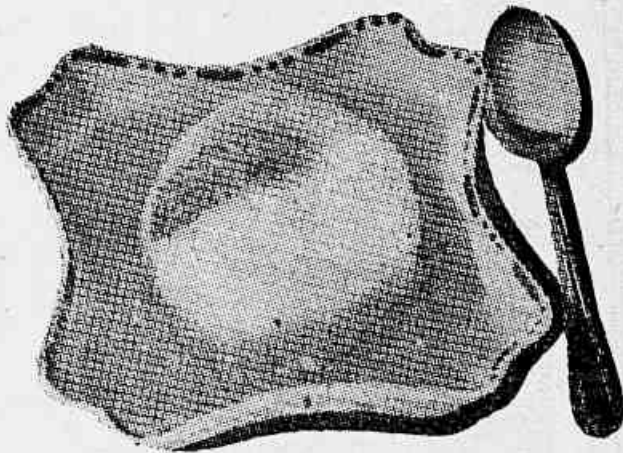
Ferva 1/2 litro de leite e passe-o sobre um côco ralado. Esprema bem o côco, junte açúcar a gosto, adicione 3 colheres de sopa de maionese e 4 gemas. Misture bem e leve ao fogo, mexendo bem até cozinhar. Deite em forma molhada e sirva com compota de ameixas.

SONHOS COM RHUM

Ferva juntos 1 xícara d'água, 1/2 colher de manteiga e sal. Logo que levantar fervura, junte, de uma só vez, 1 xícara de farinha de trigo. Cozinhe mais um pouco, deixe esfriar e depois junte um a um, quatro ovos inteiros. Bata muito bem e deite às colheradas em bastante gordura quente. Regue os sonhos com 1/2 litro de calda misturada com rum.

BOLINHOS PARA CAFÉ

Bata bem 1 xícara rasa, de chá, de açúcar, junte 2 ovos inteiros e 2 colheres de sopa de manteiga. Adicione 2 xícaras de chá, rasas, de farinha de trigo, 1 colher de chá de fermento e uma colher de chá bem rasa de sal. Bata bastante, misture casca fina de limão e deite em forminhas untadas, levando-os ao forno.



3 Para refazer um molho de maionese que se tenha "quebrado", bastam adicionar um pouco mais de azeite e mexer bem.

De ANAMARIA CÉLIA



O PROMETIDO É DEVIDO

É importantíssimo, para a formação do caráter infantil, que os pais nunca fujam às promessas feitas aos filhos. Infelizmente, porém, não são todos os pais que compreendem isso, julgando, talvez, não ser necessário manter a palavra dada a uma criança, à qual, certamente, tal falta não poderá causar mal algum. No entanto, o mal que causam é grande. Eles nunca poderão esperar, por exemplo, que os seus filhos venham mais tarde a ser corretos e cumpridores dos seus compromissos, uma vez que não colheram, em casa, um exemplo que os levasse a proceder assim. Já, pelo contrário, mantendo suas promessas, estarão inculcando no espírito da criança a noção do respeito pela palavra dada e com isto também estarão contribuindo para a formação de um caráter digno e nobre. É fácil, para a criança, ver ruir, num curto instante, toda a fé e toda a confiança que depositava nos pais; basta, para isso, que estes faltem a um compromisso assumido com ela. Não importa que inventem uma desculpa apressada; outros, nem sequer se dão o trabalho de fazer isso; a criança não compreende que os pais possam ter coisas mais urgentes e importantes a fazer, a não ser que lhes seja dada uma explicação lógica e detalhada. Isto não significa "dar confiança de mais à criança", como muita gente pensa, mas uma satisfação que ela merece. Agindo assim, os pais farão com que ela sinta a sua importância, como também compreenda que houve a intenção de cumprir a promessa e que, realmente, ela será cumprida na primeira oportunidade, o que não abalará a confiança que depositava nos pais.

Prometer sem prometer, sem a intenção de cumprir o prometido, é um erro que muitos pais cometem sem imaginar, talvez, o grande mal que estão causando aos filhos e a si próprios.

Nunca, portanto, deverá ser feita à criança uma promessa que não se tenha pelo menos a intenção de cumprir.

CONSELHOS CTEIS — O sol e o ar livre são indispensáveis à criança. Mesmo com algum sacrifício, procure proporcionar isso aos seus filhos. ★ É preciso que a criança possa fazer alguma coisa que tenha vontade de fazer. Não se pode passar o dia inteiro a lhe dizer "não faça isso..." "não mexa nisso..." o que por certo acabaria por torná-la nervosa e irritadíssima. ★ Nos períodos de gripe, procure evitar o contacto com pessoas doentes, a fim de que as crianças não venham também a ser atingidas.

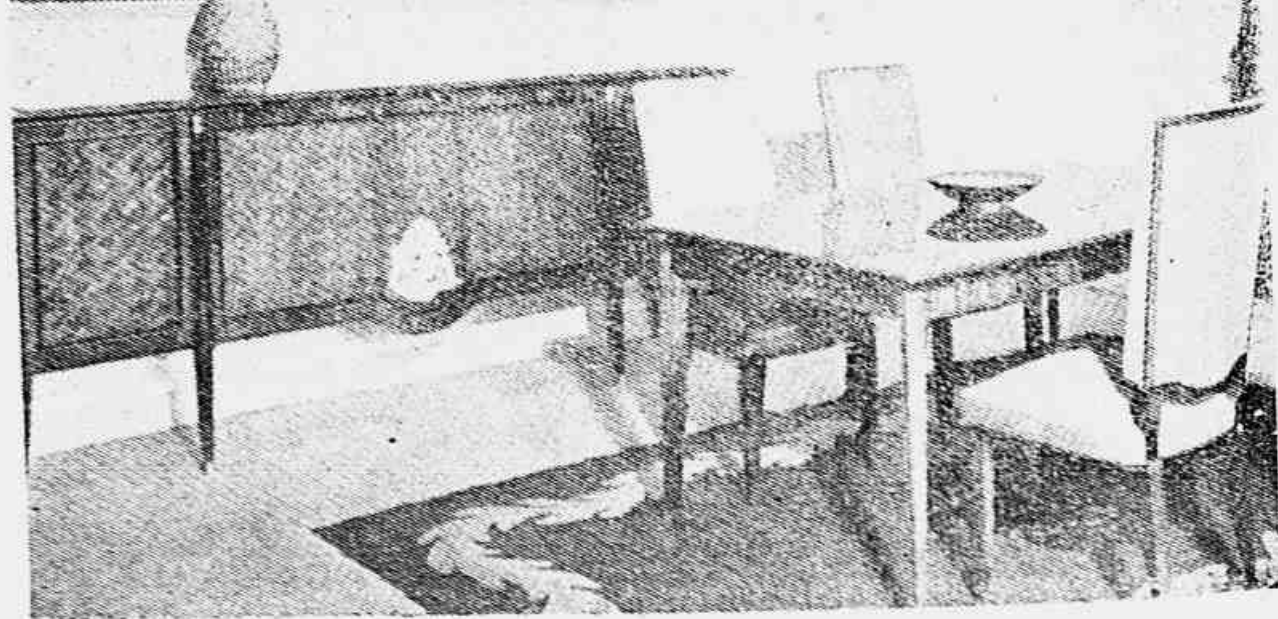
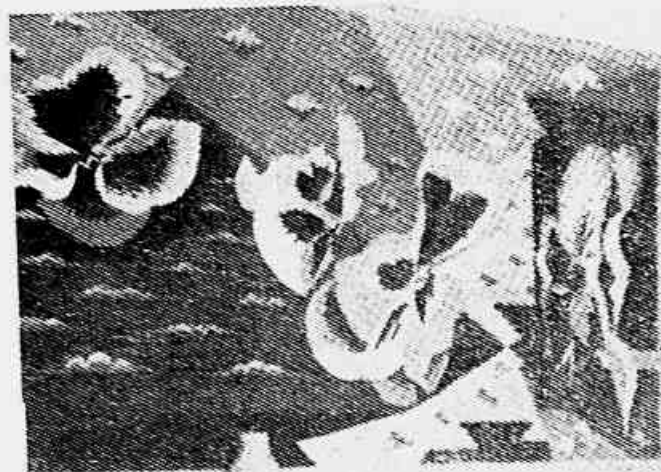


Três graciosos modelinhos para meninas até 10 anos, em algodão, fustão, cambraia e linho



Interiores

Os decoradores atuais estão fugindo um pouco aos móveis de estilo, dando preferência às linhas modernas ou então a uma sábia combinação do antigo e do moderno. Também o espírito prático é observado, procurando-se fazer o móvel com finalidade. Ao alto — Um contraste vibrante é obtido neste "living" com o seu móvel em laqué creme, com incrustações de metal. Os pés são de bronze. Sobre ele, um quadro moderno e, ladeando-o, dois biombos em laqué preto pintado a ouro. As poltronas e o divã são forradas em tecido "chartreuse". Tapete branco. À esquerda — O espaço é magnificamente aproveitado, aqui, fazendo-se uma só peça-escritório. A mesa, as gavetas, os armários, tudo se reúne numa só peça, poupando espaço e trabalho. Em baixo — Nesta sala de jantar as linhas são sóbrias e elegantes. Uma figura em mármore é embutida no "buffet", quebrando a sua simplicidade. As cadeiras são forradas de couro verde vivo. "Panneau" moderno e vaso de cerâmica sobre o móvel.





De muita distinção esta blusa em cambrala de linho com nervuras

Práticas em qualquer ocasião e em qualquer estação, elas são indispensáveis num guarda-roupa feminino.

Elegante modelo em mousseline, com "ruches" e laços de veludo preto



A de Mona Freeman, da Paramount, é em "rayon", babados formando gola e manga, arrematados por bordado inglês



Originalíssimo este modelo em "rayon", com "plastron" listrado



Blusas

PARA TODAS AS HORAS

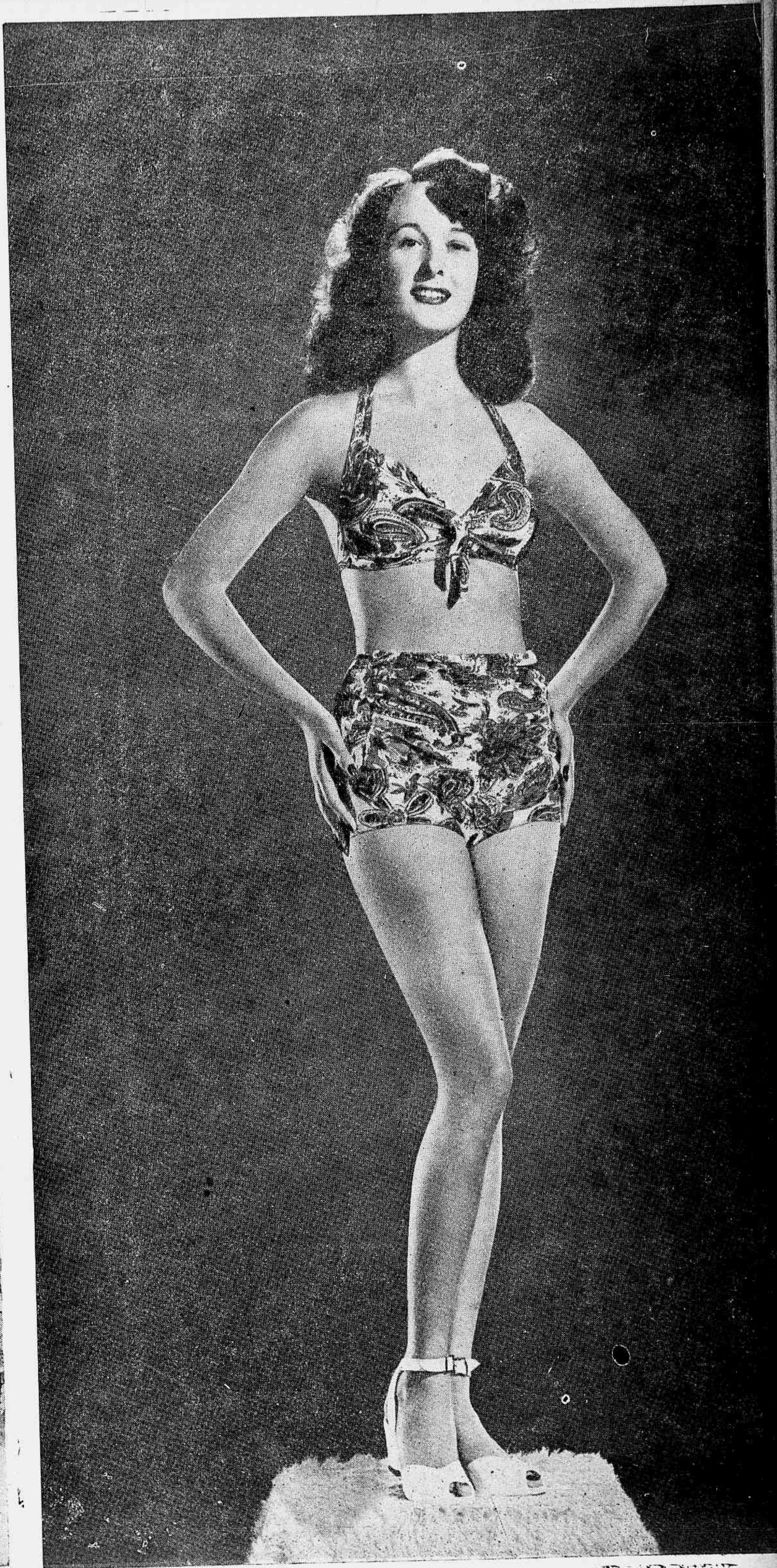
Nesta página, vocês encontrarão os mais recentes modelos para a presente estação, variando os seus feitios de acôrdo com o tecido e de acôrdo com a hora em que tais modelos deverão ser usados. O linho, o algodão, a cambraia estampada e o "rayon" são os tecidos preferidos para os modelos aqui apresentados.





PARA A PRAIA

Ao alto — Jane Russel, da Paramount, exibe um maillot de lastex preto, sem alças. E... exibe muito mais ainda... À direita — Irene Vernon, beldade de Goldwyn, sugere para as nossas praias este "duas-peças" em jersey estampado. Bela sugestão, sem dúvida... Em baixo — Sugestivo modelo em lastex branco apresentado por Janis Paige, da Warner Bros



SEMPRE em moda e sempre elegante, o "pois" domina tôdas as coleções, quer sejam estas da primavera, do verão ou do inverno. É realmente, um traje que "veste" bem, prestando-se para as mais variadas concepções e mais diversas ocasiões:

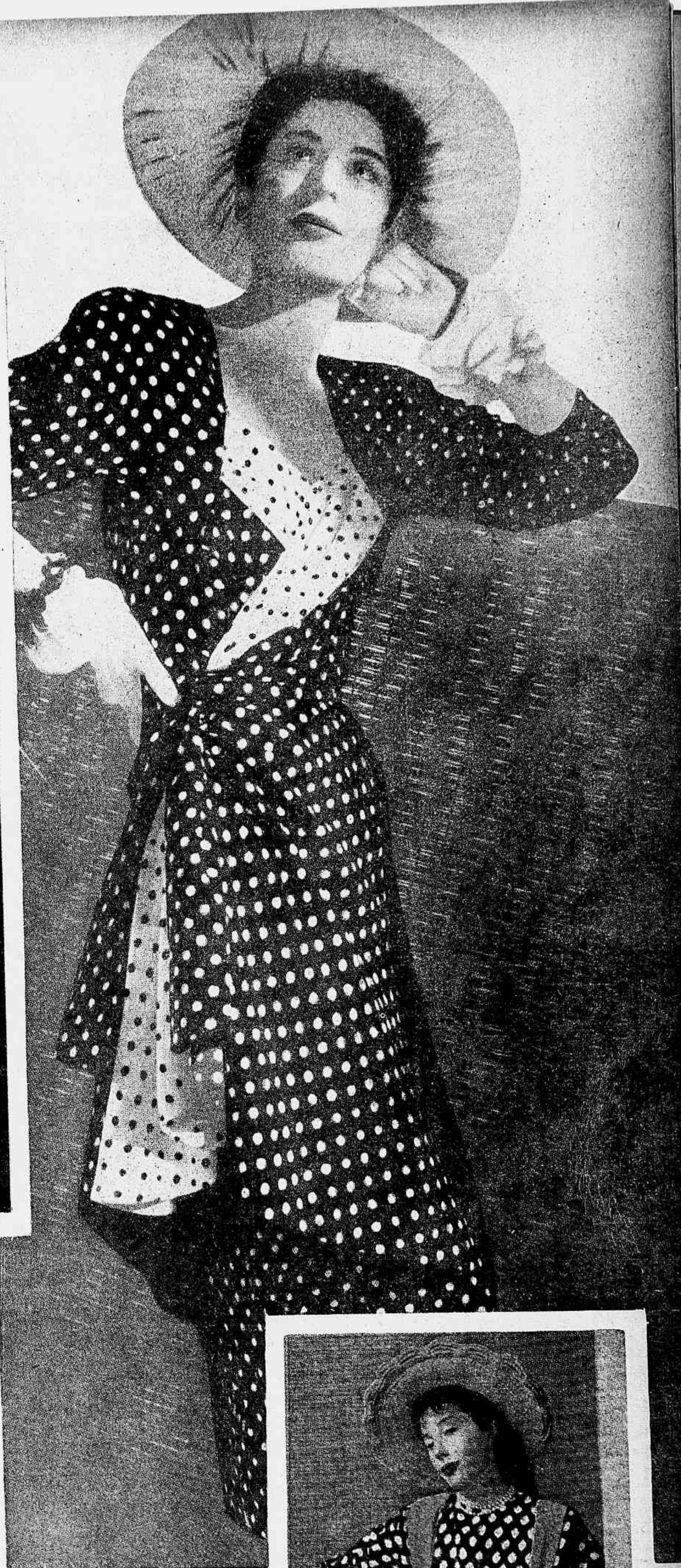


Ao alto — Com uma saia unida, Paqueta sugere este redingote em seda azul-marinho com "pois" brancos. — Uma fantasia sobre o "pois" é o que apresenta Marcel Rochas neste encantador modelo para verão. A esquerda — Mesmo para os modelos de noite, o "pois" é bem recebido, conforme nos indica este modelo de Jean Patou, verde azeitona com "pois" brancos

AINDA EM MODA O

"POIS"

Elegantíssimo, este modelo de Paquin, executado em tecido de "pois" contrastante. Transpasse na frente e drapeado "apanhado" na cintura, blusa de seda branca também com "pois"



Ao alto — Redingote muito justo à cintura, abrindo em "godet" para baixo, em linho verde com "pois" brancos. Criação de Marcelle Chaumont. À esquerda — Uma interessante sugestão em linho azul com "pois" branco



Modelo em seda marinho com "pois" brancos. Bandas brancas dos ombros à cintura e daí abrindo em leque para baixo. Acompanha-o luvas e chapéu branco



Q. Cunha

— Ainda teremos outro túnel?
— Não, filhinha, é só este!

E D. Carolina, passando o braço sob a nuca de Lucinha, agitava o leque com a outra mão, diante do rosto da moça que durante a passagem do túnel, fôra acometida de uma horrível dispnéia.

Passo Quatro, Itanhandu, Pouso Alto, São Lourenço.

— Ah! mamãe! Se pudéssemos descer aqui, como no ano passado... Dez meses apenas e quanta transformação em nossa vida! Carlos na Europa, Gilka e Roberto casados; e eu, à procura de um lugar onde um clima propício e um ar mais puro me devolvam a antiga vitalidade dos meus pulmões...

E duas pequeninas lágrimas brilharam nos olhos febris da pobre mocinha.

D. Carolina quis falar, mas não pôde. Tomando as mãos da filha, sorriu com ternura como a dizer que tivesse coragem, que tudo haveria de passar.

E o trem continuava a sua marcha, indiferente à vida e ao destino de cada um de seus passageiros.

Soledade, Silvestre Ferraz, Cristina, Maria da Fé!

— Chegamos, filhinha! Maria da Fé! Não é bonito este nome? Carregador!? Querida, feche a gola do casaco, porque a noite está muito fria. Mil duzentos e cinquenta e oito metros! Que altitude! Estamos pertinho do céu!!

E enquanto D. Carolina tagarelava tentando animar a filha, Lucinha sorria debilmente, levando a todos os instantes a mão à boca, na tosse insistente dos tuberculosos.

Atravessaram a pequena praça e chegaram ao hotel onde haviam reservado aposentos.

Maria Lúcia, tremendo de frio e febre, mal trocou o traje de viagem pelas roupas de dormir, aninhou-se na cama.

D. Carolina, pediu um caldo bem quente e depois de obrigar a filha a tomá-lo, aconchegou-lhe as cobertas nos

FELICIDADE

teu nome é esperança

Selecionado pela REVISTA DA SEMANA

ombros, beijou-a ternamente, acariciou-lhe os cabelos e abrindo as venezianas, apagou a luz, fechando a porta atrás de si.

Uma hora da manhã. Lucinha ainda não conseguiu dormir. Na semi-obscuridade do quarto, seus olhos erram perscrutando as sombras, enquanto o cérebro trabalha num tumulto louco e o coração oprime-se agita dentro do peito.

D. Carolina, no quarto ao lado, continua acordada, enquanto não se certificar de que a filha está dormindo.

E naquele quarto estranho, só, extenuada, ela pensa... Há tão pouco tempo a família era tão feliz! Não eram ricos; porém, viviam com relativo conforto. O marido, era comerciante. Honesto e trabalhador, era ao mesmo tempo um companheiro leal, afetuoso e pai extremosíssimo. Sentiu muito quando a viu partir só com a filha doente, para Minas; mas, era impossível acompanhá-la. Ele mesmo, geria os negócios da firma e só conseguia afastar-se dos negócios, durante alguns dias no princípio do ano. Carlos, o filho mais velho, terminara o curso médico e lá se fôra para a Europa, especializar-se em pediatria. Gilka, sua sobrinha e filha adotiva, casara-se na véspera da partida

de Carlos, (na noite em que Lucinha apanhara o resfriado) e fôra residir no Rio Grande do Sul, para onde o marido primeiro tenente do Exército, fôra transferido. E Lucinha... a sua querida Lucinha, que apesar dos seus 19 anos ainda era tratada como uma criança... A caçulinha que era o orgulho do pai, que a apresentava aos amigos como "o maior tesouro que Deus me deu"... Mas, viera aquele maldito resfriado, a pneumonia e em seguida o terrível diagnóstico: tuberculose. Pensou que iria enlouquecer naquele instante; porém, conservou a serenidade e ouviu com atenção as recomendações do médico: repouso, superalimentação, tratamento constante e clima adequado. E, como a pequena tinha força de vontade e um organismo capaz de reagir à moléstia, podiam e deviam ter esperanças.

O travesseiro estava molhado das lágrimas que corriam dos seus olhos; e, rememorando as horas de dor por que passara, não percebeu que a filha já estava dormindo há muito tempo. Acendeu então a lâmpada da mesinha de cabeceira e tomando a imagenzinha da Virgem que sempre trazia consigo, murmurou: Mãe Santíssima! Fazei com que

Maria da Fé, que é a nossa esperança, restituía à minha filhinha, a saúde que ela perdeu. Vós fostes mãe e conheceis a dor de perder um filho! Tende piedade de mim, que também sou mãe e conservai a vida de minha filha!

No dia seguinte o gerente da casa, veio dizer-lhe que sentiam muito, mas, que, infelizmente, elas não poderiam continuar no hotel, porque a mocinha "era doente". E para provar a sua boa vontade, prometeu arranjar-lhe uma casinha, pequena e confortável, onde as duas poderiam residir durante o tempo necessário ao "restabelecimento da senhorita".

Mobilada a casinha, um pouco distante do centro comercial, porém, num recanto aprazível, D. Carolina quis alugar um piano para que Lucinha pudesse distrair-se de vez em quando; contudo, não encontrou um sequer na cidade; e foi preciso mandar vir o seu do Rio.

Maria Lúcia era um temperamento artístico; e a música, representava para ela, o mais suave entretenimento do espírito. Romântica por natureza, absolutamente sensível a todas as manifestações do belo, muitas vezes surpreendia a família em arrebatamentos de entusiasmo ouvindo uma melodia, que para os outros não passava de "bonita música"; ou fascinada com a magia de um crepúsculo no mar, ocasião em que Carlos fazendo troca dizia-lhe não ver nada de mais no "ato do sol tomar banho". Lucinha ria, chamava-o rústico, insensível à beleza, puxava-lhe o cabelo e acabava dando-lhe um beijo.

Quando o piano chegou, Lucinha pulou de alegria.

Já conhecia a cidadezinha, limpa e agradável e nos lentos passeios matinais em companhia de sua mãe, fizera alguns conhecimentos. Mas, o povo de uma pequena cidade do interior é sempre meio esquivo a novas relações e por

(Continua na pág. 46)



A. MIGUEIS

LOCUTORAS...

Dizer-se estar o rádio em "deficit" no seu quadro de locutoras, é desconhecer o que se passa nas ondas hertzianas. Se à primeira vista parece difícil encontrar um César Ladeira ou um Celso Guimarães de saias, com um pouquinho de paciência e boa vontade, observa-se a existência de vozes femininas à altura de programas de certa responsabilidade. Daí, o absurdo de taxar de medíocres as locutoras do "broadcasting" carioca. Há elementos de valor, como no caso de Maria Helena que, a nosso ver, é uma corretíssima e excelente locutora. Tanto, assim, que as próprias emissoras guanabarrinas procuram conquistar-lhe o concurso, sem que ela se resolva a deixar a Mayrink Veiga, onde milita desde a sua saída da PRE-8. Nem mesmo a vantajosa proposta que lhe foi feita por importante empresa norte-americana, conseguiu afastá-la do microfone PRA-9. Ora, uma figura medíocre, de forma alguma poderá desperdiçar a atenção de qualquer prefixo, quanto mais de uma empresa.

Outro elemento feminino, cuja atuação tornou-se marcante na linha de programações da PRE-8, é Lúcia Helena. Militando de há muito na onda da Rádio Nacional, cabe-lhe comandar os grandes "broadcasts" ao lado de locutores da classe de um Celso Guimarães, de um Aurelio Andrade, de um Reinaldo Costa. Lúcia Helena alia a sua voz agradável à dicção perfeita, portanto, negar-lhe mérito, é falsear a verdade ou ser do contra.

Mas, não para aí a relação das locutoras incapazes de deslustrarem o valor de uma boa atração radiofônica. Outras vozes amenas e microfônicas encontram-se no sem fio carioca. Embora em número inferior, dada a preferência pelo elemento masculino, elas se espalham pelos diversos prefixos da cidade, animando programas, movimentando apresentações e dizendo das excelentes qualidades deste ou daquele produto comercial. E, diga-se com franqueza, nem tão medíocres são as locutoras do "broadcasting" carioca, motivo porque preferimos ouvir um cartaz apresentado por Maria Helena a escutar certos programinhas de auditório animados por famosos "medalhões". É que acima da popularidade, está o corretismo da pronúncia e a absoluta segurança no dizer, elementos essenciais na carreira dos que têm o encargo de dizer ao microfone.



AMÁLIA RODRIGUES

RÁDIO-FLASHES

"A Espósa do Passado", é como se intitulava a novela que Jaime Faria Rocha entregou ao elenco de rádio-teatro da Mayrink Veiga. ★ Rubens Amaral, ora atuando no microfone da BBC, presta-se para regressar ao Brasil, onde assumirá seu posto de locutor na Globo. ★ Abúncia-se, como certa, a visita de Amália Rodrigues à nossa terra. Podemos assegurar, de antemão, que a PRE-3 interessa-se em apresentá-la, novamente, ao seu microfone. ★ Lya Cavalcanti, integrante do Departamento Latino da BBC, está afivelando as malas para voltar, em definitivo, à Cidade Maravilhosa, a fim de ocupar seu lugar numa das Casas Legislativas. ★ "Maria, Mãe dos Pecadores", novela religiosa que a Tamoio está irradiando, marca o retorno de Anselmo Domingos às atividades radiofônicas, depois de regular período de férias. ★ Entabola negociações com a Rádio Globo, no momento, o produtor Pascoal Longo, recém-saído da Guanabara. ★ Firmou contrato com a PRE-3, onde já se acha atuando, o locutor Américo Vilhena, egresso da Tamoio. ★ Na primeira quinzena de janeiro, a família radialista sofreu rude golpe com o passamento de Henrique Beltrão. Compositor e intérprete de suas próprias melodias, Henrique Beltrão desapareceu aos trinta e quatro anos de idade. ★ Não tem fundamento o ingresso de Mata Machado no elenco da PRE-8. Este continua a emprestar seu concurso à Globo, fazendo a resenha diária do que se passa na Câmara dos Deputados.

Pelas esquinas do mundo

Lourenço Marques, Capital de Moçambique, possui uma portuguesa assistente entusiasmada a um original de Oduvaldo Viana, que a Companhia Aura Abranches-Alfredo Ruas está apresentando. Trata-se de "Fruto Proibido", um dos grandes êxitos da bagagem teatral desse conhecido novelista. A peça em aprêço está sendo levada à cena no Teatro Manuel Rodrigues. ★ Heriberto Muraro, conforme já divulgamos, desligou-se do conjunto de Eva Tudor. Agora, segundo notícias que recebemos, o conhecido pianista projeta uma excursão pelos diversos países do Velho Mundo, a iniciar-se na Espanha. Quanto a seu regresso ao Brasil, é coisa imprevisível. ★ O maestro Gaó, cuja atuação nos meios artísticos de Nova York é das mais intensas, pretende regressar ao Rio logo após o período carnavalesco. Desta vez, segundo tudo faz crer, ele reassumirá seu posto na Globo, passando a orientar os programas musicais dessa emissora.

Opinião

"O Rádio é um dos principais elementos da educação das massas. O simples fato de que aqueles que não possuem meios para assistir a um concerto de primeira ordem possam ouvi-lo somente dando volta a um botão, basta para ilustrar o papel do rádio na vida moderna". — Donald Dammé.

A procura de valores

O ideal da professora Maria Magdala da Gama Oliveira é difundir a boa música, fazendo-a chegar a todas as camadas sociais. Criando "Artistas Novos do Brasil", ela tem procurado revelar valores através de concursos honestos e movimentadíssimos. Assim acaba de acontecer com o "Prêmio Carlos Gomes", em que se inscreveram mais de cem candidatos. É que por intermédio desse concurso, Maria Magdala da Gama Oliveira vem de descobrir dois novos valores na arte do bel canto, segundo parecer do crítico Silvio Moreaux, da cantora Carmen Gomes e do maestro Renzi Massarani. Referimo-nos a Alzira Ribeiro e Otília Magalhães de Sá, ambas empata-das em primeiro lugar, com vinte e seis pontos, na conquista do "Prêmio Carlos Gomes". Em segundo, saiu vencedor o jovem Fernando Paz de Oliveira.

SABIA QUE...

...Décio Luís trocou a PRE-3 pela PRG-3 por uma questão de capricho, pois desejou mostrar a certo figurão das "associadas" que seu prestígio era um fato? ...Celestino Silveira, muito antes de pen-

sar em rádio escreveu cortinas e "sketches" para diversas casas de espetáculos da Cinelândia? ...Dermival Costalima, ora à testa das "associadas bandeirantes", dedica-se nas horas vagas à poesia, produzindo poemas modernos? ...Paulo Fortes, exclusivo da PRA-9 alia seus dotes vocais às qualidades de caricaturista?

Desprestígio

As histórias em capítulos, na Califórnia do Norte, perdem em cartaz para qualquer programinha, segundo informia a Comissão de Ouvintes de Novelas Radiofônicas. Somente 7 por cento de ouvintes se interessam por esses programas, índice demonstrativo de que as donas de casa e as empregadas são desfavoráveis ao gênero escolhido por Oduvaldo Viana. Tal como neste Estado norte-americano, acontece em Minas Gerais. Os rádio-ouvintes montanhenses mostram-se indiferentes à popularidade que as novelas alcançam no Rio, haja vista que todas as tentativas para a intromissão de dramas seriados nas emissoras mineiras, têm redundado em absoluto fracasso. Aliás, atribui-se ao gosto pela boa leitura a indiferença com que os senfilistas de Minas recebem as novelas. Será o mesmo caso da Califórnia do Norte?

Lar, doce lar...

Emilinha Borba, a insinuante criadora de "Chiquita Bacana", é solteirinha da vida. Isto, não quer dizer que despreze o casamento. Porém, a exclusiva da Rádio Nacional acha que: "um dos mais sérios problemas na vida de uma mulher é o matrimônio. Por isso, sou francamente favorável ao casamento. Se já não me casei, foi unicamente por ainda não ter tido oportunidade".



EMILINHA BORBA

Cauçueiro INTERNACIONAL

NÃO ACREDITO MAIS

De Paulo Gesta e Cabôclo

O que você me fez
Outra você não me faz
Eu em você
Não acredito mais:
Nem que a nossa amizade volte a ser
O que era há um ano atrás.

Você, pode jurar
Prometer até se humilhar...
Em você
Não acredito mais:
Nem que a nossa amizade volte a ser
O que era há um ano atrás.

COW-BOY VALENTE

De Manoel Pinto e Airão. — Gravação de Pato Preto.

Côro

Lá vem o cow-boy valente)
Sempre valente e alegre como) Bis
(quê é é)

Quando ele chega i...
Termina a arruaça i...
Bandeiro ali não passa

Com seu sorriso e o seu revólver
Ele acaba com a confusão
Depois de mostrar
Quem é o valentão
Ele monta o seu cavalo
E canta esta canção.

O CIRCO VEM AÍ (Marcha)

De Milton Oliveira, Haroldo Oliveira e Carvalhinho. — Gravado por Aracy de Almeida.

O circo vem aí
Quem chora tem que rir
Com tanta palhaçada
Tem Hindu que come fogo
Fakir que come prego
Mulher que engole espada.

Está na hora
O circo vem aí
Ora bota o palhaço p'ra fora (bis)
Tem um leão
Tem elefante
Tem um anão
Que levanta um gigante.

QUEM MANDA NO BONDE? (Marcha)

De Domingos de Oliveira e Nicomedes de Oliveira. — Criação de José Tostes.

O bonde corre o condutor cobra o [dinheiro]
Quem manda no bonde é o motor- [neiro]
O bonde está repleto de carna- [lescos]
Cantando sambas pitorescos.

O bonde para, pula o fiscal
Que com atenção vai contando o [pessoal]
Surge a madrugada e o motoneiro
Da gaita só toma o cheiro.

Os Homens Suspeitos



NOVELA DE **EDGARD DEMPSEY**



TRADUÇÃO DE **RENATO DE ALENCAR**

O vendaval sibilava por entre os galhos das árvores, e a neve caía em profusão enregelando os caminhos. Ansioso por um refúgio seguro contra a queda hibernal e o vento cortante, seguia pela estrada de Flagstaff a Winslow um cidadão já meio idoso montado em seu cavalo.

Fustigava o animal a fim de alcançar, antes do anoitecer, a pousada de "Half Way House", onde pudesse ficar antes de prosseguir a jornada. Seu animal já parecia bastante cansado. Fazia-se urgente procurar uma casa, uma caverna, qualquer coisa que o protegesse e ao seu cavalo, daquela ventania e nevada insuportáveis, antes que anoitcesse de uma vez.

Ele ainda era novato naquela região e, por isso, estava surpreendido com a violência dessas borrascas de neve desconhecidas em sua terra. Pensava nos perigos de uma caminhada como aquela em plena noite tempestuosa, quando ouviu tropel de outro animal. Pareceu-lhe que outro viajante lhe vinha nas pegadas. Instintivamente refreou o cavalo e olhou para trás. Súbito viu que, através da penumbra, emergia um jovem escanchado num animal.

Ao aproximar-se dele, o moço lhe falou:

— O senhor deve estar com muita pressa, pois o venho seguindo a mais de cinco milhas, e somente agora o alcancei. Half Way House está muito pertinho.

— Ótimo! — exclamou o velho homem que ficara atrás. — Já estava inquieto com a falta de um abrigo. Muito grato por ter-me seguido. E' duro marchar numa estrada bloqueada pela neve como esta.

— Chamo-me Gregory Hoyt — disse o jovem. — Meu tio toma conta da Half Way House.

— Meu nome é Brady, Jhon Brady. Muito prazer em conhecê-lo, rapaz.

Brady era um homem de seus quarenta e muitos anos para cinquenta, mas ainda muito bem conservado, embora os seus cabelos se apresentassem grisalhos. Tinha um semblante que denunciava firmeza de caráter e seus modos eram corteses. Hoyt era um jovem de expressão franca e parecia estar ansioso por vencer aquele resto de estrada antes que a neve se acumulasse tornando-se mais densa e difícil de vencer.

Por isto fustigou o cavalo e tomou a dianteira.

Vinte minutos mais tarde o jovem Hoyt riscava o seu cavalo em frente à porta principal da casa do tio, a ansiosamente desejada "Half Way House"; desce do animal e entra sem demora. Deseja revelar ao seu tio Ben Renningsdale o que o xerife lhe confiara, antes de chegar ali o outro viajante, John Brady, a quem encontrara no caminho.

Ben estava lá no interior da casa a alimentar o fogão com lenha seca.

— Tio Ben — começou o jovem com ansiedade. — Preciso dizer-lhe uma coisa importante. E tenho de falar rapidamente. Estive agora mesmo na cidade e o xerife Tom me disse que alguém havia cometido terrível homicídio em S. Francisco, antes de começar essa borrasca de neve. Ele pensa que o assassino tomou esta direção, devendo passar por aqui, e me pediu que lhe dissesse que precisava de seu auxílio, vigiando os viajantes. O suspeito viaja num cavalo alazão, e...

Hoyt se deteve subitamente cortando a frase, naquele "e...". Estava excitado. O tio surpreendeu-se e se pôs de pé diante dele.

— E... e o que, rapaz? — perguntou-lhe interessado. — Que deseja dizer-me ainda?

— E' que acaba de chegar aí fora um viajante montando um cavalo alazão. Chama-se Brady, e eu penso que é o tal do crime. Encontrei-o no caminho já perto daqui e o ultrapassei com o intuito de chegar primeiro e transmitir o recado do xerife.

Tio Ben olhou cautelosamente pela janela e viu no terreiro um cavalo alazão. Retirou de sua secretária um revólver, pô-lo à cinta, ocultamente, e saiu para o vestibulo.

— Ora viva! — gritou o estranho ao ver Ben. — Sinto-me feliz em estar aqui. Estava temendo anoitecer aí por esse caminho cheio de neve e açoitado pelo vento forte. Seu filho chegou primeiro que eu!

— Sobrinho — corrigiu Ben.

— Pode hospedar-me esta noite?

— Claro. E' para isto que estamos aqui. Leve seu animal para a cocheira e venha para dentro.

O estalajadeiro viu o recém-chegado conduzir o cavalo para a estrebaria e voltou para o interior da casa.

— Pode ser o assassino, mas também pode ser que não — disse ao sobrinho. — Tem mais "pinta" de um bom amigo — concluiu em voz baixa.

— Mas é o único nas condições descritas pelo xerife — acrescentou Gregório ainda nervoso.

Brady, depois de acomodar seu cavalo no estábulo onde havia bastante forragem, voltou à hospedaria e se acerceou do fogo, estendendo as mãos para aquecer-se. Pareceu admirado com a solidão daquela morada e algo difícil de atingir, a julgar pelo trajeto nada convidativo que atravessou.

Renningsdale foi então à cozinha onde estava sua filha, Emily, a arrumar utensílios de prata, advertindo-a do que se passava e recomendou calma. Falou também com sua esposa e preveniu que não queria pânico em casa. A mulher lhe perguntou admirada:

— Que história é essa, então? Que se passa com você?

— Comigo, nada! Graças a Deus.

— Acolher aqui um assassino?... — perguntou Emily alarmada. — Que faremos então?

— Nada — respondeu o pai. — Absolutamente nada. Que poderemos fazer. Agora é você e sua mãe se portarem como se nada soubessem. Não tenho uma descrição completa do criminoso, e não podemos afirmar que seja este que vai ficar aqui esta noite.

Emily, não suportando a curiosidade, foi na ponta dos pés, abriu a porta da sala de jantar e lançou uma vista de olhos para o novo hóspede. Mas voltou imediatamente e correu para seu pai, exclamando:

— Chegou um outro viajante e está aí fora!

A luz da lanterna à frente da casa, iluminado pela luz mortíca daquele pequeno farol, estava um homem de elevada estatura, de meia idade, a segurar as rédeas de seu cavalo alazão, já muito cansado. Tinha na fisionomia os sinais de fadiga e ares de quem estava sob a pressão de uma idéia torturante. Usava camisa de

lã escura, e sobre ela pesado casaco de couro. As calças se sumiam até aos joelhos pelas longas botas de "cow-boy". Ao pescoço um "cache-col" de lã o protegia da neve no rosto. A cabeça um chapéu de abas largas desabado sobre os olhos. Um certo volume que se via sob o casaco, à altura dos rins, dava idéia de ser uma arma de fogo.

— Que noite horrível! — disse-lhe Renningsdale ao ir ver quem chegava. E lançou um olhar perquiridor ao novo hóspede.

O estranho olhou o dono da casa. Seus pequenos olhos na face gorda e em contraste com seu corpo volumoso, apareceram a Ben algo apreensivos.

— Como está a estrada por aí adiante?

— perguntou como quem tenciona prosseguir viagem apesar da noite e da neve.

— Não desejo dar-lhe opinião para continuar a viagem ou não; o último viajante que passou na estrada e continuou, foi à tarde. Ninguém mais passou. Isto parece denotar que a estrada por aí além está intransitável. Dispomos de quartos aqui, e o senhor poderá ficar, se quiser.

O homem parecia indeciso ainda montado em seu cavalo de costas para a tempestade. Depois resolveu e disse:

— Está bem, senhor... Ficarei.

Depois de deixar a montada na estrebaria, entrou na casa. Diante da lareira, estava Brady, aquecendo-se. Todos se conservaram calados.

Renningsdale aviva o fogo.

— A lenha está sendo rapidamente consumida. E' preciso esquentar os que vêm da neve — disse jovialmente.

O desconhecido lançou um olhar a Ben e falou:

— Tem razão, senhor. Nada me poderá satisfazer tanto como este aquecimento.

O ruído que veio lá de fora, denunciando a aproximação de mais um cavalo, fez que Renningsdale se erguesse e fosse até à entrada da casa. Era um terceiro viajante que viajava que acabava de deter-se à porta de "Half Way House". Logo que avistou Ben, perguntou-lhe, mantendo-se à sela:

— Como está o caminho lá para diante?

Ben informou que era perigoso continuar a viagem com aquele tempo borrascoso. Seria melhor aparar e ficar ali até que o tempo melhorasse. Se quisesse, havia quarto para ele.

Era o recém-chegado um rapaz muito simpático e alegre, com seus vinte anos, alto, olhos vivos e rosto com espinhas.

O jovem não vacilou. Estava à hora da ceia. Vestia à moda do oeste, com uma espécie de macacão, botas de "cow-boy", camisa de flanela, casaco de pele de carneiro. Entrou, tirou o chapéu de abas largas "Stetson", jogando-o sobre uma mesinha de leitura e se postou diante do fogo.

Ao dar de cara com o segundo hóspede seus olhos acusaram qualquer coisa como se ele houvesse visto alguém que não esperava encontrar ali.

— Salve, senhores! — disse ele sentando-se.

O homem de casaco de couro fez um gesto de inclinação de cabeça e lhe lançou significativo olhar. Ninguém mais falou. Embora parecesse haver ali uma certa tensão, todos receberam o jovem com agrado.

Minutos depois estavam à mesa para ceiar. Silenciosos, como que acautelados uns com os outros, temerosos de dizer inconveniências. Dentre os três somente Brady quisera começar uma conversa; mas, como nenhum dos demais estabelecera diálogo, ele também voltou ao silêncio.

Logo que terminou a refeição, levantaram-se e foram para a sala de estar onde o fogo convidava a confortador descanso, em ambiente tépido, repousante.

Renningsdale, rude e forte oestiano, fôra tratar de seus afazeres domésticos, como sempre fazia. Um daqueles três homens devia ser o assassino conforme denúncia do xerife Tom Bagley, pensava intimamente o hospedeiro; mas não havia dúvida que ainda não tivera qualquer indicio sobre tal suspeita. Até então só procurava excetuar um, o jovial Brady, que não lhe parecia ter cara de criminoso. Era uma pessoa de boas maneiras, afável, alegre, amigo. Contudo ele notara que entre Brady e o último chegado havia qualquer coisa. Ben observou que, no fim do repasto, quando o terceiro viajante se ergueu da mesa, Brady também se levantara como em guarda, ficando com a atenção nele, dando a idéia de que esperava qualquer eventualidade.

A cozinha da casa estava separada da sala de estar pelo salão de refeições. Quando os da família ficaram na cozinha reunidos, puderam conversar tranquilamente

sobre o caso sem nenhum temor de serem ouvidos pelos hóspedes.

A palestra entre os membros daquela pacata família versou, toda, ela, sobre as suspeitas contra aqueles homens.

— Penso — disse Mrs. Renningsdale — que o assassino é aquele que usa casaco de couro.

A opinião de Emily era também esta; mas a de Hoyt era que o criminoso seria o jovem recém-chegado.

— Não temos razão nenhuma de acusar qualquer deles — interveio o chefe da casa.

— Sabemos apenas que o homicida está viajando num cavalo alazão. Temos aqui dois hóspedes que montam cavalos dessa cor. Isso nada significa, uma vez que o país está cheio de cavalos alazões. Todos esses homens podem ser cidadãos honestos.

— Homens honestos não trazem armas de fogo ocultas — respondeu o sobrinho.

— Armas? Que armas? — voltou o tio admirado.

— O hóspede de casaco de couro traz uma pistola. Vi muito bem quando se ergueu da mesa.

— Deus do céu! — exclamou Renningsdale. — Como é difícil manter-se um hotel em paz!

A tempestade de neve havia passado um pouco. O caminho estava bloqueado pelo gelo. Ninguém poderia andar lá fora sem estar com os pés protegidos por botas especiais para esses momentos.

Na sala de estar os hóspedes se aqueciam diante das chamas. Brady estava absorvido com a leitura de um livro; o jovem brincava com um gatinho de estimação de Emily, enquanto o outro de casaco de couro olhava o jovem a divertir-se com o animalzinho. A senhora do dono da casa observava o rapaz. Pelo seus modos de brincar com o gatinho, procurando divertir-se sem cansar o bichinho, provava que ele era uma pessoa de bons sentimentos e muito gentil. Isso a impressionou favoravelmente. Não era possível que aquelas mãos que, agora, acariciavam o gatinho da filha houvessem matado um homem; era coisa em que ela não podia acreditar.

O mais suspeito deles, o de casaco de couro, se ergueu e começou a passear lentamente, para lá e para cá. Dava a impressão de que estava preocupado, mas seus passos eram seguros. O volume que mostrava sob o casaco ainda lá estava. Parou por um momento, tirou um charuto e o acendeu. Continuou a passear silenciosamente, frio e calmo.

Mrs. Renningsdale rompeu conversa com o jovem que brincava e afagava o gatinho, como se ele precisasse conversar com alguém e não encontrasse ninguém para uma prosinha. Começou ele a contar sua vida num rancho no seu Novo México. Tinha gado, cavalos, carneiros. Agora ia a caminho de Albuquerque para trabalhar com um seu tio que adquirira uma fazenda perto dali.

Ao conversar se tornava muito simpático, amigo e risão. Nada havia em suas maneiras ou modo de conversar que denunciase estar ali um homem fora da lei. Parecia mais com qualquer um desses jovens que estão fora de casa e que precisam de amizade de estranhos. Naturalmente que, sendo um produto do sertão, sua conversa se ressentia de defeitos próprios do matuto. Às vezes contava episódios de sua meninice e sorria como uma criança.

O hóspede que passeava voltou a sentar-se em seu lugar. Tirava baforadas de seu charuto e parecia entregue a fundos pensamentos.

Brady fez ao jovem várias perguntas sobre a vida e as coisas em Albuquerque, dizendo que tencionava ir lá muito brevemente. O rapaz conversou sobre Novo México e sua capital, prestando Brady a mais viva atenção.

Quando chegou a hora de dormir, o hoteliro mostrou a cada um seu respectivo aposento, todos no andar superior. A família dormia no térreo. O quarto que coube ao homem de casaco de couro era o que dava para os fundos, no fim de um corredor. O do jovem ficava próximo ao primeiro. Brady ficou no quarto oposto, em frente à escada.

A sra. Renningsdale não pôde dormir. Em certo momento ouviu ruídos de passos e movimentos de tábuas que estalavam. Acordou o esposo e pediu que prestasse atenção. Mas o velho explicou que esses estalos lá em cima eram produzidos pelo frio que estava a zero. O mais era imaginação da mulher.

A tempestade de neve passara completamente. O céu se tornara limpo e a lua brilhava sobre a paisagem. Renningsdale estava quase a dormir quando ouviu um estampido que sacudiu a casa com o seu estrondo. O hóspede se ergueu de um salto e saiu para ver o que se passava, enquanto sua esposa ficava a tremer de medo sem poder articular uma palavra.

Por alguns segundos andou ele em busca de um fósforo. Acendeu uma lanterna e subiu ao andar superior. Mas já vinha de lá, a correr, Brady, em trajas menores.

— Que sucedeu? — quis saber o dono da casa com voz excitada.

— Não sei — respondeu Brady. — Ouvi um tiro...

Continuaram a busca, e ao chegar ao aposento do jovem este apareceu espantado e perguntou:

— Que houve?

Renningsdale não respondeu, pois via que a novidade estava no quarto do terceiro hóspede. Foram encontrar o outro homem estendido ao chão e ensanguentado, com um revólver na mão. De um ferimento numa das têmporas saía um filete de sangue. Renningsdale e os seus dois hóspedes se acerraram em silêncio.

— Suicídio... — murmurou Brady.

Os outros nada responderam. Brady continuou:

— Durante a tarde ele não parecia tão triste, embora não dirigisse uma só palavra a ninguém.

— Vamos levá-lo daqui. Minha mulher morreria de medo se o encontrasse.

Os três conversaram sobre o ocorrido. Brady disse que estava semi-adormecido quando ouviu o estampido. Ergueu-se, desceu pensando que o tiro viesse lá de baixo, como se alguém houvesse atirado para dentro de casa através de uma das janelas. Depois que viu o dono da casa a subir com uma luz, é que percebeu que o tiro havia sido dado no andar superior. Depois falou o jovem, que tinha pouco a dizer. Estava dormindo quando o tiro o acordou, vindo em seguida, no seu quarto, o sr. Renningsdale e Brady. Ainda estava confuso.

— Algum dos senhores — perguntou Renningsdale — levantou-se antes de o

tiro ser disparado? Minha senhora ouviu passos aqui em cima antes do estampido.

Nenhum deles se havia levantado antes do tiro. Trocaram idéias, e o ocorrido foi julgado um caso típico de suicídio. Era preciso comunicar ao xerife, que com certeza abriria um inquérito.

— Seremos obrigados a ficar aqui até a chegada do xerife? — perguntou Brady visivelmente contrariado.

— Temo que sim — respondeu Renningsdale.

O jovem ficou inquieto. Estava sem dinheiro suficiente para demorar tanto e não poderia pagar a conta da hospedagem. Mas Renningsdale o tranquilizou dizendo que o xerife daria um jeito. Os dois hóspedes foram deitar-se novamente, enquanto Renningsdale voltava para seu quarto a fim de acalmar sua esposa e os demais da família que estavam reunidos cheios de pavor. Ali o velho disse que parecia tratar-se de um suicídio. Lamentava que tal sucedesse em sua casa; mas, que fazer? Virou-se para o sobrinho e falou:

— Vista-se, meu filho, preciso de sua ajuda.

Mrs. Renningsdale implorou que o marido ficasse no quarto com ela; mas o velho saiu ao terreiro com uma lanterna e foi ver o corpo que haviam deixado no pátio. Quando o sobrinho voltou vestido, ele perguntou se ele tinha coragem de ir a Flagstaff. O rapaz ainda hesitou, mas respondeu:

— Claro que tenho.

— Agora mesmo?

— Sim. E' necessário.

O velho explicou ao sobrinho que estava certo de que se tratava de um homicídio. Que procurasse o xerife e lhe dissesse que um assassinio ocorrera em sua casa e que ele viesse proceder às necessárias investigações. Quando saísse não fizesse ruído nenhum, recomendou ao sobrinho.

O moço saiu na estrada, metido em suas botas próprias para a neve, o único par que havia em casa. Estava admirado da conclusão do tio. Enfim, como o velho já tinha sido xerife... E se pôs a caminho, com a estrada branca iluminada pelo luar.

Era ainda madrugada quando ele chegou à porta da casa do xerife, que se assustou com visita tão cedo. Reconhe-

cendo-o, ainda mais se admirou. O rapaz deu o recado do tio. A autoridade ficou meio indecisa quanto à ida a "Half Way House"; mas, se se tratava de um homicídio, o jeito que tinha era ir mesmo. Preparou-se e lá se foram os dois, deixando o xerife de usar seu belo chapéu "Stetison" porque o havia perdido no dia anterior quando estivera a procurar o assassino de Joe Dobson.

Ao chegarem à hospedaria, já encontraram tio Renningsdale entregue aos seus afazeres domésticos. Não dormira um minuto. Tendo revistado um dos bolsos do morto, descobrira que ele se chamava Frank Kent e ia a Albuquerque visitar uma irmã, Cora Bassy. O xerife achava que o hóspede se suicidara. Renningsdale o contestou e passou a dizer por que motivo achava que se tratava de um homicídio:

— O assassino abateu o hóspede e, em seguida, colocou-lhe o revólver na mão, para simular suicídio. A prova mais evidente é que não se nota nenhum sinal de pólvora no rosto do morto, prova de que não se matou.

— E quem teria praticado o crime? — perguntou o xerife.

— Um dos dois que estão aí.

— Vou interrogá-los.

— Em conjunto?

— Sim.

Em seguida desceram até ao fogão, onde os hóspedes o aguardavam. O interrogatório foi rápido e nada adiantou, nos primeiros momentos; mas o xerife insistiu com o jovem cujo nome era Frank Nielson, apertando-o com perguntas embaraçosas. Em certo momento fez-lhe esta, de chofre:

— Por que matou Frank Kent?

— Eu?! — respondeu o jovem empalidecendo. — Não matei Frank Kent. Ele se suicidou.

O xerife mandou que os dois homens pusessem os chapéus e saíssem com ele até a estrada, andando um pouco. Depois voltou a falar ao jovem:

— Foi você quem o matou. Aproveitou o momento em que ele estava a dormir, tirou-lhe cautelosamente o revólver, fez

(Continua na pág. 52)



(Continuação da pag. 42)

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

Dublin, dezembro de 1948.

Estamos na Capital da Irlanda do Sul (Eire) há mais de uma semana. Nos primeiros dias fomos iludidos com dias lindos de sol e temperatura amena e chegamos a sair à rua sem sobretudo; depois choveu um dia inteiro e estriou muito, tanto que caiu geada e hoje continua chuvoso e tempo encoberto. Vimos de Belfast pela estrada de ferro, num excelente trem com carro restaurante — tudo muito confortável. As terras são bastante montanhosas mas há também boas partes ligeiramente onduladas ou planas com excelentes terras onde plantam batatas, forragem e pastos para o gado. Há criação de cavalos, galinhas, porcos e carneiros em grande profusão, pois a Irlanda exporta muito gado em pé para a Inglaterra, Holanda e Itália. Seu mercado de boi em Dublin é muito próspero e curado pelos compradores do continente. Por força justamente da falta de alimentos, não há racionamento aqui. Podemos pedir presunto com ovos ou bifês à vontade, o que não acontece na Grã-Bretanha e em quase todos os países onde andamos ultimamente.

As casas das fazendas são mais simples do que as do Norte e quase sempre caiadas de branco. Passamos por alguns lagos muito pitorescos, arborizados na margem, mas vimos poucas florestas. Na fronteira, o guarda da Alfândega pôs a cabeça para dentro do nosso compartimento de 2ª classe e perguntou-nos se tínhamos somente artigos de uso pessoal. Quando lhe informamos que era apenas roupas o que tínhamos na mala, foi embora e não fomos procurados por ninguém mais. Somente no dia seguinte é que fomos registrar os nossos nomes no "Castelo de Dublin", o que se fez em poucos minutos.

Como o Eire manteve-se neutro durante a guerra, apesar de mais de 100.000 voluntários terem formado no exército britânico, os alemães não andaram bombardeando isto por aqui e a cidade está intacta, tal como há muitos séculos. Dublin possui largas e imponentes avenidas, entre elas a "O'Connell", que, em bora curta, tem cem metros de largura, sendo ladeada por belos prédios, lojas, cinemas grandes e alguns hotéis. O Consulado brasileiro, a cargo do dr. Morais, simpático neto do visconde, está situado nessa via. Fomos visitá-lo e nos cumulo de gentilezas. Contou-nos o dr. Morais que no espaço de 2 anos fomos o 4º patrício a visitar Dublin. Na verdade nós brasileiros pouco conhecemos desta linda ilha ao lado da Grã-Bretanha. Sempre tivemos vontade de vir até aqui, pois minha madrinha era uma irlandesa magnânima e, apesar de ter esquecido até sua própria língua, por força de tantos anos que viveu no Brasil, sempre mostrou seu coração irlandês.

No sábado fomos assistir às corridas de obstáculos em Naas, no Condado de Kildare, para onde viajamos de automóvel, por uma excelente estrada, passando por várias aldeias pitorescas. O prado fica no meio do campo, inteiramente isolado, longe de tudo. A entrada custou Cr\$ 37,00, mas na compra do programa, fora do recinto, o rapazote "matou" Cr\$ 20,00 no trôco. Quando demos pela falta, já não podíamos procurá-lo.

Como sempre, nos páreos aqui correm muitos animais. Vinte e mais em cada páreo. Entretanto, saída em falso não observei ainda. Um dos páreos foi em mais de 4 e meio quilômetros (3 milhas) e deram duas voltas completas. Apesar de o local do hipódromo ser pouco acessível, havia muita gente e milhares de



Uma vista de O'Connell Street, na parte central de Dublin, Capital do Eire

automóveis. Só há um trem especial, que fica numa estação um pouco distante, e alguns ônibus. A maioria vem nos seus automóveis. Aqui, como na Inglaterra, há dezenas de "bookmakers", aceitando apostas ao lado da casa de "poules". Havia muito mais homens do que senhoras e vimos até um padre fazendo sua "fezinha".

Como país católico-praticante que é, o Eire tem muitos padres e freiras por toda parte. O católico irlandês leva a religião muitíssimo a sério, e as igrejas, o mesmo durante o dia, estão sempre repletas de fiéis de ambos os sexos. O porteiro do edifício do Consulado, por exemplo, vai várias vezes por dia à igreja, hábito generalizado aqui. Há poucas grandes lojas na cidade e algumas adquiriram enormes quantidades de tecidos de algodão brasileiros durante o logo depois da guerra. Visitamos uma das casas que mais importou e o chefe nos contou que uma boa parte do tecido foi reexportado para a Suécia. Quanto à qualidade do nosso produto, ele sabia perfeitamente que não era lá grande à qualidade do nosso produto. Agora ele comprou a Espanha, Holanda, Bélgica, Estados Unidos, além da Inglaterra, que sempre foi o maior fornecedor. O saldo do Eire na Grã-Bretanha anda por mais de 500 milhões de libras cedor. O saldo do Eire na Grã-Bretanha anda por mais de 500 milhões de libras cedor. O saldo do Eire na Grã-Bretanha anda por mais de 500 milhões de libras cedor.

O irlandês difere bastante do inglês em fisionomia e modo de encarar a vida; além da diferença de religião, o homem do Eire é mais alegre. Aqui falam alto nos restaurantes, e nos cinemas o silêncio não é tão grande; os garotos correm de um lado para outro, vendendo jornais aos gritos... E... há mendigos nas ruas pedindo esmolas, simplesmente — sem venderem lápis ou cantar ou tocar instrumentos como na Inglaterra. Algumas mendigas andam com crianças no colo e nos acompanham com insistência. Há também grupinhos de garotos mal-colo e nos acompanham com insistência. Há também grupinhos de garotos mal-colo e nos acompanham com insistência. Há também grupinhos de garotos mal-colo e nos acompanham com insistência.

Como observamos na Inglaterra, há no Eire centenas de escritórios e agências de seguros por toda parte, em número que parece incrível. Há mais dessas agências do que bancos, apesar de haver também muitos bancos. A gente daqui deve andar toda segura e ressegurada... Não são somente companhias irlandesas, inglesas ou escocesas, mas há também muitas do Canadá, Austrália, Nova Zelândia e vimos até uma suíça.

No centro de Londres então é prédio após prédio, todos com agência de seguros. No interior a mesma coisa, tanto na Inglaterra como no Eire.

Visitamos a notável Escola de Equitação do coronel Hume-Dudgeon, que foi o treinador do "team" olímpico da Grã-Bretanha. É um belíssimo estabelecimento hípico, quase no centro da zona urbana. Ocupa uma área de mais de 20 hectares, com coudelaria, pastos, picadeiros, lugar para saltos, etc. Na hora da nossa visita um instrutor, ex-oficial de cavalaria do mesmo regimento do coronel, estava dando aula a um numeroso grupo de rapazes e mocinhas, vindos de muitas partes inclusive da Inglaterra. É um espetáculo muito interessante essa lição em conjunto. Os cavalos são amestrados e tomam parte nos trabalhos com tanto interesse como os próprios cavaleiros.

isso sentindo-se muito só, a chegada de seu companheiro de muitos anos, foi um "acontecimento" naquela monotonia.

O médico vinha vê-la todas as tardes; e era a única pessoa, depois de sua mãe, com quem Lucinha se abria sem constrangimento.

Era ele uma figura simpática, muito alto, de tez morena, com as têmporas grisalhas, apesar de andar pelos quarenta anos; gestos paternos sem exagero e sempre alegre. Viera como Lucinha, a Maria da Fé, em busca de saúde; e como fôra feliz e gostara do lugar, fixara ali residência. Era celibatário. E, embora "receitasse" casamento para todos os rapazes da sua roda, nunca teve coragem para tomar tal remédio.

Todavia, o tempo vai passando e D. Carolina vê com satisfação, que sua filha está melhorando. Mais animada, mais alegre, o colorido das faces mais natural, apesar daquele olhar tristonho e distante que não a abandona nunca.

Um dia o Dr. Eduardo quando foi visitá-la, disse-lhe que tinha uma surpresa para ela e convidou-a para um passeio à chácara de um conhecido seu, onde provariam nozes ali cultivadas, com a condição de passarem antes pelo seu consultório. E tendo ao braço, de um lado D. Carolina e do outro Maria Lúcia, lá se foram os três rua afóra sob o espanto da gente do lugar que corria à janela para ver o Doutor de braços com a moça doente.

Ao passarem pelo consultório, entraram para a salinha de espera e o dr. Eduardo fez com que Lucinha se recostasse na cadeira de balanço, de costas para a porta que dava para o interior, dizendo-lhe que descansasse um pouco, enquanto ele ia mostrar a D. Carolina os novos coelhos que recebera. E a moça quase sempre obediente às ordens do médico, recostou-se, ficou quieta e fechou os olhos.

— Adivinhe quem é?

Lucinha assustou-se quando sentiu duas mãos que lhe cobriam os olhos; mas, ao ouvir aquela voz forte, porém de modulação suave igual à do médico, riu embaraçada sem saber o que responder.

— Não adivinha? Pense um pouquinho.

A voz que você está ouvindo, não lembra alguém que você conhece por fotografia?

— Dirceu!

— Muito bem! E como vai a senhorinha Maria Lúcia?

Quando D. Carolina voltou com o dr. Eduardo, já encontrou os dois em uma palestra animada, como dois antigos camaradas.

— Então, valeu a surpresa, Maria Lúcia? Eu prometi arranjar para você um companheiro com menos cabelos brancos que eu, e aí está ele? Confere?

Dirceu, ou melhor, o dr. Dirceu, era o irmão mais novo do dr. Eduardo. Diplomou-se também em medicina. E como deixara a Universidade naqueles dias, resolvera antes de pensar em iniciar a carreira, passar uma temporada com o irmão no interior, para descansar e aconselhar-se com ele sobre o melhor a fazer dali por diante.

Muitas vezes o dr. Eduardo falara no irmão com Lucinha e no dia em que ela lhe mostrara o retrato que Carlos mandou da Itália, ele, achando graça na coincidência, apresentou-lhe também uma fotografia que o Correio lhe trouxera um dia antes. Era Dirceu no retrato de formatura. Lucinha contemplou a imagem gravada no cartão durante muito tempo, era distante, ora de perto, analisou todos os traços do rapaz, como se quisesse descobrir naquela figura impressa a alma do jovem médico.

E terminou dizendo ao dr. Eduardo que Dirceu era um rapaz soberbo; e sobretudo, muito mais bonito que ele!

O doutor agradeceu e desde esse dia, em todas as cartas que dirigia ao irmão falava em Maria Lúcia. Este, por sua vez, nunca deixava de perguntar pela "sua encantadora cliente" e pelos progressos de sua cura.

Dirceu chegara na noite anterior sem avisar. E o médico, quis fazer à Lucinha

a mesma surpresa que tivera com a chegada do irmão.

Desde esse dia ela teve um companheiro para os seus passeios, um acompanhador quando queria cantar ao piano, um amigo para todas as ocasiões, enfim, o que lhe faltava há muito tempo: a presença de uma criatura tão jovem quanto ela, inteligente, alegre e que lhe devotasse, senão amor, pelo menos amizade irrestrita.

Nos poucos meses que se seguiram à vinda de Dirceu, o progresso da cura de Lucinha foi tão rápido, que ela já não aparentava nada mais que denunciava a moléstia. Foi quando o dr. Eduardo sugeriu à D. Carolina bater novas chapas radiográficas.

Não havendo na cidade um aparelho de raio-x, combinaram uma viagem à vizinha cidade de Itajubá. E naquela mesma tarde, Lucinha telefonou ao pai que viesse para acompanhá-las, pois ela queria que ele estivesse presente, quando soubessem o resultado. Nos dois dias que se seguiram, enquanto esperavam o sr. Leandro, fizeram um passeio de charrete até a cascata "Vê de Noiva". D. Carolina preferiu ficar em casa, fazendo preparativos para esperar o marido.

A cascata, à margem esquerda da estrada de ferro, distante uns dois ou três quilômetros da cidade, tombava de uma altura de uns vinte metros mais ou menos, num rendilhado branco de espumas, como um majestoso véu nupcial a desdobrar-se pelo rochedo escarpado. Daí, a origem do seu nome: "Vê de Noiva".

Lucinha ficou encantada. Entusiasmou-se com a paisagem, fez comparações, colheu florinhas na beira da água, pulou de um lado para o outro e por fim sentou-se cansada à beira da cascata. Dirceu sentou-se a seu lado, atraindo-lhe pequeninos seixos, enquanto o dr. Eduardo, lá em baixo, braços cruzados, olhava a corrente, o espírito distante...

Uma vozinha doce e muito terna, elevou-se no ar:

E a fonte a cantar
Chua, chua...
E as água a corré
Chué, chué...
Parece que alguém...

E alguém, o semblante grave e muita ternura no olhar, tomou as mãos de Maria Lúcia que parou assustada, mas, sem erguer os olhos da água.

— Lucinha! Olhe para mim!

A moça indecisa, tentou desviar a conversa; mas, suas mãos tremiam nas mãos de Dirceu e seu pequenino coração parecia querer saltar dentro do peito. Ele compreendeu o que se passava naquela cabecinha querida; e num gesto rápido, levantou-se e erguendo-a consigo, olhou-a bem nos olhos.

— Não tenha medo, querida! Eu a quero muito. E o que havia de mau já passou. Havemos de ser muito felizes; você verá!

— Dirceu! Não fale assim! Você sabe que eu também o adoro; mas, pelo menos por enquanto eu não tenho o direito de aceitar as suas palavras.

— Lucinha, quando seu pai chegar, eu vou pedir-lhe a sua mão. Quer ser minha esposa?

Maria Lúcia não respondeu; ergueu para ele os olhos onde a maior ternura boiava entre lágrimas; e, num sorriso cheio de felicidade, deitou a cabeça sobre o ombro do rapaz. Dirceu abraçou-a com carinho e beijando-lhe os cabelos, murmurava ao seu ouvido a promessa de tudo que o amor pode dar.

Quando o dr. Eduardo apareceu, viu logo que algo de extraordinário havia se passado em sua ausência; mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Dirceu comunicou-lhe que estava noivo de Lucinha e que pretendia oficializar o pedido à noite, quando o futuro sogro chegasse.

Quando chegaram à cidade, já encontraram o sr. Leandro; e foi a muito custo, que Lúcia convenceu o noivo para falar-lhe quando voltassem de Itajubá. Todavia, à mãe que lhe vira nos olhos a ventura que lhe ia no coração, Lucinha contou com minúcias as consequências do passeio.

★

A pequenina casa está iluminada! Lucinha ao piano, canta para os convidados; contudo, cada nota da melodia que sai



JOSÉ FOMM

O 1948 NO TEATRO

O ano de 1948 será um marco na história de nosso Teatro: foi o ano das grandes realizações planejadas e prometidas em 1947.

Tivemos a esplêndida temporada dos "Artistas Unidos" no Ginástico, iniciada com uma peça clássica da literatura grega, ou seja, "Medea", de Eurípides, e encerrada com o sucesso de "O Casaco Encantado" peça infantil da escritora paulista Lúcia Benedetti. Nessa mesma temporada apreciamos "Uma rua chamada Pecado" e "Só nós três!".

Sandro, "o poeta", a quem muito deve o nosso teatro, apresentou-nos audaciosamente "Anjo Negro", "Tobacco Road", "Therese Raquin", "A... respeitosa", "O Anel Mágico", "Lua de Sangue", etc... É notável a dedicação do jovem empresário ao teatro, não medindo esforços nem visando lucros.

Dulcina, com a reprise de "Chuva", e a apresentação de "Mulheres", alcançou invulgar sucesso. Esta última peça saiu do cartaz ainda em pleno apogeu, em virtude do contrato da conhecida comedianta com o Teatro Santana, em São Paulo.

Bibi Ferreira, de volta de Londres, deu-nos na Cia. de Procopio uma interessantíssima peça que constituiu um êxito de bilheteria. Trata-se de "Divórcio", de Clemence Dane.

Aimée, no Teatrinho Intimo do Leme, depois de algumas comédias medíocres, lançou "A inconveniência de ser esposa", que consagrou Silveira Sampaio um autor e um ator!

Valter Pinto conseguiu o máximo no campo das revistas com "Trem da Central". A Cia. Portuguesa de Revistas e Operetas esteve no Carlos Gomes, sendo bem aceitos os seus espetáculos. Salienta-se entre os bons elementos o grande João Villaret, nosso bom amigo e excelente "diseur".

DO ESTRANGEIRO



JEAN-PAUL SARTRE

Nos jornais de Nova York vemos uma verdadeira guerra contra a Censura Teatral, por ter esta impedido a apresentação de "The Respectful Prostitute", a famosa peça de Sartre, no Cort Theatre de Chicago, que, na opinião do Cap. Harry Fulmer, da Censura Americana, "é fundamentada na mais baixa imoralidade e também um grave insulto à raça negra".

O sucesso em Paris da peça "Montserrat", de Emanuel Robles, despertou a atenção de Lillian Hellman que está procurando uma adaptação afim de transportá-la aos palcos norte-americanos. "Montserrat" versa sobre a vida de Simon Bolívar, o Libertador.

Jean-Paul Sartre, o famoso escritor francês, tem sido muito representado nos teatros do mundo. Quase todas as suas peças foram levadas em Paris com muito sucesso, assim como em Londres. Nos Estados Unidos várias peças superlotaram os teatros: atualmente no New Stages Theatre de Nova York está "The Victors" em adaptação de Thornton Wilder. No Mansfield Theatre, Charles Boyer interpreta "Red Gloves" em tradução de Daniel Darasch. A atração principal é, sem dúvida, o astro francês, pois a crítica não tem sido favorável e Sartre acusa o tradutor de responsável pelo insucesso.

Tallulah Bankhead no Plymouth Theatre em Nova York, apresenta "Private Lives", do autor inglês Noel Coward, a mesma peça com que Mario Salsberry estreou no Teatrinho Intimo do Leme, intitulada em português "Pancada de Amor".

"Anne of the Thousand days", de Maxwell Anderson foi aclamada a melhor peça da temporada em Nova York. Nos principais papéis estão Rex Harrison, o famoso ator inglês e Joyce Redmann.

Louis Jouvet, no Teatro Athénée de Paris, apresenta "Don Juan", de Molière. "O principal fim do texto de "Don Juan" é fazer uma sátira dos hipocritas da época, e o nome espanhol só serviu de pretexto", assim se expressou o crítico Marcos Victoria, no jornal "La Nación" de Buenos Aires.

No Teatro Hébertot, de Paris, está sendo levada a interessante peça de Montherlant, "Fils de personne", tendo Suzet Maïs e Claude Dédien nos principais papéis.

"Les parents terribles", que Henriette Morineau apresentou no Regina, foi filmado em França, sendo Jean Cocteau autor, adaptador, dialoguista e realizador da película.



TALLULAH BANKHEAD

uns é bom sujeito, mas tem trabalhado demais, e anda meio ranzinza. Tem umas brincadeiras pesadas e umas esquisitices que é preciso que a gente releve.

Fomos interrompidos por Estelinha, que nos trouxe os aperitivos.

— As notícias boas, qualidades! — brindei.

Carlos ergueu seu copo sorrindo, e logo que Estelinha saiu da sala me perguntou, ainda incrédulo:

— Mas, Gilson, não estás brincando?

— Não, não estou. Podes te apresentar amanhã cedo, para ir começando.

Ele me olhou sério, e vi que estava se ensaiando para agradecer; eu, que não gosto dessas cenas, fui logo interrompendo:

— Nada de agradecimentos, por enquanto. Vai ser experiência. Se deres conta, vai adiante; se não, eu não poderei fazer mais nada...

— Tu não compreendes, Gilson... — ele falou com dificuldade — eu preciso agradecer. Mas sinto que não é preciso... Parece que somos os rapazes de anos atrás, dos tempos de Faculdade; não preciso dizer muito para que me compreendas.

— Esta bem, está bem! Não é preciso romancear o fato.

A empregada veio dizer que o jantar estava na mesa. Passamos à outra sala.

★

No outro dia, Carlos chegou cedo ao escritório. Deixei que Martins se entendesse com ele, porque não podia suportar o olhar de agradecimento com que Carlos me olhava. De início, Carlos ia aprender com o rapaz que ia retirar-se da firma. E verdade, que o emprego não era lá muito brilhante; mas com o tempo, Carlos teria melhores oportunidades: isso é o que Martins dizia, e eu estava disposto a ser um grande "pistolão"...

Depois de uma semana, José, o outro rapaz, retirou-se, e Carlos ficou sozinho no cargo.

Martins ainda andava zangado comigo, por causa daquela discussão do dia em que pedi que empregássemos a Carlos.

Naquele dia, então, estava de mau humor excepcional, e foi com evidente má vontade que me perguntou:

— Há uns pagamentos a fazer na cidade. Você cre que convém mandar esse tal criminoso?

— Você é quem sabe. — Respondi ainda mais sério do que ele.

— Bem, como você o apresenta como anjo, acho que se pode arriscar.

Não gostei da palavra arriscar, mas quis evitar nova discussão, e deixei passar.

Carlos foi chamado, e Martins começou a dar-lhe explicações dos pagamentos que tinha a fazer. Deu-lhe a pasta conferiram todos os documentos, e cem mil e tantos cruzeiros para os pagamentos. Martins ia dando as explicações com ar de desconfiança, que eu desejava em vão que Carlos não notasse. Aquela má vontade com o rapaz já estava me irritando. Retirei-me da sala, aborrecido, e fui ver o que havia pelo escritório. Pouco depois saiu Carlos, pasta debaixo do braço, e fui falar com ele, junto à mesa da sta. Maria.

— Não liguem muito a Martins, Carlos. Ele é meio esquisito, mas no fundo não é má pessoa.

— Não há nada, não, Gilson! — disse ele sem jeito — eu acho que no lugar dele estaria assim, também.

Maria teve um risinho malicioso. Carlos olhou para a pasta, e, procurando pôr-se mais à vontade, disse brincando:

— Também, são cento e tantos contos! — Olhou para a pasta, e disse ainda sorrindo, mas um "quê" de preocupação: — E é o que ocupa menos lugar. A pasta está volumosa e da papelada que vai junto...

— Toma cuidado, — disse eu, brincando também — e vai pela sombra. Ele pisou um diabo, e saiu.

Voltei para minha sala, e, como havia muito trabalho, fiquei ocupado uma porção de tempo, e nem queria olhar para Martins, na mesa ao lado, porque ele parecia ainda de pior humor que antes. Às vezes olhava para mim, querendo dizer alguma coisa, mas naquele momento eu não queria conversa.

Por isso, quando Maria, lá pelas onze horas, entrou na sala sem bater, eu es-

tava disposto até a despedi-la. Mas antes que eu pudesse falar, ela disse ofegante:

— Então aí fora um guarda dizendo que o Carlos se suicidou! Jogou-se do alto do edifício! Alexandre descobriu quem ele era pela pasta que trazia, com os documentos da firma. — Olhou para mim, e concluiu, balçando a voz: — Na pasta não encontraram dinheiro nenhum.

Olhei para Martins, e ele estava olhando para mim, muito pálido. Ficamos encarando um ao outro, e eu estava sem saber o que pensar, um turbilhão de pensamentos a girar pelo cérebro, quando, depois de uns instantes de silêncio pesado, sufocante, Martins abriu devagarinho uma gaveta, e me disse, puxando um pacote de dinheiro:

— Foi eu que fiz isso, Gilson. Num instante em que ele se distraiu, tirei o dinheiro da pasta e o escondi aqui. Mas eu o fiz sem má intenção, juro, Gilson.

Houve outro instante de silêncio, ainda mais pesado e mais sufocante. Minhas mãos amarraram a carta que estava segurando, num ato estranho à minha vontade. Se eu não tivesse resistido ao impulso do momento, eu o teria matado ali mesmo, a tiros, como a um cão.

A vida do maior joquei

(Continuação da pág. 32)

apostas, de nervosismo e estuantes alegrias regadas a champanha. Mas nada se conseguiu ainda em qualquer parte do mundo em matéria de corridas de cavalos como o que sucede na Inglaterra. Para mostrar o prestígio desse esporte, basta dizer-se que, ali, os agentes de apostas e o movimento de "poules", prêmios, etc., não pagam imposto.

Falamos, até aqui, de hipódromos; vamos tratar agora de uma entidade central em tais assuntos: o jockey. A origem da palavra obedece a esta evolução: John, Jack, Jackey (diminutivo de John) e, por fim, Jockey. Sua função essencial e histórica é a de montar os cavalos de carreira. Esse diminutivo se originou da particularidade que havia antigamente de só ser jockey um criado de pequena estatura, um rapazinho, empregado em conduzir os animais de viaturas nos serviços do correio. Depois o termo "jockey" se estendeu, tornando-se um produto do "turf", perdendo sua origem plebéia e designando heróis das corridas nos hipódromos.

A evolução se fez rapidamente. Um bom joquei é uma personagem disputada nas grandes organizações de corridas equestres. É um indivíduo que precisa estar sempre dentro de todas as exigências do curso. Precisa possuir inteligência aguda, vigor excepcional numa compleição física de esol, ótima saúde e não possuir antecedentes hereditários com portadores de moléstias nervosas.

Seu regime alimentar é severo. Contam até que, certa vez, durante uma das famosas corridas de Epsom, sucedeu que um dos joqueis caiu por terra e era tanta a fome que sentia que imediatamente começou a comer a grama da pista! Pode ser aneddotar, mas que esse episódio é possível, não tenhamos dúvida.

Sua aprendizagem é penosa, exigindo uma série de sacrifícios, muita disciplina e treino permanente sob a direção de técnicos treinadores.

Um joquei perfeito precisa começar seus exercícios e provas desde a idade de seis a sete anos. Começa por montar um cavalo manso e obediente no qual executa os seus primeiros galopes. Depois, já quando denuncia firmeza, agilidade e inteligência, passa o joquei a montar um ardego puro-sangue. Os músculos das pernas já estão rijos, os braços fortes, o corpo ereto e delgado. Daí por diante, o treino desse aprendizado se acelera, de maneira que aos dezessete ou dezoito anos de idade é que o candidato pode ser considerado apto para entrar em sua montada numa corrida no hipódromo. Isso pode ser o início de grandes triunfos ou o começo de um irreversível fracasso.

O "turf" conta entre os joqueis com um bom número de celebridades. No fim do século XIX os mais famosos da Inglaterra foram: Grimsbow, Tom e Mornington Cannon, Fendham, Fred Archer, Woodburn, Barrett, Madden e os irmãos Reiff. Na França foram estes os que mais se

destacaram nas corridas: Hudson, Rolfe, Dodge, Tom Lane, H. Barlen, Dodd, W. Pratt, Ed. Watkins, o americano Rigby e outros.

Com o desenvolvimento de hipódromos e jôqueis, imaginou-se a criação de Jôqueis Clubes, sociedades destinadas a reunir os aficionados, organizar os programas, fiscalizar as apostas, policiar os jôqueis, combater as "marmeladas", estabelecer normas constitucionais moralizadoras, tornando o esporte um motivo de prazer e também de lucro.

A essa associação coube ainda o melhoramento das raças de cavalos para corridas, construção de "haras" modernos, intercâmbio entre sociedades idênticas espalhadas por todo o mundo.

O primeiro "Jockey Club" foi fundado em Newmarket, na Inglaterra, nos meados do século XVIII, ou seja, aí pelo ano de 1745, por um certo número de aristocratas britânicos. Em 1833, fundou-se em Paris o "Jockey Club" da França, sob o título de "Cercle et Société d'encouragement pour l'amélioration des races de chevaux en France". Foram seus fundadores vários duques, príncipes e condes da aristocracia local e russa. Para ser admitido a essa sociedade eram exigidas qualidades excepcionais de moral e de finanças.

Como acabamos de ver por estas ligeiras digressões em torno de hipódromos, turfes e jôqueis, de simples corridas de carros na Grécia, Roma e Oriente, formou-se por todo o mundo civilizado uma instituição que reúne atualmente as elites da sociedade humana e empolga enormes multidões.

Esta reportagem se originou da notícia que está a correr mundo acerca do maior e mais famoso jôquei de todos os Continentes, Gordon Richards, do "turf" inglês.

Segundo consta nas rodas esportivas, esse insuperável conquistador de raíais, se conseguir conquistar novo triunfo este ano, dará por encerrada sua trajetória no turfe, retirando-se para sua propriedade, onde terminará seus dias na tranquilidade de poético recanto, na doce vida de um lar feliz.

Quem é esse Gordon Richards? — perguntará o leitor.

Esse jôquei britânico é o maior de todos os tempos. De pequena estatura, cabelos negros, de complexão forte, robusta, começou a série de vitórias nos hipódromos com seu primeiro triunfo no ano de 1921.

Dai por diante, por mais incrível que pareça, ele sempre encabeçou as vitórias nas corridas, vencendo sempre, todos os anos, por vinte vezes seguidas, conquistando o primeiro prêmio.

Seu rival era o afamado Fred Archer, considerado até então como o maior dos jôqueis de todo o mundo. Fred Archer era o detentor do maior número de vitórias em corridas de cavalos, superando os anteriores recordes desde 1885.

Em 1933, porém, Fred Archer perdeu o cetro diante da façanha de Gordon, havendo este batido todos os recordes de tempo até então conhecidos.

De ano a ano Gordon Richards se foi aperfeiçoando cada vez mais, deixando a distância as vitórias do seu antecessor no trono do turfe inglês.

A 26 de abril de 1943 ultrapassava Gordon o número total de todas as vitórias de Archer durante sua longa carreira como o mais famoso jôquei da Inglaterra. Não havia mais dúvida de que a coroa de louros já pertencia, definitivamente, ao novo herói dos hipódromos, Gordon Richards.

A última prova de capacidade, inteligência, sangue frio que esse grande jôquei acaba de dar, foi por ocasião das recentes corridas do Derby, quando ele conseguiu construir uma vitória que arrancou aplausos e provocou sensação perante a assistência.

Apesar de correr naquelas mesmas pistas pelo longo período de vinte e dois anos, nunca entrou na raia com a preensão de sair vencedor. Ao contrário. Parecia-lhe sempre que a má sorte o ia perseguir, e ele não se ufanava antecipadamente pelo fato de já ser considerado o favorito de todos os aficionados.

Sua modéstia e conhecimento profundo dos azares do jôquei lhe davam um sentido diferente daquele de muitos montadores de cavalos de corridas. Embora sempre sonhasse com a vitória, e apesar de já contar com uma série inigualável de triunfos, superando-se ao maior de todos os seus colegas, a vaidade não o dominou, nem se tornou pretensioso e fátuo.

Considerado o maior dos clássicos nas corridas, Gordon Richards se mantém modesto, cortês, simples no seu tratar e fazendo votos para que outros seus colegas atinjam as culminâncias a que ele já chegou, a fim de permanecer a Inglaterra com a glória de possuir o "maior jôquei do mundo".

A VIDA DE MADAME CURIE

(Continuação da pág. 18)

e meia libra de cerejas. Muito contra a vontade dela, Casimir levou-a para sua casa e Bronya alimentou a irmã e fê-la descansar por alguns dias. Depois, apesar dos protestos dos Dluskis, Manya voltou ao seu sótão, à sua fome e aos seus livros.

Vivia no mundo dos livros. E das aulas. A despeito da pobreza e da fome, sentia-se como uma aventureira intrépida navegando num mar desconhecido. E tencionava explorar cabalmente esse mar, continuando a singrá-lo dia a dia num horizonte cada vez mais dilatado. Física, química, matemática, poesia, música, astronomia — todo o âmbito da terra e dos céus viera a ser incluído nos seus domínios intelectuais. Mas, acima de tudo, interessavam-na os experimentos. Via no laboratório um delicado instrumento musical, em cujas teclas, com os dedos ágeis que herdara da mãe, procurava constantemente combinar as velhas notas em novas melodias.

Os professores, encantados com a sua imaginação, entusiasmo e habilidade, instigavam-na a empreender novas pesquisas. E um dia, animada pelo seu êxito, ela anunciou que pretendia especializar-se, não em um único terreno, mas em dois. Tentaria conquistar um duplo título de mestre — em física e em matemática.

E conseguiu-o. Realizou primeiramente o exame de formatura em física (1893), e depois em matemática (1894).

Passou um breve período de férias na Polônia, e logo regressou a Paris — e ao seu segundo amor. Depois do primeiro e infeliz mergulho no vórtice da paixão romântica, ela jurara dedicar o resto da vida à paixão exclusiva pela ciência. Não queria saber de homens.

E por esse tempo vivia em Paris um jovem, Pierre Curie, que não queria saber de mulheres. Também ele consagrara a vida exclusivamente às atividades científicas.

Um dia os dois se conheceram no apartamento de M. Kowalski, professor de física polonês que se achava de visita a Paris. "Quando entrei", escreveu Marie, "Pierre Curie estava no recesso da janela, junto a uma porta que levava à galeria. Pareceu-me muito moço, embora contasse então trinta e cinco anos. Impressionou-me a expressão franca de seu olhar e um certo ar de negligência no seu porte elevado. Gostei da sua maneira de falar, lenta e refletida, da sua simplicidade, e do seu sorriso, ao mesmo tempo grave e juvenil. Começamos a conversar sobre assuntos científicos... e, antes que dessemos por tal, estávamos amigos".

Pierre Curie, filho de um físico francês, obtivera grau de bacharel em ciências aos dezesseis anos e o de professor de física aos dezoito. Quando conheceu Marie, era chefe do laboratório da Escola de Química e Física de Paris. Suas realizações tinham-lhe conquistado já um lugar na primeira fila dos cientistas franceses. Formulara o princípio da simetria na estrutura dos cristais. Em colaboração com seu irmão Jacques, descobrira o importante fenômeno da piezoelectricidade — isto é, o desenvolvimento de eletricidade por meio da pressão. Inventara um novo aparelho para a medição exata de pequenas quantidades de fluido elétrico. E construira um instrumento ultra-sensível — conhecido como **Balança Curie** — para verificação dos resultados das experiências científicas.

Por todos esses trabalhos, recebia do Estado o miserável salário de trezentos francos (cerca de 60 dólares) mensais.

Foi com essa renda exigua que ele timidamente propôs casamento a Mademoiselle Sklodovska; e Mademoiselle Sklodovska — com igual timidez, é preciso confessar — aceitou.

Sem embargo, a união de ambos resultou, não apenas em uma colaboração de gênios, mas em uma parceria de amor. Após um casamento sem tabelião nem sacerdote — tanto um como o outro eram

(Continua na pág. 52)



ROBERTO LYRA F.º

"Desnazificação" de Músicos ★ Gigli e a Política ★ Uma Vitória e Uma Vaia ★ Para Garantir a Integridade Física do Bailarino... ★ O Caso Flagstad

Quando voltou ao Rio, pela primeira vez, após a guerra, Beniamino Gigli ouviu de certo repórter indiscreto uma pergunta sobre sua posição em face do fascismo, na Itália. O tenor, irritado, retrucou que o artista não deve se envolver em política... Ora, talvez aquela curiosidade do jornalista tivesse evocado recordações desagradáveis, pois Gigli, que aceitou e aplaudiu, até, o governo tirânico de Mussolini, levou uma vaia monumental quando, após a vitória dos aliados, quis cantar a BOHEME para soldados americanos... O ponto de vista dos que promoveram aquela manifestação era, precisamente, que Gigli, como artista, envolvera-se demais em política...

Da mesma forma, Walter Gieseking, outro grande artista, cujas ligações com o nazismo foram inequívocas, foi mal recebido quando, na Alemanha, quis festejar a vitória das democracias com um concerto. E, recentemente, estava contratado para uma série de recitais nos Estados Unidos, mas, antes de realizar-se o primeiro, surgiu tal onda de protestos que ele foi obrigado a deixar o país... E quem não se lembra de Lifar, também simpático ao nazismo, cuja "ren-trée" foi acolhida com vigorosas manifestações de desgosto e teve, mesmo, de requisitar força policial para garantir sua integridade física, temendo uma reação mais viva do público, em Paris? E Cortot, grande pianista, que prestigiou os traidores de Vichy? Quando pretendeu voltar à atividade, pensando que estava tudo esquecido, também houve um movimento de indignação, que o levou a aposentar-se definitivamente.

O CASO FLAGSTAD

Mais recente é o caso de Kirsten Flagstad, aquela cantora norueguesa, dona de uma das mais belas vozes, famosa intérprete de Wagner. Flagstad gozara imensa popularidade nos Estados Unidos. No Metropolitan cantou várias óperas de Wagner, em temporadas sucessivas, com o tenor Lauritz Melchior. Depois, voltou para a Noruega e, durante vários anos, viveu, ali, com o país ocupado pelas tropas alemãs. Sua conduta despertou, então, as suspeitas dos patriotas. Finalmente, terminada a guerra, Flagstad pretendeu voltar aos Estados Unidos. Houve, então, comentários, notícias de que não lhe seria permitido cantar. Na verdade, a maior parte da imprensa americana a absolvia, informando que, se ela não demonstrara heroísmo no combate ao invasor, também não aceitara, criminosamente, a ocupação de sua pátria pelo inimigo. E, a despeito de uma passeata de protesto e de um grupo de manifestantes à porta do teatro, realizou-se o concerto, a sala estava repleta e os aplausos do público foram a mais grata recepção.

"DESNAZIFICAÇÃO" DE ARTISTAS

Animados, talvez, por esse precedente, vários ex-nazistas, tidos como "regenerados" pelas cortes de "desnazificação" que funcionam, sob o patrocínio das grandes potências, na Alemanha, foram incluindo os Estados Unidos em suas "tournées", pensando que o perigo passara... Alguns, até, passaram aqui pelo Brasil como Gieseking e a própria Flagstad. Mas novas resistências foram organizadas entre os músicos americanos, natos e sobretudo naturalizados, e surgiram incidentes internacionais. Alguns dos músicos, que hoje trabalham nos Estados Unidos, são de origem européia e tiveram experiência amarga dos horrores do nazismo. Outros, que não sofreram, pessoalmente, contam com parentes, amigos, relações que foram vítimas do bárbaro regime de Hitler. Assim, o sentimento de indignação não respeitou as decisões das cortes de "desnazificação" que proclamavam a "reforma" desses nazistas ou simpatizantes do nazismo, assegurando aos democratas que tinham sido convenientemente lavadas a cabeça e a ideologia desses artistas e que os perigosos germens nazistas estavam extintos...

Um desses convertidos, o maestro Wilhelm Furtwangler, quis aceitar oferta da Orquestra de Chicago. A princípio, um pouco hesitante, reportou-se ao clima da cidade. "Não sei se me darei bem ali", anunciou à imprensa, enquanto alguns amigos... da onça revelavam que, na verdade, ele temia menos o clima do que a reação popular contra sua presença. Com efeito, a vida de Furtwangler, na Alemanha nazista, revela que ele tinha compromissos bem mais sérios com o regime do que a maioria de seus colegas filonazistas. Hitler nomeou-o primeiro músico do Reich e podemos estar seguros de que não o faria se não estivesse bem certo da fidelidade de Furtwangler.

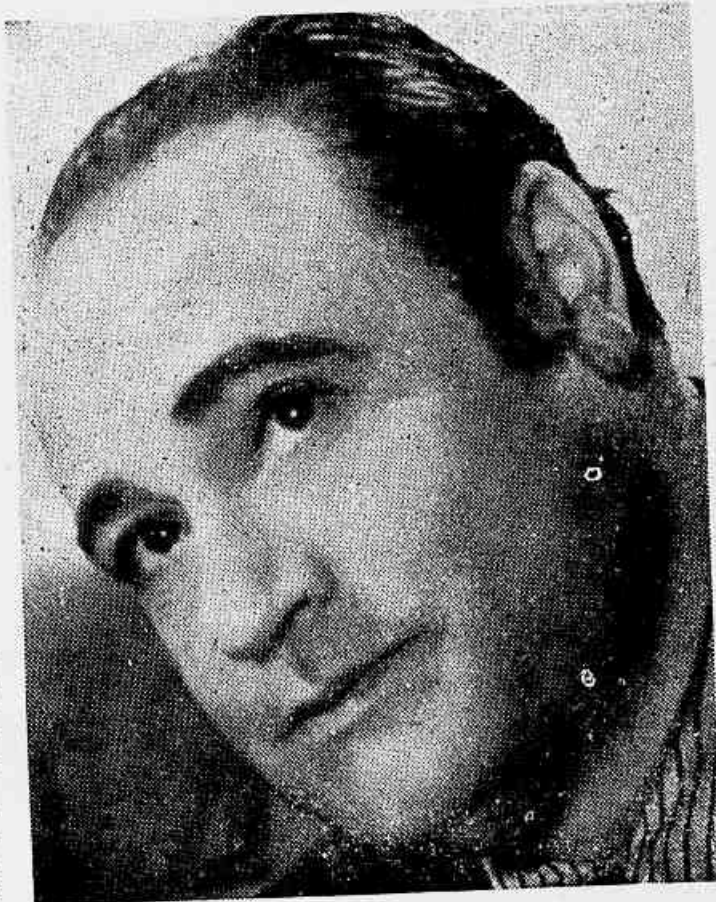
Já estavam, porém, resolvendo todas as dificuldades oficiais — passaportes, permissão para estadia — quando um grupo de artistas, de grande projeção, deu publicidade a um protesto coletivo e anunciou que nenhum dos signatários tocaria com a Orquestra de Chicago sob a batuta de um Furtwangler... Entre os que assim se manifestaram podemos citar Artur Schnabel, Vladimir Horowitz e Alexandre Brailowski, pianistas, além dos violinistas Jascha Heifetz, Nathan Milstein e Isaac Stern e vários outros entre os quais o compositor americano Roy Harris.

PARA AS NAÇÕES UNIDAS

Um dos que mais energicamente falaram à imprensa foi Rubinstein que disse, em resumo, que Furtwangler cortejou os nazistas, pensando que seriam vencedores e, agora, quer cortejar os aliados, ganhando, ainda, gordos dólares como "recompensa" de sua subserviência aos tiranos alemães...

A direção da orquestra expediu comunicados à imprensa, enquanto, por sua conta e risco, Furtwangler, que está na Suíça, também ia fazendo revelações. Disse ele que "certas dificuldades tinham surgido", enquanto Ryerson, da direção da Orquestra de Chicago, negando haver contrato firmado, exclamava, no auge do embaraço e da perplexidade, que um assunto, assim, tão delicado só poderia ser resolvido... pelas Nações Unidas!

E, assim, Furtwangler, que, depois da guerra, já regeu na Inglaterra e na Suíça, parece que não vai poder visitar os Estados Unidos, como pretendia. Um dos músicos da orquestra, comentando os acontecimentos, exprimiu sua satisfação, dizendo que, afinal de contas, ficariam livres de um regente o qual, segundo consta, dirige a orquestra de maneira muito estranha. Ao que parece o gesto convencional é um estremecimento do corpo com as mãos levantadas. Depois, gradualmente, vai abaixando os braços e, quando atinge a altura do segundo botão do colete a orquestra deve começar a tocar...



BENIAMINO GIGLI

CONSELHO DE "ESTRÊLAS"

"A mulher que desejar manter vivo o interesse dos homens em torno de sua pessoa, não deve se descuidar dos pequenos detalhes."

Foi mais ou menos isso, em resumo, o que algumas "estrelas" de Hollywood disseram recentemente a um cronista cinematográfico. Cada uma delas mencionou um detalhe, à primeira vista sem importância, mas que lhe tem servido para conservar a simpatia e o interesse do sexo masculino.

Essas "estrelas", atualmente trabalhando com afinco nos estúdios da Paramount, são Jane Russell, Veronica Lake, Jean Arthur, Wanda Hendrix e Florence Marly, sendo estes seus conselhos:

Jane Russell: "Não seja demasiadamente curiosa".

Veronica Lake: "Não faça com que os homens esperem muito tempo por você".

Jean Arthur: "Não se esforce de mais para agradar um homem que esteja aborrecido".

Wanda Hendrix: "Seja paciente com o homem que se queixa de dor de cabeça".

Florence Marly: "Procure ser sempre o mais bonita possível".

Jane Russell, a *partenaire* de Bob Hope em "O valente treme-treme", explica bem o seu ponto de vista:

— "Os pequeninos detalhes têm grande influência nas relações entre um homem e uma mulher. Não há nada que mais irrite a certos maridos, por exemplo, do que ter de explicar à esposa por que chegou tarde em casa. Assim, evite fazer perguntas ao "atrasado" e aceite sem discutir as desculpas que porventura ele der, mesmo que se trate da velha chapa das "dificuldades do tráfego". Afinal de contas, o que os olhos não vêem o coração não sente..."

Veronica Lake, que acaba de interpretar um dos papéis principais de "As duas santinhas", confessa que um dos pecadilhos mais prejudiciais é o de fazer um homem esperar, em pé ou sentado...

— "Os homens — diz a loura aerodinâmica — ficam "enfreados" com a falta de pontualidade tão corrente entre as mulheres. Atribuem o atraso a uma provável falta de interesse, e acabam por fazer deste detalhe, aparentemente sem importância, um respeitoso motivo de divórcio."

Jean Arthur, que divide com Marlene Dietrich e John Lund as honras "estrelares" de "A mundana", está convencida de que seu conselho é muito útil:

— "Quando um homem está aborrecido, com ou sem motivo, geralmente não gosta de muitos carinhos e agrados. O melhor pois é deixar o moço em paz, até que ele resolva sorrir por conta própria. E se por acaso você acha que possui uma "técnica especial" para esses casos, experimente-a com certa habilidade, mas não insista se receber um "contra" logo de saída."

A *leading-lady* de John Lund em "A dança dos milhões", a encantadora Wanda Hendrix, diz o seguinte:

— "Poucos são os homens que sabem suportar discretamente uma dor física, ainda que seja uma simples dor de cabeça. Mas, o que é curioso, eles gostam que as mulheres levem a sério seus "teríveis padecimentos", e ficam tão confortadinhos com as atenções a eles dispensadas, quer se trate de um comprimido de aspirina, de água com bicarbonato... ou mesmo de um inocente beijinho na testa. Tenha paciência com o pobrezinho, sim?"

Florence Marly, a grande sensação de "Enquanto a morte espera", completa assim seu pensamento:

— "Conservar bem vivo o interesse de um homem é uma tarefa a que a mulher deve se dedicar com o máximo cuidado e atenção. Um dos pontos principais, talvez o mais importante, diz respeito à preocupação que a mulher deve ter em se mostrar tão ou ainda mais bonita do que quando "ele" a viu pela primeira vez. Principalmente se "ele" se casou com ela... E' um grave erro, infelizmente comum em muitas esposas, não terem com sua aparência o mesmo cuidado que tinham quando noivas. Não é sem razão que muitos maridos acham que elas só se enfeitavam para "arrastá-los" até à pretoria..."

CONFERREVIISTA

FRANK STEIN

FLAGRANTES

Gail Russell, a pequena de olhos meigos, tem olhado de forma toda especial para o sr. Guy Madison — que, lá no seu íntimo faz questão de traduzir o seu olhar como um "sim" em futuro muito próximo. Os bisbilho-teiros criaram esse boato em virtude desses atores terem pedido aos estúdios que lhes deem mais férias na segunda quinzena do próximo mês...

Paulette Goddard, logo após terminar "Os Inconquistáveis", fez uma viagem a Paris, tendo o cuidado de levar um guarda-roupa completo, mostrando, assim aos parisienses que o Tio Sam tem a sua própria moda...

Edith Head, desenhista de modas dos estúdios da Paramount, andou bem atrapalhada no preparo de sugestões para dois luxuosos vestidos de noivas, encomenda de duas "estrelas" que decidiram, repentinamente, contrair núpcias na última semana de 1948. Na ocasião em que Miss Head, no "set" da filmagem de "Bitter Victory", mostrava alguns desenhos a Dianna Lynn, recebeu da Itália um telegrama urgente de Wanda Hendrix: "Favor enviar rapidamente sugestões vestidos noiva Ponto Escolherei fazenda aqui antes regresso Hollywood Ponto Casarei breve". Depois de tranquilizar Dianna quanto ao seu problema de vestido, a famosa figurinista tranquilizou igualmente miss Hendrix por meio de um telegrama internacional. Dianna Lynn se casará com o arquiteto John Lindsay; Wanda Hendrix, com o herói da guerra, Audie Murphy.

Em "Take me out to the ball game", Esther Williams deixará de lado o seu maiô. Calma, amigos, muito calma... acontece que usará vestidos de 1905, época em que se desenrola o filme.

Por outro lado, Greer Garson deixará de usar os seus complicados vestidos de épocas distantes, e em "Traçassuras de Julia" aparecerá simplesmente de maiô. Evidentemente, o Leão da Metro anda fazendo alguma ursada...

O grande número de sucesso de Carmen Miranda em "O Príncipe Encantado", da Metro, é a canção "Cooking with glass". São muito engraçadas, dizem, as cenas de Carmen com Wallace Beery.

Louis Jordan, o galã de "Carta de Uma Desconhecida", fez um filme para a Enterprise, "O Pintor de Aímas", comédia elegante dirigida por Lewis Milestone e muito elogiada pela crítica americana.

"Traidor" é o filme que Robert Taylor interpreta no momento, na Inglaterra, ao lado de Elizabeth Taylor e sob a direção de Victor Saville.

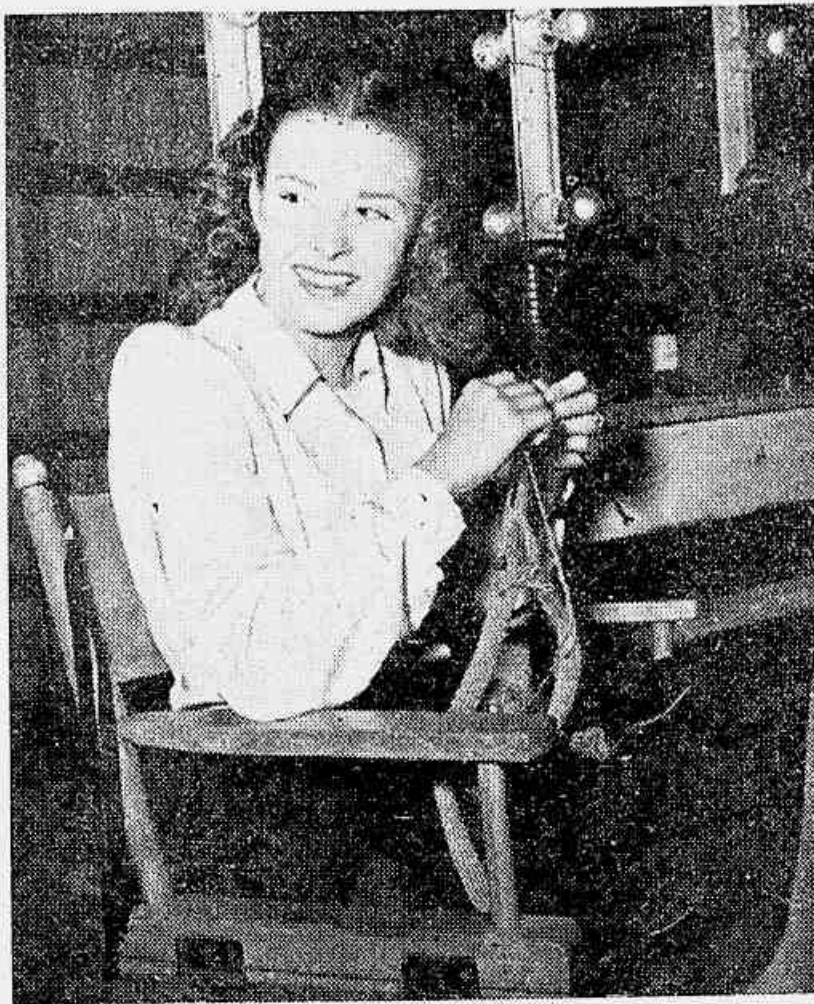
Pedro Armendariz, "astro" do cinema mexicano, tem um dos três principais papéis de *RENDEÇÃO* (Three Godfathers), apresentação da Metro produzida e dirigida por John Ford nos estúdios Argosy. Os outros principais papéis estão a cargo de John Wayne e Harry Carey Jr. Armendariz nasceu na cidade do México. Depois de completar sua educação no Instituto Politécnico da Califórnia, onde se especializou em engenharia aeronáutica e participou de representações de amadores, voltou à sua terra natal. Inclinando-se mais para o cinema do que para a engenharia, não tardou muito a iniciar sua carreira profissional nos estúdios mexicanos, sendo "Maria Candelária" um de seus primeiros filmes.

"Satan's Angel", uma romântica e melodramática história de uma jovem que mata um menino num acidente de automóvel e depois se vê enfrentando um trágico dilema, ao desposar o pai da criança vitimada, será produzida para a Metro por Harry Rapf num filme cujo elenco ainda está sendo escolhido.

Will Price, considerado um dos melhores diretores de diálogos de Hollywood, foi agora elevado à posição de diretor cinematográfico, nos estúdios da R. K. O., começando com o filme "Sam Wynne", que breve começará a ser filmado. Price iniciou em Hollywood com o filme "E o vento levou", obra em que trabalhou dois anos e meio. Passando para a R. K. O., fez os diálogos de "O Corcunda de Notre Dame", onde conheceu Maureen O'Hara, que estreava no cinema americano, casando-se depois com ela. "Sam Wynne" é a versão cinematográfica da novela do mesmo nome que brevemente começará a ser produzida pela R. K. O., sob a nova orientação de Howard Hughes.

Sessenta e cinco milhões de pessoas comparecem, anualmente, de todas as partes do mundo, às Feiras Estaduais e Municipais dos Estados Unidos. E é justamente esse o tipo de espetáculo que Disney escolheu para a sua produção mais recente. — So Dear To My Heart — cuja estreia coincidirá com a realização das próprias Feiras.

No filme "Interference", da R. K. O., aparecerão as últimas novidades em matéria de decoração interior, num dos cenários que representam um penthouse de New York. Victor Mature e Elizabeth Scott, dois artistas da fita, dão uma festa em seu apartamento, cuja sala de estar três degraus acima do resto da casa, com um sofá que fica três degraus abaixo do nível da sala. A parte mais alta do sofá fica no mesmo nível do assoalho, sendo o dito sofá algo especial: é circular, com capacidade para 16 pessoas.



A encantadora Jean Peters, cuja beleza admiramos em "O Capitão de Castela", reaparecerá brevemente em "O Orfão do Mar" (Deep Water), ao lado de Dana Andrews. Nos intervalos de filmagem, miss Peters faz o seu crochê — mas não sejam tão indiscretos, amigos...



Cary Grant, senhores, revelou-se um verdadeiro "talent-scout" descobrindo Betsy Drake. E o seu prestígio é tão grande que conseguiu colocá-la em seu próximo filme, Every Girl Should Be Married. (Foto R. K. O.)



Flagrante colhido no momento exato em que Richard Greene assina seu contrato para trabalhar sob as ordens de Douglas Fairbanks Jr. — que se tornou produtor independente desde "O Exilado". O primeiro filme de mr. Greene será "Audácia e Nobreza" (Foto U-International)

ROBINSON

PREVÊ O FUTURO!



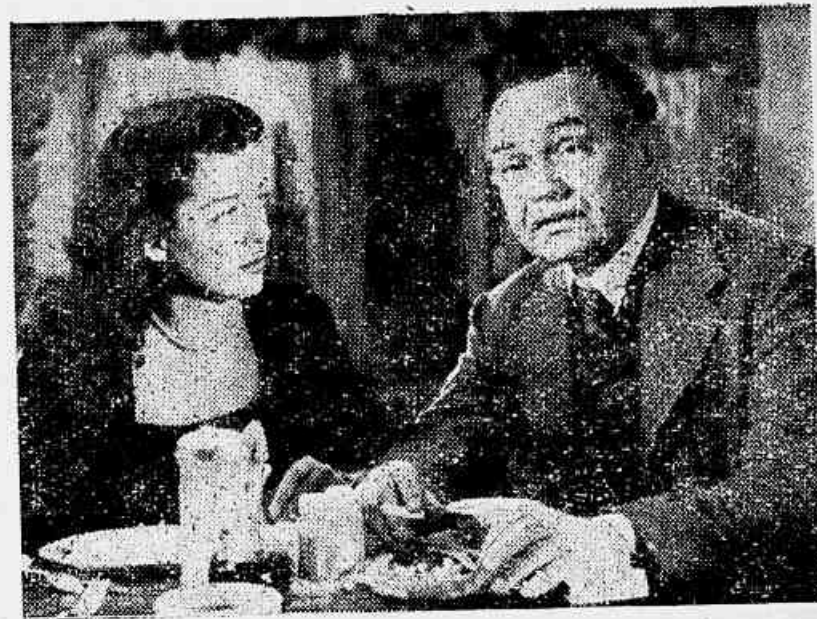
O tempo foi fracionado pelo próprio homem, repartindo assim as diversas fases de sua existência. Inúmeras criaturas vivem mergulhadas no passado, já vivido e já distante, mas em cujas recordações repousam os seus momentos de felicidade. E sendo a conquista da felicidade o objetivo primordial da existência humana, pessoas há que vivem plenamente cada segundo marcado pelo tic-tac do relógio, pensando única e exclusivamente no presente sem dar atenção ao que passou nem ao que está por chegar. Mas a verdade é que, segundo um filósofo, o Presente não existe, sendo apenas uma linha divisória, ou seja, uma consequência lógica entre o Passado e o Futuro de cada indivíduo. Daí existirem muitas criaturas com a mente sempre voltada para o futuro, incerto e duvidoso, envolto em sua capa densa de mistério, formando uma interrogação que se vai apagando à medida que o tempo avança, lenta ou rapidamente, de acordo com as reações emocionais de cada um.

No entanto, o homem, mergulhado que está no caos da formação do mundo e do seu final inexplicável, criou as ciências que lhe facilitam o raciocínio e a compreensão da natureza, do mundo em geral e do próprio destino do homem em particular. E se de um lado os arqueólogos fazem pesquisas para desenterrarem do passado dos povos a verdadeira origem das civilizações, as ciências ocultas, por outro lado, possibilitam a determinadas pessoas a penetração nos misteriosos campos do espaço, em busca de acontecimentos do porvir, tornando o futuro uma tela iluminada para os seus olhos profundos e enigmáticos. O ilusionismo é, portanto, um dos derivativos da complicada ciência das forças ocultas — classificadas pela maioria como uma criação ilusória feita por um grupo

de mistificadores que se deliciam em iludir a boa fé das massas.

Assunto fascinante, o cinema não deixou de explorá-lo, esporadicamente, em fitas mais ou menos bem informadas sobre o assunto, com discordâncias, embora, nas diversas interpretações. Em "Seis destinos", nos parece, foi este assunto tratado mais objetivamente, sem o espírito de farsa, apesar de sua história ser inteiramente fictícia. A Paramount vem de filmar agora, com Edward G. Robinson no papel de um ilusionista, uma história realmente interessante, abordando, uma vez mais, esse tema de mistério e de **suspense** que arrebatava inteiramente a atenção dos espectadores. Nessa película Robinson prevê o futuro de uma linda moça (Gail Russell), exercendo tal influência sobre o seu espírito que ela acaba por saber exatamente o que lhe sucederá numa certa noite trágica... John Farrow, que se reabilitou há pouco com a direção de "Relógio verde", deu tonalidades sombrias a esse espetáculo, fazendo uma película verdadeiramente atraente e intrigante. Não duvidamos de que algum espectador veja esse filme alimentando o desejo de zombar de seu argumento; mas não será de todo impossível que ele saia de lá sem ter em sua mente algum problema intrigante que o fará meditar seriamente sobre as forças ocultas do ilusionismo, pois a história de Barré Lyndon e Jonathan Latimer é deveras impressionante. Além de Robinson, que vive o seu papel com extrema naturalidade, temos Gail Russell e John Lund, formando a dupla amorosa que a previsão do futuro tenta arruinar, destruindo seus sonhos e suas ilusões.

De nossa parte, preferimos nada adiantar a respeito de "A noite tem mil olhos", que não vimos ainda, e não nos consideramos capazes de prognosticar o seu sucesso. Deixamos isso ao próprio futuro, repleto de surpresas, que são, afinal de contas, o próprio sabor da existência...



Ele exercen uma influência estranha em seu espírito, desvendando-lhe um futuro trágico...



John Lund e Gail Russell fazem a dupla romântica de "A Noite Tem Mil Olhos", um fascinante filme sobre o poder do ilusionismo, dirigido por John Farrow



Teria ele a coragem suficiente para desvendar seu próprio futuro...

Os três suspeitos

(Continuação da pág. 45)



fogo e colocou a arma na mão do morto. Quanto lhe tirou em dinheiro?

- O rapaz parecia indignado.
- Não tirei nenhuma importância dele!
- E de Dobson?
- Não sei de quem está falando!

O xerife começou a explicar o crime que ele praticara na pessoa de Dobson em S. Francisco, fugindo com dinheiro do morto. O rapaz protestava e se dizia inocente de todas as suspeitas. Mostrou que isso era impossível, pois o assassino, conforme diziam, montava um alazão, e ele não estava com um cavalo desse tipo. Mas o xerife não se deu por vencido e disse:

— Está certo; mas sei que foi você quem matou Dobson, porque está com o meu chapéu "Stetson", rapaz! Perdi-o quando estava em diligências perseguindo o assassino de Joe Dobson, você!

Nielson continuava a protestar inocência. Deram rigorosa busca em sua bagagem, nos bolsos e não encontraram mais que dez dólares. Mas, revistando a gela, encontraram, bem escondidinhos, mais de seiscentos dólares! Não havia mais jeito. Como voltasse a nevar muito, o assassino ficou ali aguardando condução para a cadeia. Brady auxiliou a polícia, montan-

do guarda ao preso. O xerife voltou a Flagstaff para proceder a certas investigações sobre o acusado antes de providenciar sua ida para o xadrez. Em "Half Way House" ficara o assassino sob a vigilância de Brady e do sobrinho de Renningsdale, que se revezavam. Em certo momento, quando Greg se distraíra, já de noite, o detido saltou-lhe em cima tomou-lhe o revólver e fugiu levando o único par de botas próprias para a neve que havia no hotel. Dado o alarme, seu tio, ele e Brady saíram em perseguição do fugitivo. Não podia ir muito longe. A pista era difícil em virtude da queda de neve e da escuridão. Ao amanhecer eles encontraram as botas. O fugitivo arrebatara de um índio um cavalo e se distanciara para os lados de Winslow. Ali umas quinze pessoas mais se juntaram aos três perseguidores e aumentaram a busca. Já em plena zona do deserto daquela região, foi ele descoberto. Atacado, ofereceu resistência atirando. Acabada a munição e se vendo perdido, fez um sinal com um pedaço de pano branco. Pedía paz. Entregava-se. Num recanto de seu refúgio caíra ele, ferido.

Prevendo que estava à beira da morte, confessou não semente aquele crime, mas outros três. O cavalo em que viera até "Half Way House", ele o trocara com Kent, para despistas. O outro a quem matara parece que ficara pensando que ele

estava louco, pois o seu cavalo alazão era muito melhor do que o dele. Ao chegar ao hotel, se viu face a face com o tal com quem fizera a troca, Frank Kent. Viu que tinha de matá-lo, pois esse homem podia comprometer-lo. "Quando vi seu revólver sobre a mesinha do meu quarto — concluiu a expirar — não me detive mais... Matei-o e arranji as coisas de maneira que indicassem ter-se suicidado, tendo o cuidado de retirar o dinheiro e escondê-lo no lugar em que o descobriram".

Mais tarde se descobriu que o verdadeiro nome do jovem delinquente não era Nielson e sim Barrett. Procedia do Texas, levando uma vida de assassinios e roubos.

Foi enorme a surpresa que se estampou no rosto de Mrs. Renningsdale e de sua filha Emily, que, aqui para nós, já estava até meio caladinha para o simpático hóspede amigo de gatos...

A vida de Madame Curie

(Continuação da pág. 49)

livres-pensadores — desfrutaram uma lua de mel igualmente despreziosa pedalando pelas estradas da Ile-de-France. Depois voltaram a Paris e consagraram-se à obra que devia trazer glória ao nome de Curie, e alívio a um mundo sofredor.

(Continua no próximo número)

UM SALTO DE UBÁ À HOLANDA

(Continuação da pág. 13)

A jovem soprano-dramático penetrou no recinto, procurando manter-se calma. No fundo da sala, um piano de cauda e o respectivo acompanhante. No outro canto, o corpo de jurados. Fitou um por um. Não havia dúvida: Altéia Alimonda tinha razão. Aquêles homens não poderiam — nem que para isso muito se esforçassem — conservar-se serenos para julgar. Demonstravam claramente a enorme fadiga que os dominava. "Enfim...". Maria de Lourdes Cruz Lopes suspirou; apanhou a partitura sobre o piano e deu início ao primeiro número.

Cantou mais três peças, e terminado seu quarto de hora retirou-se, indo diretamente para o apartamento no hotel, de lá não mais saindo até o dia seguinte.

Maria de Lourdes Cruz Lopes está atualmente morando aqui no Rio. Foi em sua residência, em companhia de seus pais, que a nossa reportagem foi ouvi-la. Um apartamento modesto, porém confortável.

— Então, Maria de Lourdes, somente agora de volta? — Não; voltei em dezembro, pelo Natal. Da Holanda fui a Paris, Bruxelas, e de regresso parei um pouco em Portugal, onde moram parentes de meu pai, que é natural de Lisboa. Estive fora por 7 meses.

O telefone estava chamando. A cantora desculpou-se e foi atendê-lo.

Maria é filha única do sr. Joaquim Cruz Lopes e de d. Alice Perillo Lopes, mineira como a filha. Nasceu em 27 de janeiro de 1923, em Ubá. Desde muito pequenina já manifestava tendências para o bel-canto. Antes mesmo de aprender a ler, aprendeu a cantar. Aos seis anos fugia de casa, com a cumplicidade de seu pai, para estudar com d. Mazilda. Sim, porque d. Alice sempre achava que esse negócio de canto não era lá muito rendoso. A família era pobre; por isso d. Alice preferia ver sua filha formada, e o seu sonho era que Maria de Lourdes fosse perito-contadora.

Um episódio curioso a respeito nos foi narrado por seu pai.

Maria deveria ter seus 7 anos. D. Alice, como toda a família, é muito católica. Certa vez, indo assistir à missa na igreja de Fátima, surpreendeu-se ao ouvir a maravilhosa voz de uma menina, que fazia o solo, num dos cantos

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

Duas fases diferentes mas importantes na vida das mulheres

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo menstrual começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentias, tristes e o que é pior: atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que mal tratados ou tratados por remédios ineficazes lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto, tais males que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado, dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem-estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

sacros executados durante o ofício religioso. Era uma voz tão doce, tão suave e melodiosa que d. Alice esqueceu-se por um instante de suas orações e pôs-se a ouvi-la, extasiada. Ficou pensativa. Quem sabe se aquela menina não gostaria de conhecer Maria de Lourdes? Maria gostava de canto, não gostava? Quem sabe se sua filha viria um dia também a cantar assim, tão bonito?... De repente, tomou uma resolução. Persignou-se, deixou o banco e se dirigiu lá para o fundo da igreja, subindo a escada de caracol. Lá em cima, à entrada do coro, estava, indecisa. A dona da voz que tanto a impressionara ali estava, de costas voltadas para ela, entre um grupo numeroso de outras meninas e meninos. O padre que no momento regia o pequeno coro cumprimentou-a com um leve aceno de cabeça, e todo o grupo instintivamente acompanhou o seu olhar. Ai então aconteceu o inesperado.

D. Alice não pôde conter a emoção. Era de Maria de Lourdes a voz que tanto a encantara. Maria, surpreendida também, interrompeu subitamente o canto. Lá em baixo no altar o vizário voltou a cabeça curioso.

Mãe e filha estavam abraçadas comovidas, chorando emocionadas.

E o sr. Joaquim arrematou, ainda hoje orgulhoso de seu feito:

— O que Alice não sabia era que, ao invés de Maria de Lourdes ir ao dentista como eu dizia, eu a acompanhava à igreja todas as tardinhas...

A cantora mineira já estava de volta.

— E em Portugal? — interrogamos.

— Tomei parte em vários recitais em Lisboa, no Porto e em Funchal, na Ilha da Madeira. Cantei no Conservatório Nacional, a convite da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do Secretariado Nacional, no Palácio dos Desportos, no Conservatório de Música do Porto, em recital sob os auspícios do musicólogo patricio e vice-cônsul do Brasil no Porto, sr. Vasco Mariz, a quem devo, por justiça, parte de meu sucesso em terras portuguesas, pela sua extrema gentileza e interesse demonstrado na organização de todos os meus recitais. Cumprí um contrato com a Emissora Nacional, e deixei gravados em Lisboa numerosos discos de música de compositores brasileiros — Villa Lobos, Lorenzo Fernandez, Mignone e Camargo Guarnieri.

E após outra pergunta nossa prosseguiu:

— Infelizmente não logrei obter colocação para as provas finais. Cantei bem, acredito. Com toda força de expressão que podia. Dos 315 candidatos inscritos, de 27 países diferentes, classificaram-se 21 cantores, 13 violinistas e 18 pianistas. As provas eliminatórias foram realizadas num espaço de tempo muito exiguo: os membros dos diversos corpos de jurados — tanto para violino como piano e canto — estavam extenuadíssimos. A concorrência suplantou a expectativa dos promotores do Concurso. Basta dizer que apenas o Brasil, a Argentina e a Bulgária apresentaram um único candidato para cada prova, enquanto que a França tinha 28, a Austria 32, a Itália 32, e a Holanda 82!

Falando sobre o julgamento final, disse-nos Maria de Lourdes:

— O resultado final porém foi plenamente justo. O primeiro prêmio de canto foi conquistado pela jovem espanhola Maria de los Angeles Morales, de 18 anos apenas; para piano, uma artista francesa — Germaine Davese, de 26 anos; e quanto às provas de violino, que foram as mais ardorosamente disputadas, pois reunia grande número de candidatos de alta categoria, o júri resolveu instituir dois primeiros prêmios. Um ao artista polonês Michal Szwalbe, de 28 anos, e a Cristian Ferras, uma revelação francesa, de 14 anos apenas.

— E Altéia Alimonda e Júlio Braga?

— Júlio Braga ficou em Paris, onde irá gozar de uma bolsa de estudos oferecida pelo Governo do Estado de Pernambuco, o mesmo acontecendo com Altéia, que se encontra na Suíça, fazendo o Curso de Música de Cá-

mara, com o conhecido professor André de Ribaupierre, por conta do Governo de S. Paulo.

Maria de Lourdes Cruz Lopes pode ser considerada, como muito bem a classificou o "Diário de Lisboa", como "coleccionadora incorrigível não só de diplomas, mas também de prêmios". Senão vejamos: em 1944, o primeiro prêmio do concurso "Artistas Novos do Brasil"; em 1945, o primeiro prêmio de declamação lírica; em 1946, o primeiro prêmio de solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, e em 1948, por unanimidade, o primeiro prêmio do Concurso de Canto da Philips.

E' diplomada pelo Conservatório Brasileiro de Música, em Canto, Teoria e Análise Harmônica; possui os cursos de Declamação Lírica, de Piano, e atualmente, sob a orientação da professora Vera Janacopoulos, está completando o de "Aperfeiçoamento de Canto e Repertório". E é também perito-contadora.

Maria de Lourdes Cruz Lopes não obteve por enquanto nenhuma bolsa de estudos que lhe permita continuar o aperfeiçoamento de sua técnica em terras estrangeiras, ou mesmo no Rio; contudo, estamos certos de que o Governo do Estado de Minas cumprirá esse dever de solidariedade e amparo aos jovens artistas conterrâneos, proporcionando a Maria de Lourdes, quando possível, essa oportunidade, que será talvez o sonho dourado da cantora de 23 anos que, unicamente devido à sua perseverança e talento, foi de Ubá à Holanda.

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DÓRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL



DRAGO

Nº 35

Por
Hogart

DRAGO AFAS-
TA-SE RAPI-
DAMENTE
DO SUBMA-
RINO SOB
UMA SARA-
VADA DE
BALAS



NA CAVERNA
ONDE DARBY
E TABASCO
AGUARDAM
DRAGO



DRAGO

Nº36

Por
Hogart

DISPOSTO A FRUSTRAR O PLANO DO BARÃO ZODÍACO DE BOMBARDEAR A ESQUADRA NORTE-AMERICANA NO ATOLL DE BIKINI, DRAGO SALTA NA TRAZEIRA DO CARRO DO BARÃO QUANDO ELE SE ENCAMINHA PARA O OBSERVATÓRIO.

DARBY... DIABLO VOLTOU SOZINHO!

QUE É AQUILO AMARRADO NA SELA?



É A CAMISA DE DRAGO... MAS ESPERE! HA QUALQUER COISA ESCRITO AQUI!

LEIA LOGO, TABASCO!



"TRAGA OS GAUCHOS AO OBSERVATÓRIO, DARBY SABE O CAMINHO," QUE SIGNIFICA

NÃO TENHO, CERTEZA. O QUE SEI É QUE O OBSERVATÓRIO SERVE APENAS DE CAMUFLAGEM PARA UM ENORME CANHÃO! É LÁ QUE MEU PAI ESTÁ!



ENTÃO, NÃO HA' TEMPO A PERDER! CHAMAREMOS OS GAUCHOS E IREMOS SOCORRER SEU PAI E DRAGO! CREIO QUE PRECISAREMOS DE ARMAS.



DALI A INSTANTES

QUEM SÃO OS HOMENS QUE VAI REUNIR?

AMIGOS DE INFÂNCIA DE DRAGO. NO PASSADO, QUANDO OS BANDO LEIROS AMEACAVAM OS FAZENDEIROS, NÓS NOS REUNIAMOS PARA COMBATÊ-LOS. O NOSSO CHEFE ERA DRAGO!



EH, PABLO! DRAGO ESTÁ CHAMANDO!

MARIA, TOME O GURI!



GAUCHOS A CAVALO! ESTA BRIGUINHA PODE ESPERAR!

SIM, TABASCO! JÁ VAMOS!



CHEGA, SANCHO. DRAGO ESTÁ PRECISANDO DE VOCÊ.

QUANDO O DEVER ME CHAMA... O AMOR TEM DE ESPERAR.



VAMOS, COMPANHEIROS! DRAGO ESTÁ EM PERIGO!

SIGAM-ME! CONHEÇO O CAMINHO!





Saúde do BEBÊ

VÔMITOS DA CRIANÇA E SUAS CAUSAS

E' muito sujeita às manifestações do vômito, a criança. Várias e de significação diversa as causas que, frequentemente, concorrem para isso. Em primeiro lugar, deve-se assinalar que, na criança, a pequena curvatura do estômago é antes reta. Depois, nela, ainda, é mais fácil a excitabilidade dos nervos abdominais. Por fim, frequente é, nessa idade, a aerofagia que, mesmo no estado de saúde, durante as mamaduras, entufa o estômago, obriga a criança a interromper para vomitar. Além disso, algumas são portadoras de uma como deficiência da inervação do cárdia (ou seja a válvula que dá passagem ao alimento para o estômago), de modo que o alimento, com facilidade, cheio o estômago, reflui com maior ou menor abundância. De qualquer modo não há motivo para maior preocupação quando a criança emite o alimento sob a forma de regurgitação e prospera.

Esses estados de vômitos habituais têm, realmente, sua importância, mas, via de regra, se corrigem com simples medidas puramente higiênicas, havendo que moderar, aqui, a super-alimentação, ali, práticas errôneas, como essa de, após as mamadas, levantar a criança e fazer arrotar, etc.

Os vômitos que têm uma significação maior, e pelos quais se inquieta a família, são os vômitos de caráter agudo, febris ou não. O estômago repele então o alimento com violência, estando em causa, ou uma excitação central (cérebro) ou local (estômago). As moléstias agudas de localização nos centros nervosos, raro se anunciam que não seja pelo vômito (paralisia infantil, meningite cérebro espinhal etc.). Localmente, todo embaraço ao livre trânsito do alimento, ou excitação anormal da mucosa do estômago, operam o vômito. Na última hipótese, tanto pode tratar-se de um distúrbio alimentar como de infecção alimentar, ou de uma doença geral.

Todas as moléstias febris agudas podem, assim, ocasionar o vômito, por mecanismos diversos, e muitas o fazem inibindo ou diminuindo as secreções gástricas e criando condições anormais para o processo digestivo, ou excitando os centros superiores (cérebro) e por via nervosa contraindo a musculatura do órgão.

O problema, em suma, é saber se os vômitos são de origem gastro-intestinais ou não. Quando a origem está no aparelho digestivo quase sempre não faltam outros sintomas (diarréia, ventre dilatado ou deprimido, agitação da criança etc.).

Na criança que adoece em pleno estado de saúde, na maioria das vezes o vômito reconhece uma origem infecciosa. Muitas vezes, então, a causa é um catarro, às vezes insignificante, da parte superior e invisível da faringe, ou das vias aéreas superiores com catarro mais extenso. A faringe, por isso, quase sempre mostra-se rubra, denunciando o processo; não raro, escorre de cima secreção mais ou menos abundante; ao toque digital, sente-se a terceira amígdala hipertrofiada, inflamada.

O catarro deglutido é que vai, habitualmente, fazer o vômito, e é muito frequente, na família, a informação de que, estando a criança com o estômago vazio, vomitara catarro puro.

Às vezes, a excitação vem da garganta, com a simples passagem da secreção ou seu acúmulo nela. O sarampo costuma, desse modo, na criança, ocasionar tais vômitos.

De um modo geral, podemos admitir que, enquanto não temos sinais convincentes de que se trata de uma gripe, angina ou pneumonia, no vômito súbito febril da criança, uma dessas hipóteses é o mais provável.

Sendo a criança do sexo feminino a suspeita de pielite é justificável, mas o vômito está longe de ser constante nessa infecção. Na pielite se pensará antes quando coincide a palidez amarelada da pele e o próprio estado tóxico da criança.

Dentre os estados que o vômito pode denunciar, na infância, situa-se, muita vez, a própria meningite tuberculosa. Na maioria das vezes, colhe-se a informação, no seio da família, de que a criança, há já algumas semanas, vem revelando uma notável mudança de humor; a criança deixou de brincar com os companheiros, tornou-se retraída e triste, apática e ao mesmo tempo irritável. E', pois, sempre acertado pensar na meningite tuberculosa em face de uma afecção obscura que se prolonga, acompanhada de vômito (como a prisão de ventre é a regra na meningite), a sua presença aumenta a suspeita.

Uma modalidade de vômito da criança se observa, principalmente, nas sujeitas a um regime monótono a leite ou sem variedade e fraco. Nas mais crescidas deparamos também com crianças em idade escolar que, constrangidas a comer, gostem ou não, ao ir para a aula, vomitam logo depois da ingestão dos primeiros bocados.

No menino de peito, e logo nos primeiros dias, o vômito em jato é denunciador de contratildade anormal do piloro (válvula dando passagem do estômago para o intestino). O esguicho dos alimentos é projetado mesmo fora do berço, e palpando-se na região vamos deparar um como anel de borracha, do piloro contraído espasticamente. O estômago está projetado, o ventre, propriamente, deprimido, com as alças intestinais vasias.

Não cogitamos, aqui, do acidente, tanto na complicação das doenças, mas sobretudo do vômito sinal de alarme ou premonitório das doenças. Naquela hipótese a sua dignificação é a da própria doença, cuja gravidade é mais ou menos conhecida.

Diante do vômito da criança, que fazer? Geralmente ocorre no vômito febril suspender a alimentação, o que, como regra, é antes recomendável. Mas, hoje, não mais se condena a criança a regimes de fome prolongada, como outrora. O que é necessário é estabelecer uma alimentação adequada ao estado febril, que como se sabe diminui a capacidade digestiva do tubo gastro-intestinal por diminuição de suas secreções. No caso particular da gripe, o vômito é antes provocado pelo catarro deglutido, de modo que a dieta hídrica, não raro, faz aumentar os vômitos, e o mesmo acontece se o estômago é mantido vazio. No entanto, o alimento dado sob forma pastosa (leite e farinhas medicinais, papinhas de frutas machucadas etc.), ao contrário, melhora esse estado, evitando contacto provocador do vômito causado pelo catarro.

No vômito em jato do piloro espasmo, é fato perfeitamente observado que o alimento sólido é melhor tolerado, e se a criança está sendo alimentada ao seio, cada mamada pode ser precedida de um mingau grosso (leite e água, 200 grs. de cada, e 6 colheres de chá de farinha; cozer até ficar duro. Dar antes do peito 50 gramas desse mingau grosso). Se a criança está sendo alimentada artificialmente, às colherinhas, dar 100 gramas de cada vez, com 2 colherinhas de chá de açúcar. No intervalo, suprir com a quota de água, às colherinhas, para evitar a sede da criança (à falta desse cuidado pode sobrevir febre à criança).

No vômito sintomático de uma afecção geral ou localizada — e é isso o que quase sempre acontece, quando o acompanha febre — em todos os casos haverá sempre cuidar da afecção geral ou localizada. Em regra, o alimento será pobre de gordura, ou papas e suco de frutas (maçã, banana prata assada, ou d'água).

Numa palavra, o vômito só não requer uma importância absoluta quando a criança está sendo alimentada ao seio e prospera sempre e sempre no peso, porque aí então é apenas expressão de regurgitação.

Com febre e convulsões, requer extremo cuidado, e nuns casos o alimento deve ceder lugar à dieta hídrica, noutros não, exigindo-se, ao contrário, que seja aumentada sob pena de piorar e muito.

Como sinal de infecção intestinal, nessas condições, é necessário antes de mais nada estudar se o leite é de boa origem, ou nas crianças que fazem uso de legumes e frutas crus também serão lembrados os pratos dantes consumidos como uma possível causa de desgarre da alimentação.

Mas, por outro lado, é preciso considerar a hipótese de circunstâncias ocasionais capazes de determinar crises gástricas com vômitos, por dificuldade no processo digestivo, e neste particular as misturas muito gordurosas e ainda mais complicadas por um calor ambiente excessivo levam, não mui raro, àquelas consequências, e até com febre.



É realmente uma carícia...

Desperte seus atributos femininos usando em seu maquilage social o super-creme "O SEGREDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:

Água de Colônia 107 Sabonete 107

Sabão Russo, líquido, vidro de 270 grs. vidro de 630 grs. vidro de 1.000 grs.

A VENDA EM TODA PARTE



Laboratório do SABÃO RUSSO

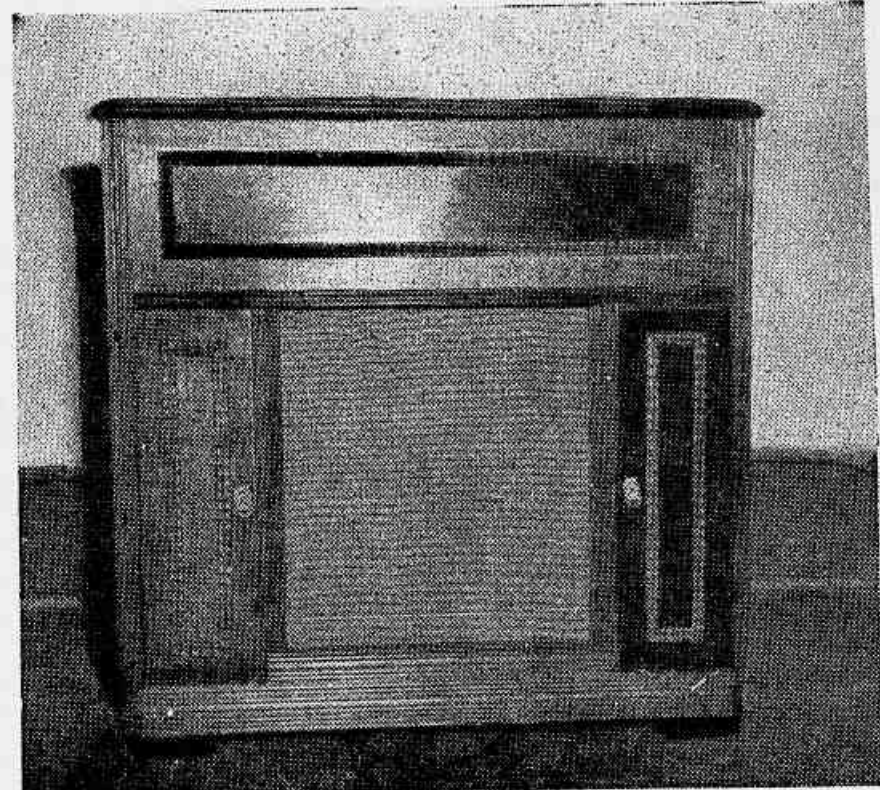
FUNDADO EM 1830

MANOEL LUIZ GARCIA

Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

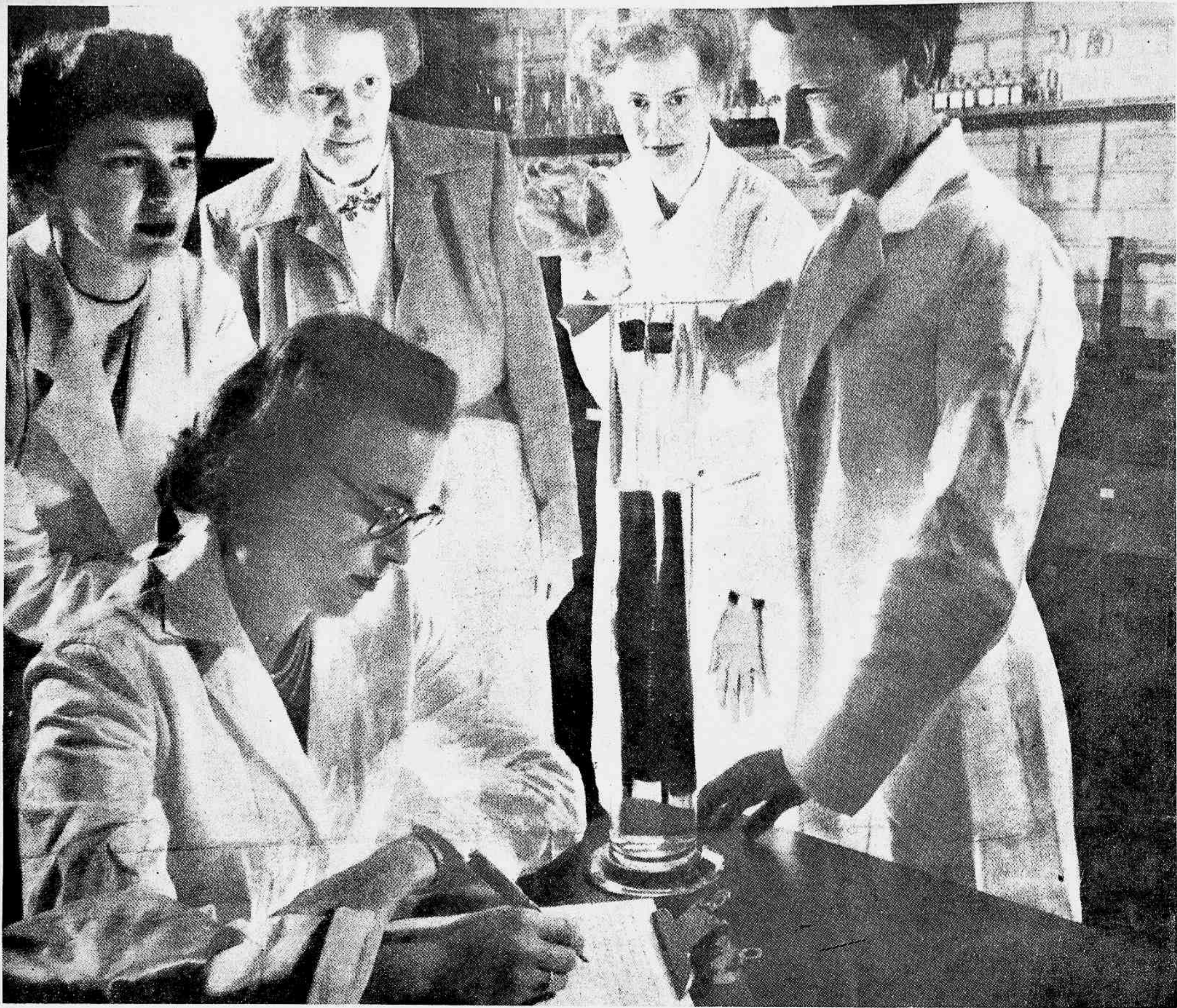
TESPIS



Um rádio de classe para todas as classes. Um rádio TESPIS em sua casa é orgulho para toda a família e admiração para as visitas. Os rádios TESPIS possuem o melhor som do mundo; ouça um e confirme a verdade depois.

Faço-nos sua visita, escolha seu modelo e pague como quiser. Temos uma seção especializada em reformas e adaptações em lindos móveis de nossa fabricação.

RUA SENADOR DANTAS, 33 - Sobrado



Sob as vistas da Reitora da Faculdade de Filadélfia, moças estudantes realizam interessante experimentação com plasma sanguíneo.

A TRAGÉDIA DA MULHER NA MEDICINA

TEXTO DE S. SPENCER

QUANDO, há muitos anos atrás, uma jovem descendente de nobre família americana chamada Hannah Longshore entrou para a história da Medicina de seu país, como a primeira mulher a receber o título de Doutora em Medicina, pela Universidade de Filadélfia — a reação contra esse absurdo se fez sentir tremendamente. Desde os mais dignos representantes da alta-sociedade de Filadélfia até o mais modesto caixeiro de armazem, todos eram unânimes em condenar tão estranho procedimento de uma mulher.

Entre seus pares então, foi onde a reação alcançou maior violência: os médicos em geral faziam zombarias e contavam inúmeras anedotas a seu respeito, procurando com isso ridicularizá-la. Um farmacêutico recusou-se terminantemente a aviar sua primeira receita, atirando-lhe ditos chistosos, quando Hannah protestou contra aquele ato: "Vai para casa, menina; lá é que é seu lugar! E trate de serzir bem direitinho as meias de seu querido maridinho..."

Evidentemente o marido da jovem doutora nada tinha a ver com aquela história toda, daí a resolução de revidar convenientemente o insulto — fato que resultou em alguma vantagem para Hannah, pois, de certa época para diante, o

farmacêutico muito se esmerava no preparo de porções e pílulas, receitas aos pacientes da doutora.

★

Ainda não é decorrido num século a contar desse episódio, e muitas foram as mulheres que se dedicaram ao estudo da Medicina, havendo não raro casos de consagradas e famosas doutoras em todo o território dos Estados Unidos.

Hoje em dia, o número delas no exercício dessa profissão é muito maior do que o foi em qualquer época.

Pelo último recenseamento feito por uma Sociedade de Medicina do Midlewest, cerca de 2.160 mulheres estavam matriculadas em setenta e sete Faculdades em todo o país. Constituem quase dez por cento de todo o corpo estudantil da grande democracia do Norte. No ano passado de 5.543 bacharéis, 392 eram mulheres, aproximadamente 7 por cento. Em face da carência de médicos, é de supor-se que as filhas de Eva estejam encontrando um vasto campo para empregar seus conhecimentos científicos.

Mas o espírito que animou aquele farmacêutico a proferir os insultos contra Hannah Longshore, ainda não desapareceu de todo, nas gerações que se sucederam. Muito ainda falta para vencer completamente certas restrições que persistem em algumas Universidades estadunidenses, com referência ao ingresso de mulheres em seu corpo discente. Alguma coisa ainda deve ser feita em benefício de uma maior cooperação entre os componentes dos quadros médicos, nos hospitais e centros de pesquisas, para que a mulher venha a gozar do mesmo conceito e da mesma estima, num plano de igualdade em que possa rivalizar com seu competidor do sexo oposto.

E' o que parece ter sido o caso, por exemplo, da Sociedade Obstétrica de Nova York, a qual, a despeito da natureza de sua especialidade, não admitia mulheres entre seus associados. Alegando os componentes dessa Sociedade Científica, em sua defesa, que também a "sagrada Yale", assim sempre procedeu... A mesma Sociedade, de Boston, mantinha-se intransigente na negativa. Unicamente a Sociedade Americana de Ginecologia quebrou

essa tradição, para admitir apenas um único membro do sexo feminino.

E essas proibições não se limitavam apenas a vedar a entrada de mulheres em seus quadros sociais; iam muito mais longe, quando proibiam, de maneira categórica, o intercâmbio de informações científicas entre seus componentes e as graduadas de sociedades idênticas, porém, femininas...

Foi a tanto que chegou a "Philadelphia Country Medical Society" quando seus diretores notificaram oficialmente a todos seus associados, a proibição de "consulta e troca de informações" com sociedades congêneres, de graduadas do sexo feminino.

Também em muitos hospitais e centros de pesquisas se fazia sentir a inconveniência da presença da mulher, como se pode deduzir pelas declarações de um famoso diretor de um hospital do Oeste, ao lhe ser perguntado sobre o que pensava a respeito da contribuição feminina em seu estabelecimento: "As mulheres servem muito bem para assistir; nunca para dirigir... Se tivesse de escolher entre um médico mediocre e uma doutora excepcional — escolheria o médico mediocre..." São palavras repassadas de irreprimível intolerância, evidentemente. Para outros, ainda, o dinheiro gasto e

o tempo empregado pelas mulheres em seus estudos, foram desperdiçados, "porque — asseveram — a maioria delas, logo que se casam, abandonam a profissão".

Nem mesmo as maiores e melhores maternidades, que reuniam um corpo apreciável de assistentes, mantinham doutoras em seus quadros profissionais.

★

Entretanto, apesar de toda essa tragédia que parece constituir a vida da mulher na Medicina, muitas delas têm conseguido vencer a resistência que se esboça a cada investida e logrado alcançar posição vantajosa nos domínios da ciência de Hipócrates.

Para não irmos tão longe quanto o dr. Kate Campbell — autor do livro "A História da Mulher na Medicina" — e que remonta ao ano 4.000 antes de Cristo, para assinalar a presença da mulher na Academia Real de Medicina do Egito — fazendo alusão à mulher de Moisés, que bem poderia ter sido a primeira médica do Universo... — ressaltamos unicamente o que tem feito de apreciável e útil no campo da Medicina, a geração nova.

Existem, nos Estados Unidos, atualmente, cerca de 7.600 mulheres no exercício da profissão; um sexto aproximadamente desse total veio dos bancos da Faculdade de Medicina. Essa Faculdade, que também aceita alunos do sexo masculino, possui seu corpo docente exclusivamente de mulheres. A sua atual Reitora — dra. Marion Fay — bioquímica, vem demonstrando sua inteira satisfação pelo alto grau de aproveitamento do corpo estudantil de sua Faculdade.

Ali se encontram matriculadas alunas das mais variadas raças e procedentes dos quatro cantos da terra. Receberam diploma até hoje, 32 mulheres da Índia, 24 da Rússia, 18 chinesas, além de inúmeras estudantes da raça negra.

★

O movimento de reação de certos setores de algumas Sociedades de Medicina dos Estados Unidos vem se acentuando dia a dia. Toda a luta surda que se trava para remover as dificuldades com que se debate o sexo frágil para atingir a igualdade de condições entre seus pares — e usufruir-lhes as vantagens que, por justiça, sempre mereceram as mulheres que se dedicam a essa profissão — é baseada na famosa declaração de princípios, ditada pela dra. Ann Preston — e que pode ser considerada como a Bíblia da Medicina para a Mulher Americana. Eis alguns pontos desse Código: "... que a nossa posição na Medicina merece ser bem compreendida pelos homens; que o princípio que norteia o nosso trabalho é unicamente o de bem servir o próximo, ampará-lo em suas aflições e minorar-lhes os sofrimentos; que essa nossa conquista é o resultado de um fatalismo histórico — que jamais poderá ser arrancada das mãos da Mulher — e a esse respeito jamais tivemos sombra de dúvida. Protestamos ontem e protestaremos sempre, em nome dos sagrados princípios da Humanidade, contra as injustiças de que temos sido vítimas; e isso não fazemos porque sejamos ineptas ou pretenciosas, ignorantes ou negligentes no cumprimento do Código de Ética da Medicina Cristã — mas unicamente porque somos — Mulher!

E, até hoje, é inquestionável esse fato pelo único motivo de ser mulher — que impede a sua plena identificação na fraternidade médica de uma grande nação civilizada.

Todavia, a luta não esmoreceu.

A primeira guerra mundial veio trazer uma contribuição grandemente apreciável para o sexo frágil nessa batalha — a escassez de médicos.

A oportunidade se ofereceu e dela muito bem se valeram as mulheres para dar um impulso em favor de sua causa. Durante a conflagração, algumas das tradicionais Universidades americanas, e entre elas a Harvard e a própria Yale, concordaram na inclusão de algumas mulheres em seu corpo discente. Porém, mais tarde, a Universidade de Harvard,

que havia admitido quatro mulheres até então, voltou a efetivar a proibição, assim permanecendo por mais dois anos, para em seguida render-se à persistência, embora limitando o número de candidatas.

Com o advento da segunda guerra e a consequente escassez de médicos, o memorável embate entre os sexos pareceu entrar em sua fase final, com vantagens acentuadas para o lado mais frágil...

Hoje em dia, apenas, três Faculdades se mantêm intransigentes: Universidade de North Dakota, Jefferson e Dartmouth.

A Universidade de Winsconsin encabeça a lista, mantendo durante o período de 47-48, cerca de dezoito por cento de alunos do sexo feminino. A seguir vêm as de Illinois, Michigan e de New York, esta com 66 alunas.

Nos hospitais a resistência também enfraqueceu, e hoje, cerca de 800 dêles estão admitindo para seus quadros de assistentes e mesmo para cargos de direção muitas doutoras.

★

Dentre as diversas especialidades em que se desdobra a Medicina moderna, é interessante notar para qual delas a mulher tem mais preferência. Segundo dados estatísticos, colhidos por uma Universidade americana, para uma dessas especialidades a mulher não demonstra vocação ou interesse: — é o ramo da Cirurgia.

De 3.276 cirurgiões formados pela "American Board of Surgery" — apenas 4 mulheres!

A grande maioria prefere a pediatria; algumas a obstetrícia, e muito poucas a clínica geral.

★

Vivendo nesse mundo de aflições, suportando galhardamente os sacrifícios a que obriga a profissão, enfrentando com estoicismo esse embate secular, a mulher muito bem demonstra a sua natureza feminina — a obstinação.

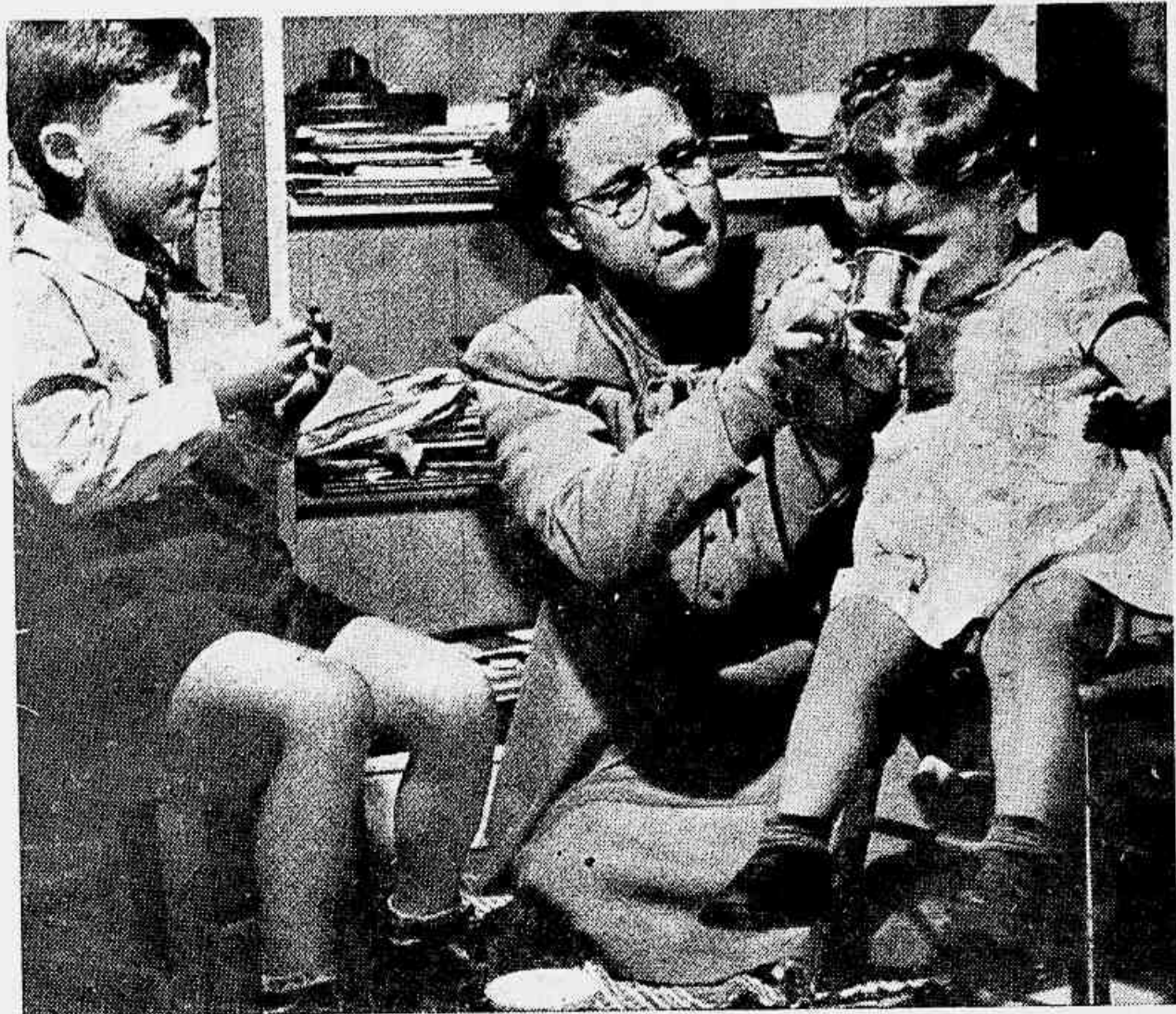
Para combater o argumento de que as doutoras, uma vez formadas abandonam a profissão, duas professoras do "Bernard College" resolveram investigar a respeito, escolhendo, para isso, um grupo de 1.240 doutoras formadas entre 1920 e 1940. Chegaram à conclusão de que desse total cerca de 91,5% continuam exercendo ativamente a medicina, e de 451 mulheres desse mesmo grupo que contrairam matrimônio, 82% estavam em atividade.

Isso vem confirmar, praticamente, que nem toda campanha que se tem feito no campo da medicina, contra o sexo fraco, tem sua razão de ser. A presunção de que, como em qualquer carreira que escolha, a mulher deve sempre levar desvantagem — não pode ser levada muito a sério.

E' evidente que a carreira médica exige de quem a exerce com proficiência, um certo amadurecimento mental — com o qual as mulheres podem também competir; todavia, quanto à outra exigência dificilmente se poderá encontrar uma filha de Eva em condições de rivalizar com o homem — é a fibra e o endurecimento da alma. O trabalho médico impõe um endurecimento de tal natureza, que somente o homem mesmo talvez possa bem suportar. — "A essa evidência, elas afinal se rendem" — comenta um médico realista.

Na opinião da maioria das doutoras, a convivência, em hospitais, centro de pesquisas e laboratórios, com o elemento masculino não deixa de trazer seus inconvenientes, excluindo, propriamente os de natureza sentimental, para se referirem apenas à situação de franca inferioridade a que se sujeitam.

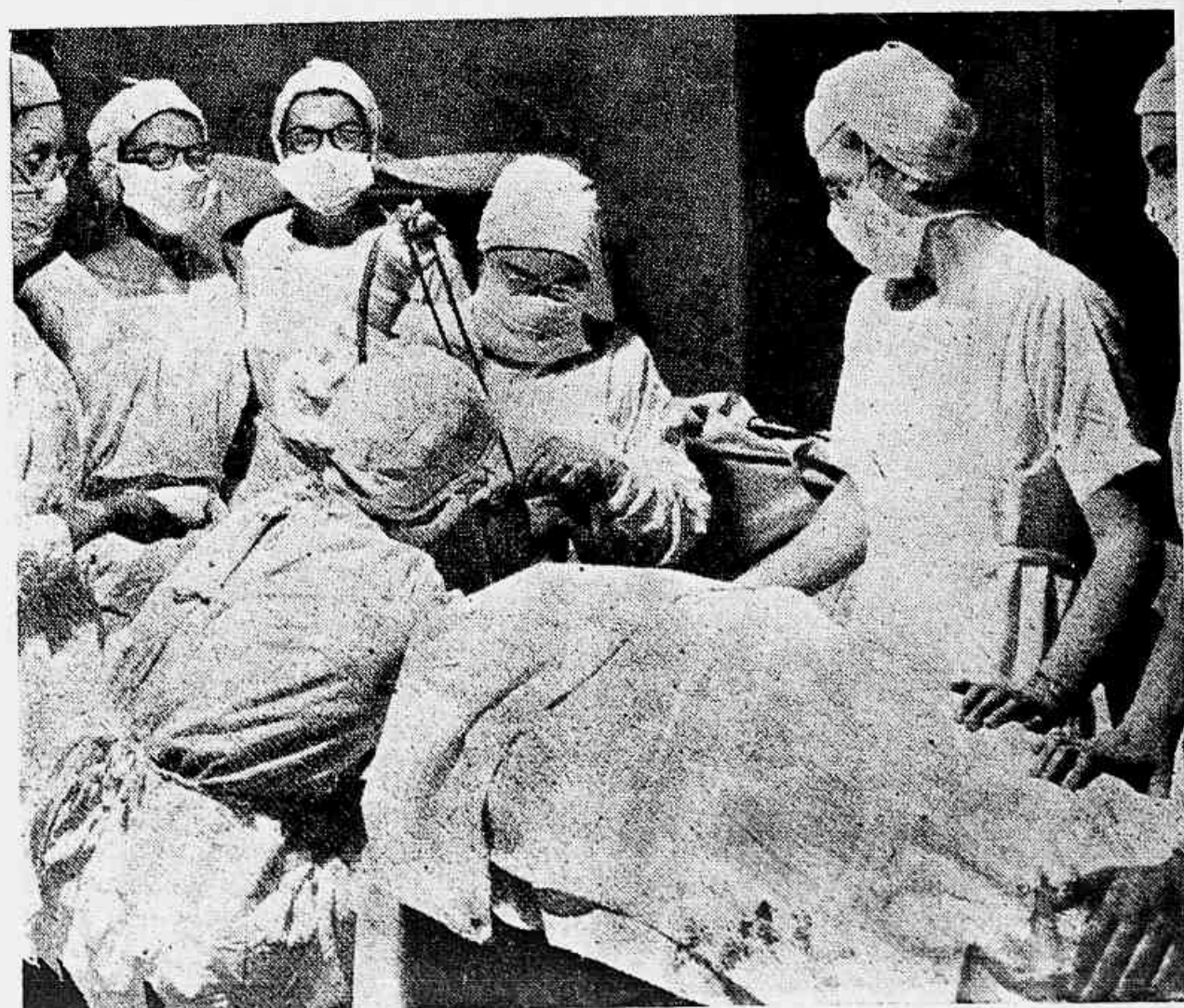
A esse respeito, uma delas assim se manifestou, para mostrar mais uma faceta dessa gigantesca luta surda que se desenvolve entre os sexos, como mais um episódio dessa imensa tragédia: "Pode-se dizer 920 vezes por dia a um assistente-médico que ele está se dirigindo a uma médica também — que ele invariavelmente responde — confundindo lamentavelmente o avental branco que somos obrigados a usar — "Pois não, enfermeira..."



A Dra. Marian Williams, de um hospital novaiorquino, concilia a profissão com os deveres domésticos



Estudantes da Faculdade Feminina de Medicina de Filadélfia praticando num hospital infantil



A Doutora Emily Van Loon, eminente cirurgiã americana, realizando uma broncotomia



Antes, porém, tenho que dar uma explicação aos meus valentes leitores

Contra os nossos mais ardentes desejos, não saiu esta página em a edição anterior, por culpa exclusiva da falta de trôco. É uma calamidade nacional a crise de dinheiro miúdo, mesmo entre os graúdos, como eu me honro de ser

Quando, depois de alguns "drinks" de Natal e Ano Bom tomei, modestamente um bonde em direção ao centro da cidade, verifiquei, com surpresa, que no bolsinho de minhas calças

pardas só existia uma getulina de dez centavos, já meio azinhavrada. Imediatamente procurei explicar, baixinho, ao condutor a lamentável situação, prometendo-lhe dar a moedinha por conta da passagem naquele instante, e pagar os vinte centavos no dia seguinte. Infelizmente o coração de um condutor é duro como beira de sino, e minha proposta honesta e discreta não foi aceita. Ferido nos brios de minha ancestralidade de fidalgo, trêmulo de raiva justa, puxei o meu inseparável talão de cheques e, aciniosamente, para todo mundo ver e admirar, preenchi uma fôlha no valor de duzentos réis, entregando-a ao inabordable condutor, com estas palavras imortais "Pecunia omnia solvit", que o ignorante não entendeu. Uma hora depois de reassumir meu posto na redação, fui intimado a comparecer à polícia. E que vi, então? O mesmo inflexível condutor a exigir de minha economia privada o pagamento de dois tostões. Ou pagava, ou seria prêso, pois o cheque não pudera ser descontado por falta de fundos. Diante desse ultraje aos meus anteriores, protestei. Na minha família os fundos sempre foram abundantes. Vítima de tão mesquinho perseguição, passei uns dias de profundas meditações no xadrez, onde engordei meio quilo bem pesado e recebi muitas felicitações e votos de boas entradas, na cadeia. Agora, filhos meus, os meus conselhos.



BELA (Rio) — A diferença entre **saco** e **saca** é esta: nele cabe uma viola; nela, certos cereais. **Saco** lembra Vanzetti, e **saca**, Sacadura. Quando se puxa **saco**, alguém pode sair do lugar; puxando **saca**, o mais que pode saltar é uma rolha. O mais frequentado **saco** é o de S. Francisco, e a mais comível **saca** é a sacarina.

DIOGO (Cabo Frio) — A melhor alimentação para o homem é a **papa**. Todo aquele que desejar vencer na vida deve nutrir-se de papa, muita papa, sempre papa. A ciência que trata do assunto é conhecida dos agentes de anúncios e seguros, a "Papologia".

SIMEÃO (Cascadura) — Sinto muito acanhamento de dar-lhe o significado de **Porcina**, nome de sua santa mãe. Vem de **porco**, ou melhor, de **porca**. O sujeito que lembrou ao seu avô tamanho sacrilégio, merecia uma cacetada de bom jeito. O melhor é ir a velha usando, manhosamente, a substituição do **n** pelo **m**, mesmo que seu pai não concorde. Depois acostuma.

Barão do Buteco



Casamentos — Acabam de convolar núpcias os estimáveis noivos Marie Sallet du Barry e Salustiano Gil Gudinho. Parabéns ao casal Barry-Gudinho.



Nascimentos — Ao romper do Ano veio ao mundo o primeiro rebento do nosso prestimoso amigo Marciano Pill com sua exma. esposa d. Josefa da Costa Antra, o qual goza excelente saúde. Festinhas ao pequenino Pill-Antra.



Falecimentos — Depois de uma resistência heróica que levou 366 dias, faleceu precisamente à meia-noite do dia 31 de dezembro o sr. Ano Bissexto 1948, entre votos gerais de lá vai tarde.



Felicitações — Agradecemos e retribuimos as felicitações e desejos de felicidades para este ano recebidas de todos os nossos amigos, e muito confidencialmente avisamos que temos para vender a preço baixo alguns quilos de castanha que nos foram entregues por engano.

Batizados — Em regozijo pelo batismo de seu lindo filhinho Didi, houve farta mesa de comidas e bebidas geladas na casa ao lado. Pede-nos o gerente da confeitaria que lembremos aos leivosos paizinhos a liquidação do conta se não, se não!



Inauguração — Com testas, discursos e outras manifestações de elevada convivência social, inaugurou-se a vivenda das girafas no Zoológico, não havendo quem descobrisse, até fecharmos esta edição, onde é que elas guardam o pescoço quando vão dormir.

6º — Nunca procurem comentar coisas engraçadas com pessoas sérias. No final da história, todo mundo que passa julga faltar alguém no manicômio, e esse alguém só pode ser o que ri sozinho.



7º — Se o amigo não conseguir uma beiradinha na casa da sogra, é porque sua esposa está atuada com espírito do porco. O melhor é recorrer à astúcia e fazer crer à mãe que sabem de umas coisinhas acerca do marido. Mas nunca passem da suspeição. Seu plano é mais honesto.



8º — Se num ajuntamento estiverem duas pessoas de importância a discutir política, religião ou gíralices, só entrem na contenda se houver aposta. Então se ofereçam para segurar o dinheiro. O resto depende de certas habilidades.



9º — Quando amanhecerem mal humorados, indispostos, só há um jeito de melhorar o semblante com um riso: ler o boletim meteorológico. E' gozado!



10º — Quando, nas ruas próximas à praia, virem uma linda criatura, não se apressem a assobiar daquele jeito. Vejam bem de perto, pois pode ser um homem, e isto é de amargar.

Do pai incógnito, Conde de Salamaleques



Achado — Num ônibus da zona sul achou-se um embrulhinho com uma cueca com as iniciais B. P. Quem tiver coragem de entregar ao dono pode aparecer. (Sem responsabilidade da redação.)

PENSAMENTOS GIRAFALIS

A girafa é um quintúpede, com quatro pés para baixo e um para cima.

★

Girafa não é animal; é um pescoço que anda.

★

E' mais fácil um camelo se salvar do que uma girafa passar pelo buraco de uma agulha.

★

Se entre as girafas houvesse indústria, a mais florescente seria a dos colarinhos.

★

Em festa de girafas caranguejo não entra.

★

No dia em que girafa perder o pescoço, muita gente perderá o prestígio.

★

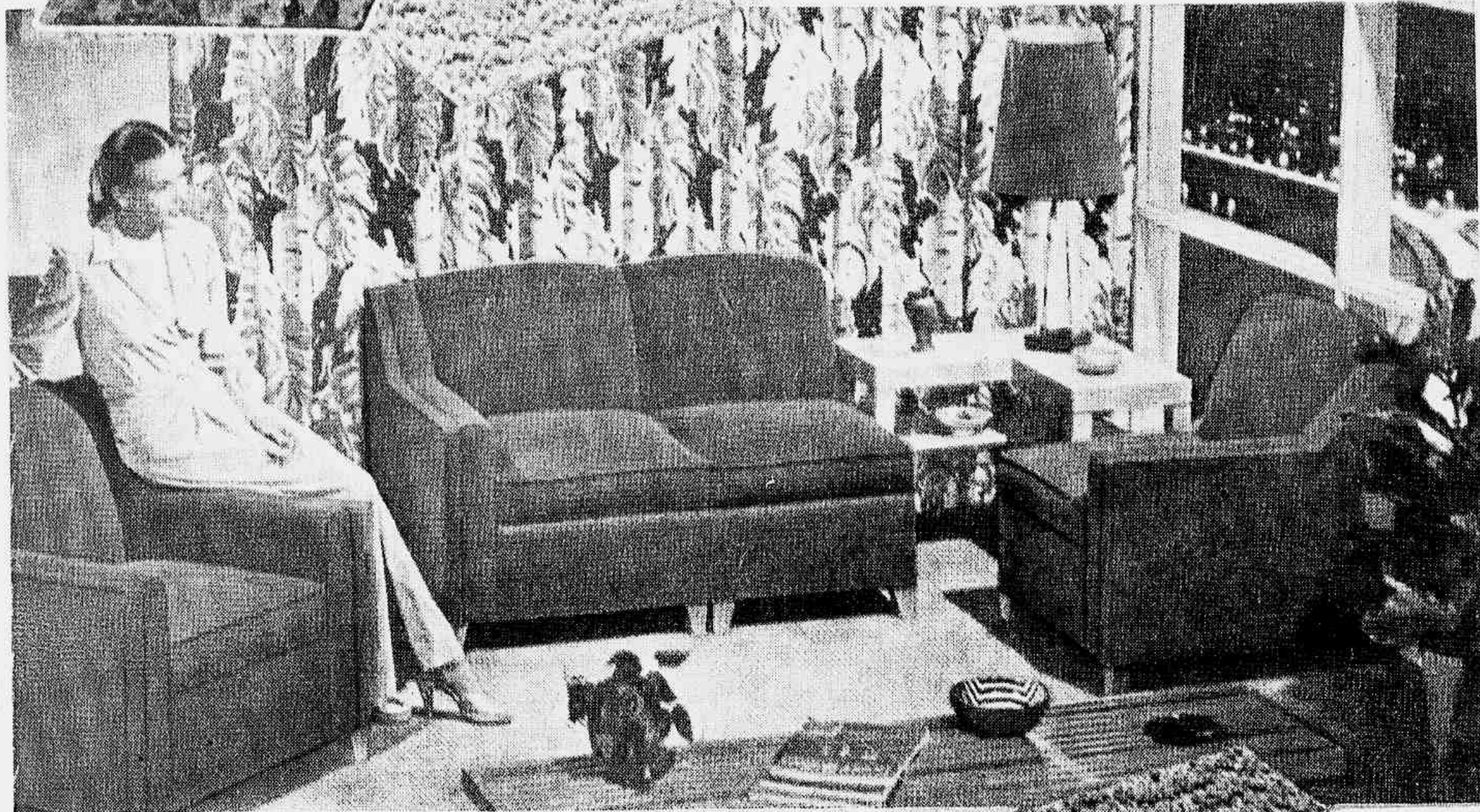
O pescoço da girafa cresceu assim, pelas diversas tentativas de suicídio por enforcamento.

★

Já se fala em tundar uma fábrica de elevadores de girafas.

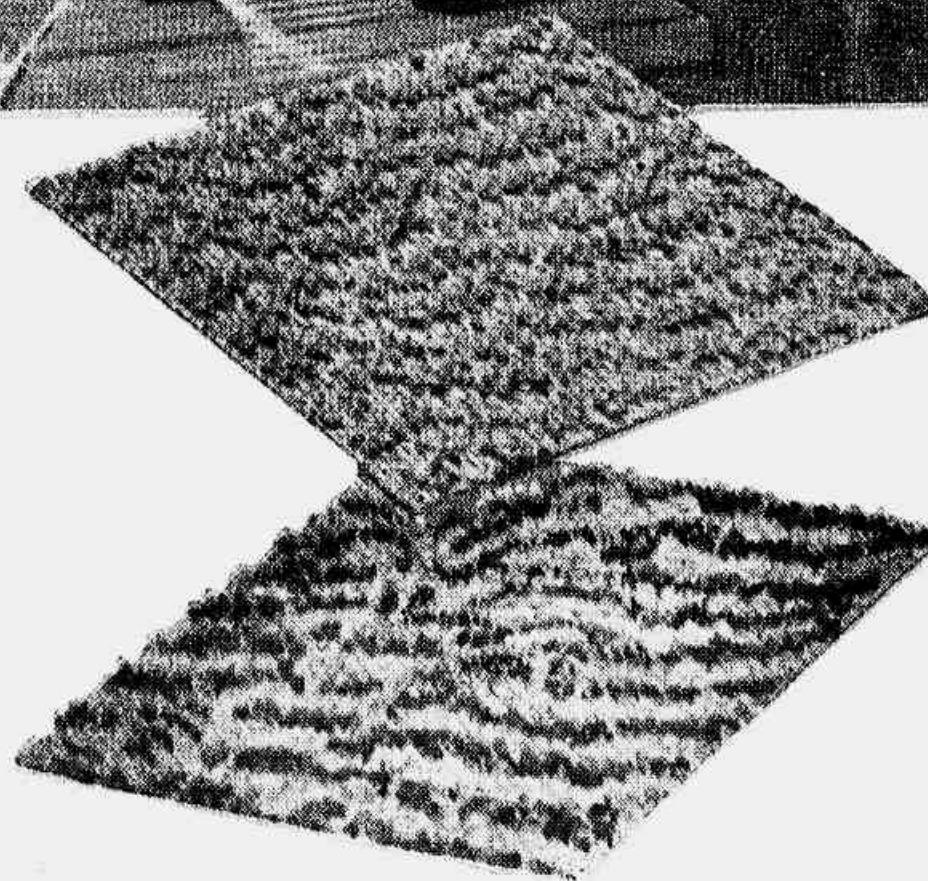
Guilherme, o Tal





SIMPLICIDADE

Os tecidos -- das cortinas, em cretone inglês, e do grupo, em gorgorão Coimbra -- assim como a cobertura -- executada em passadeira gris-perle aveludada -- foram selecionados para estabelecer agradável contraste com os móveis claros e de linhas simples, dando caráter e originalidade ao ambiente... obra que só um bom decorador poderia executar com perfeição e economia



Grande sortimento de TAPÊTES franceses, persas, indianos, portugueses
e nacionais em tôdas as côres e tamanhos

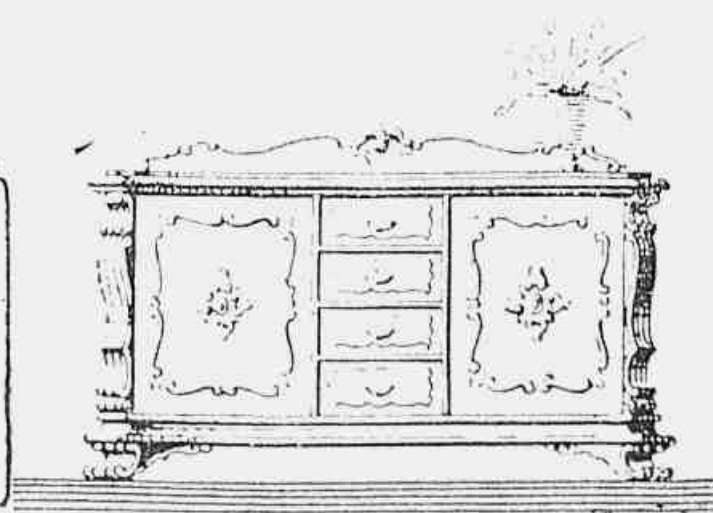
★ TAPÊTES ★
★ PASSADEIRAS ★

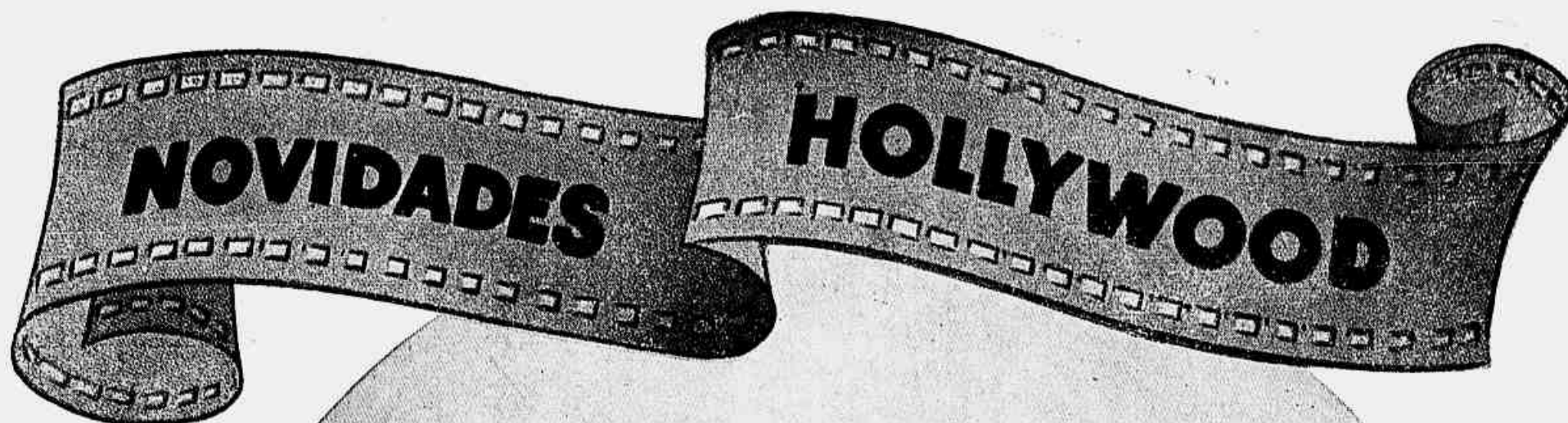
MOVEIS E DECORAÇÕES

ASA UNES

65 • RUA • RIO • DA • CARIÓCA • 67

★ TECIDOS ★
★ NOVIDADES ★





Hollywood - Calif. — Está despertando o maior interesse em Hollywood o novo filme da Metro Goldwyn Mayer — "Sua Espôsa e o Mundo", com Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone. O filme é dirigido por Frank Capra e será brevemente lançado no Brasil.

Quando artistas como Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson ou Angela Lansbury escolhem um cigarro, não é o preço que os atrai, mas a *qualidade*! E é por isso que preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Você está certo escolhendo Hollywood!

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz